MEMÓRIAS DO CATIVEIRO DE CLEVELAND

Libertada

Uma década de escuridão, uma vida recuperada



Michelle Knight

com Michelle Burford

FONTANAR

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.site*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

Michelle Knight
com Michelle Burford

Libertada

Uma década de escuridão, uma vida recuperada

Tradução
Michele Vartuli

FONTANAR

Nota aos leitores:

Ao recontar os acontecimentos nestas memórias, a cronologia foi comprimida ou alterada e detalhes foram mudados para auxiliar a narrativa. Onde falas são citadas, a intenção foi recriar a essência dos diálogos, e não fazer citações *ipsis litteris*. Os nomes e características de identificação de alguns indivíduos foram mudados.

Copyright © 2014 by Lillian Rose Lee

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA OBJETIVA LTDA.
Rua Cosme Velho, 103
Rio de Janeiro – RJ – CEP: 22241-090
Tel.: (21) 2199-7824 – Fax: (21) 2199-7825
www.objetiva.com.br

Título original
Finding Me

Capa
Adaptação de Bárbara Estrada sobre o design original de Leigh Taylor

Foto de capa
Deborah Feingold

Revisão
Lilia Zanetti
Ana Grillo
Suelen Lopes

Coordenação de e-book
Marcelo Xavier

Conversão para e-book
Filigrana

PRISA EDIÇÕES

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

K27L
Knight, Michelle
Libertada [recurso eletrônico] : uma década de escuridão, uma vida recuperada / Michelle Knight, Michelle Burford ; tradução Michele Vartuli. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Objetiva, 2014.
recurso digital

Tradução de: *Finding me*

Formato: ePub
Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions
Modo de acesso: World Wide Web
203 p. ISBN 978-85-390-0604-5 (recurso eletrônico)

1. Knight, Michelle. 2. Mulheres - Estados Unidos - Biografia. 3. Livros eletrônicos. I. Burford, Michelle. II. Título.

14-12069 CDD: 923.273
CDU: 929:32(73)

Para Joey

Sumário

Capa

Folha de rosto

Créditos

Dedicatória

Prefácio

1 – Encontrada & perdida

2 – Minha família

3 – Debaixo da ponte

4 – Em fuga

5 – Esperando um bebê

6 – Ursinho

7 – Perdendo Joey

8 – Desaparecida

9 – Prisioneira

10 – O calabouço

11 – Lobo

12 – O quintal dos fundos

13 – TV & um banho

14 – A segunda garota

15 – Grávida

16 – A terceira garota

17 – Minha nova irmãzinha

18 – Vozes

19 – O furgão

20 – Trabalhos forçados

21 – A luz da casa

22 – Juju & Chelsea

23 – Mostarda

24 – Espancada

25 – Encontradas

26 – Recomeçando

Posfácio: Uma vida recuperada

Agradecimentos

Caderno de fotos

Prefácio

No dia em que desapareci em 2002, pouca gente pareceu notar. Eu tinha 21 anos — era uma jovem mãe que parara numa loja de conveniência Family Dollar, uma tarde, para pedir informações. Durante os 11 anos seguintes, fiquei trancafiada no inferno. Essa é a parte da minha história que talvez você já conheça. Há muito mais coisas que você não sabe.

Eu nunca falei da vida dolorosa que levava antes de ser sequestrada. Nunca revelei por que conversei com o homem que me abordou na loja, ou a sensação macabra que tive quando saímos dali. Nunca discuti o que realmente aconteceu entre mim, Gina e Amanda dentro daquela casa. Na verdade, nunca contei toda a minha história. Até agora.

Não sou a primeira pessoa a enfrentar uma provação como essa. E toda vez que um grande caso de sequestro vem à tona, todos ficam chocados. Jaycee Dugard, que passou 18 anos acorrentada numa barraca nos fundos de uma casa na Califórnia; Elizabeth Smart, que foi levada de seu quarto em Salt Lake City no mesmo verão em que fui sequestrada; Shawn Hornbeck, o garoto do Missouri que foi raptado enquanto ia de bicicleta para a casa de um amigo; e em novembro de 2013, as três mulheres de Londres que foram encontradas depois de passar trinta anos como escravas. Histórias desse tipo viram notícia, mas quando a poeira baixa, é fácil esquecer todas as pessoas que continuam desaparecidas. Esse é um dos motivos que me levaram a abrir minha vida neste livro: quero que todos se lembrem daqueles que estão perdidos.

E quero pedir a você que, se um dia notar algo que pareça estranho numa situação — uma criança que falta muito às aulas, uma mulher que parece não poder sair de casa —, por favor, chame a polícia e peça que investiguem. Não se preocupe em parecer bobo se estiver tudo bem. Pelo menos você terá a paz de espírito de saber que poderia ter ajudado alguém que estava em perigo. Por favor, sempre reserve dois minutos para fazer essa ligação.

Invisível — foi como me senti durante os quase 4 mil dias em que sobrevivi no buraco infernal de Ariel Castro. Todo santo dia, eu só conseguia pensar em voltar para o meu filho, Joey. Eu não teria acreditado, antes que acontecesse

comigo, mas agora sei que qualquer um pode ser sequestrado. Em qualquer lugar. A qualquer momento. E no dia de verão em que aconteceu comigo, poucas pessoas pareceram se importar. Ninguém fez vigília. Nada apareceu no noticiário. Nem meus parentes, tampouco os vizinhos se reuniram para espalhar cartazes. O mundo todo seguiu em frente como se eu nem estivesse viva. Eu me sentia gritando a plenos pulmões, mas ninguém me ouvia.

Toda pessoa que está perdida é filha de alguém. Jamais saberemos os nomes de todas elas, mas ainda podemos mantê-las em nossa mente. Como já falei, também podemos nos fazer ouvir quando algo parece estranho. Meus 11 anos teriam sido muito mais breves se mais pessoas tivessem prestado atenção e reservado um momento para ligar para a polícia.

Por mais que tenha sido difícil relembrar o que aconteceu comigo, viver tudo aquilo foi ainda mais difícil. Algumas lembranças minhas estão totalmente despedaçadas. Nem sei se é possível entender esse caos, mas foi o que tentei fazer. Provavelmente esqueci algumas coisas, no entanto isto é o que lembro, depois de ser mantida prisioneira por 11 anos. O homem que roubou grande parte da minha vida preferiria que eu ficasse quieta. Mas é exatamente por isso que não devo ficar. Mesmo antes de me ver no lugar errado, na hora errada, eu já sentia que não tinha voz. Por isso agora quero falar por todas as mulheres e crianças desaparecidas que ainda não estão sendo ouvidas. Espero que nunca mais ninguém se sinta como me senti por tantos anos: jogada fora. Ignorada. Esquecida.

Sim, eu sobrevivi a uma das experiências mais terríveis que podem acontecer a um ser humano, mas, acima de tudo, minha história fala de esperança. Posso ter sido acorrentada, desnutrida e espancada, entretanto aquele monstro não foi capaz de esmagar completamente o meu espírito. Eu sempre decidia me reerguer e seguir em frente. Agora vou contar como consegui isso.

1

Encontrada & perdida

ACORDEI cedo naquela manhã de setembro de 2013, por volta das 5h. Na noite anterior, mal conseguira dormir. Um turbilhão de pensamentos girava na minha cabeça. *Como foi a vida de Joey desde a última vez que o vi? Qual a aparência dele, agora que tem 14 anos? Ele está feliz em seu novo lar? Está indo bem na escola? O que quer ser quando crescer? Será que ele sabe que sou a mãe dele?*

Eram tantas perguntas que eu queria fazer, tantos anos que perdi. Eu queria muito ver meu filho pessoalmente, mas não podia — por enquanto, pelo menos. A família que o adotou aos 4 anos temia perturbar a vida dele. Eu entendia perfeitamente, mas isso partia meu coração mesmo assim.

— Por enquanto — Peggy, minha advogada, me disse —, eles estão dispostos a mandar algumas fotos de Joey. Mas você precisa mantê-las escondidas para proteger a identidade dele. — Na manhã da nossa reunião, íamos nos encontrar para que ela me mostrasse as fotos.

Peggy me entregou as folhas e eu as abri sobre a mesa. Eram oito fotografias fotocopiadas, quatro em cada página. Assim que vi a primeira, lágrimas quentes escorreram pelo meu rosto.

— Meu Deus, ele se parece tanto comigo! — eu disse. Joey estava usando um uniforme azul de beisebol e um boné sobre o cabelo escuro e cacheado. Estava de pé, com o taco sobre o braço. A foto parecia recente. Ele ainda tinha aquele lindo narizinho arrebitado e parecia alto para a sua idade... deve ter puxado ao pai, que media 1,85m. Mas aquele sorriso largo, as orelhas pequenas e os lábios grandes e carnudos? Tudo isso veio de mim. Afastei as fotos para o lado, a fim de que as lágrimas que pingaram das minhas bochechas não as estragassem. Peggy me entregou um lenço de papel. — Olha — eu disse em meio às lágrimas —, ele adora beisebol, como eu!

Fiquei olhando as fotos, uma de cada vez. Na segunda, ele parecia ter uns 7 anos e estava ajoelhado, de terninho. Na seguinte, estava mexendo massa de biscoito numa tigela.

— Ele gosta de cozinhar, como eu! — exclamei. Além da foto de uniforme de beisebol, havia uma em que ele segurava um taco de hóquei, outra em traje de mergulho numa piscina, e mais outra dele patinando. — Uau, ele deve gostar muito de esportes — eu disse.

Peggy fez que sim e sorriu para mim. Em todas as fotos, ele parecia feliz. Muito feliz.

Passei os dedos devagar pelo rosto de Joey. Eu queria tocá-lo e abraçá-lo. Dizer para ele o quanto sentira sua falta. Mas cinco meses depois de fugir da minha prisão com a esperança de reencontrar Joey, aquilo era o mais perto que eu podia chegar dele.

Quando cheguei em casa naquela noite, peguei as fotografias para admirá-las de novo. Vendo os olhos brilhantes e o grande sorriso de Joey, senti cada emoção que uma mãe que perdeu um filho pode sentir. Como pesar. As coisas poderiam ter sido tão diferentes para nós. E raiva. Por que aquele desgraçado tinha que escolher a mim para sequestrar? E também alegria e alívio. Graças a Deus alguém havia cuidado do meu bebê. Enfiei as duas folhas numa pasta azul, na qual eu já havia colado um adesivo de borboleta.

Aquele dia no escritório de Peggy não foi um fim. De certa forma, é onde minha história começa. Eu saí em busca do meu filho duas vezes — primeiro quando ele tinha só 2 anos e meio, e novamente depois que fomos separados por 12 longos anos. Eu só esperava que logo pudesse abraçá-lo forte mais uma vez.

2

Minha família

SEMPRE VOU me lembrar do interior daquela perua marrom — os tapetes imundos no assoalho e o fedor de maçãs podres. Quando eu tinha 4 anos, minha família morava naquele carro. Eu, meus irmãos gêmeos de 2 anos, Eddie e Freddie, e meu priminho, Mikey, todos nos amontoávamos na parte de trás daquela perua e tentávamos nos aquecer debaixo de um cobertorzinho sujo.

— Me dá espaço! — Freddie gritava. Ele era o mais falante dos gêmeos... e aquele que costumava monopolizar as cobertas. Fechava seu pequeno punho e empurrava Eddie, que era bastante calmo para a sua idade, não reagia muito. Embora eles fossem idênticos e tivessem a mesma pele morena e cabelo escuro e cacheado, eu conseguia distingui-los vendo quem estava brigando mais.

— Para de empurrar ele, Freddie — eu dizia. Como eu tinha uns dois anos a mais, era a irmã mais velha encarregada de apartar as brigas. — Toma, podem puxar um pouco das minhas cobertas — eu dizia, quando eles começavam a puxar o cobertor de um lado para o outro. — Mas parem de brigar. — Isso funcionava por uns três minutos, e logo eles começavam de novo. Eu adorava todos eles, embora me deixassem louca.

Certos dias, meu pai estacionava perto de um pomar de maçãs nos arredores de Cleveland. Pegávamos nossas refeições diretamente do pé. Eu comia maçãs verdes até minha barriga doer.

— Põe mais essas lá atrás, pra gente comer mais tarde — minha mãe dizia. Ela jogava uma maçã de cada vez do banco da frente para nós. Quando eu pegava uma, usava para brincar de esconde-esconde com o pequeno Mikey, que tinha cabelo castanho e era bem magrinho.

— Adivinha onde escondi a minha? — eu perguntava. Mikey só dava de ombros e sorria.

— Eu sei, eu sei! — Freddie gritava. — Tá atrás de você!

Eu a puxava de detrás das minhas costas e a agitava diante do rosto de Mikey, que morria de rir. Ele caía nesse truque toda vez. Nós nos divertíamos por horas com brincadeiras bobas como essa. E sempre que íamos para aquele pomar,

escondíamos tantas maçãs ali atrás que às vezes esquecíamos onde estavam. Por isso o carro todo fedia.

Não sei como havíamos ficado sem teto — ou como fomos parar em Ohio. Meus pais nunca falaram muito de suas vidas. Com o passar dos anos, fiquei sabendo de algumas coisas. Por exemplo, uma vez mamãe me contou que ela era uma mistura de sangue irlandês, negro, hispânico, indiano, árabe e italiano.

— A gente é vira-lata — ela dizia. Deve ser daí que vêm meus lábios grossos, especialmente porque os dela também eram assim. E às vezes eu a ouvia dizendo palavras em espanhol ou árabe; portanto, ao menos aquela parte devia ser verdade. Ela também gostava de dizer: "Criança é pra ser vista, não pra ser ouvida."

Eu tinha muitas perguntas. Ela cresceu falando esses idiomas? Os pais dela ensinaram? Ela sempre tinha morado em Ohio? Mas os adultos que eu conhecia não contavam nada para nós, crianças. Como meu pai dizia, quando eu fazia perguntas sobre sua vida: "Isso é assunto de gente grande." Por isso, não faço nem ideia de onde ou como eles cresceram.

Acho que passamos mais de um ano, talvez, naquela perua. Quando nos mudamos, nossa vida não melhorou muito. Não sei como se chamava aquele primeiro bairro, mas sei que nossa casa de três quartos ficava no gueto. Havia prostitutas, cafetões e traficantes nas esquinas. Havia gente passando de carro e atirando. E no fim da rua tinha uma loja de bebidas que ficava aberta a noite toda. Nós ficamos pouco tempo naquela casa. Durante toda a minha infância, nos mudamos tantas vezes que até perdeu a graça. Acho que íamos para uma casa diferente a cada dois ou três meses. É sério. Minha tia e meu primo se mudavam conosco. Muitos outros familiares viriam depois, mas já vou falar disso.

Sempre que nos mudávamos, era para as piores partes da cidade. Cleveland tem dois lados, o leste e o oeste, e o rio Cuyahoga passa bem no meio. Em geral, ficávamos no lado oeste. As poucas vezes que fomos de carro para o outro lado do rio, notei que as pessoas daquele lado moravam em casas grandes, com amplos jardins gramados na frente. As ruas pareciam tão limpas que daria para comer em cima delas. Até o ar cheirava melhor. Eu queria poder morar naquela parte da cidade. Não queria voltar para casa; era uma pocilga. Sempre que via algo na TV sobre as moradias populares em outra cidade, eu pensava: "Isso parece melhor que o nosso bairro." Para ser sincera, aquilo era um buraco.

Eu me lembro de um bairro onde moramos em várias casas — Tremont. Fica perto do centro. Nos lugares em que moramos, havia muitas gangues e tráfico.

As calçadas eram cheias de seringas. Ao menos uma vez por semana, eu ouvia tiros no meio da noite. *Bum!* Eddie, Freddie, Mikey e eu dormíamos todos num quarto, na época, e íamos nos esconder num canto do closet minúsculo.

— Você tá bem? — eu perguntava para Eddie. Os lábios dele estavam tremendo.

— Tô — ele murmurava. Eu percebia que ele estava com tanto medo quanto eu. Mas por ser a irmã mais velha e protetora, eu fingia ser forte.

— Vai ficar tudo bem — eu sempre dizia para ele.

Eu achava o interior da nossa primeira casa um nojo. Ela tinha dois andares e quatro quartos. O carpete era marrom, com algumas manchas nojentas. Nosso banheiro também era nojento, e o fogão estava quebrado.

Depois que nos mudamos para aquela casa, um monte de parentes veio morar com a gente. Eu ficava pensando: *Onde estava todo esse povo quando estávamos morando naquela perua?* E além de todas as tias, tios e primos que vieram morar conosco, conheci mais parentes ainda depois de bem mais velha, como minhas primas Lisa e Deanna. Toda vez que mais uma pessoa se mudava para lá, eu perguntava: “Quem é *essa*?” Ninguém nunca me respondia.

Num dado momento, havia 12 pessoas morando naquela casa, então as coisas eram bem agitadas. Além disso, parecia que sempre havia estranhos chegando e saindo a qualquer hora do dia ou da noite. A campainha tocava muito, e homens mal-encarados muitas vezes traziam encomendas. Muitas noites, era difícil dormir por causa das festas barulhentas dos adultos. A maior parte do tempo, a casa toda fedia.

Eu não tinha um quarto só meu. Meus primos e eu vivíamos sendo mudados de quarto.

— Onde você vai dormir esta noite? — uma das minhas tias me perguntou uma vez.

— Não sei — respondi. — Vou procurar um lugar.

Naquela noite, levei meu cobertorzinho azul para o quarto onde estavam Eddie e Freddie e dormi ao lado do colchão deles, no chão. Às vezes eu dormia no quarto dos meus pais. Às vezes até dormia no andar de baixo, no sofá da sala. Meus irmãos e Mikey também mudavam de lugar de vez em quando, mas costumavam ficar num quarto só. Por algum motivo, eu era a criança que mais mudava de lugar, especialmente quando alguém novo chegava. Era caótico, para dizer o mínimo.

Quando eu ainda era bem jovem, aconteceu uma coisa que me mudou para sempre. No meio da noite, com sede, me levantei da bicama onde estava

dormindo. Tropecei num monte de coisas no escuro. Quando cheguei na sala, minha mãe estava dormindo lá, vestida. Fui para a cozinha, encostei uma cadeira na pia e peguei um pouco d'água. Quando voltei para a minha cama, um parente meu estava sentado nela.

— Não tenta fugir — ele disse no meu ouvido.

Comecei a chorar. Minha mente trabalhava loucamente: *Por que ele tá na minha cama? Mamãe tá ouvindo isso?*

— Só faz o que eu mandar e não vai se machucar — ele disse. Enfiou uma mão na cueca e então pôs a outra na minha cabeça e a empurrou para baixo, na frente dele. Eu queria gritar, mas quando tentei, não saiu nenhum som. — Se você contar pra alguém — ele disse —, eu te mato.

Eu fiquei com tanto medo. A única coisa que podia fazer era tentar conter o barulho do meu choro. Depois fiquei deitada ali, me sentindo suja e totalmente sozinha.

Eu nunca contei para a minha mãe. Ficava pensando no que o homem dissera, que ia me matar. E isso não aconteceu só naquela noite. A partir de então, ele começou a abusar de mim de todo jeito. No início, eram poucas vezes por semana. Mas quando fiquei um pouco mais velha, passou a ser quase todo dia. Em qualquer cama que eu estivesse, parecia que ele sempre conseguia chegar e me achar. Eu tinha tanto medo daquilo que chegou ao ponto de eu nem querer ir para a cama à noite. Às vezes eu tentava ficar acordada até bem tarde e me esconder num armário. Se ele não conseguisse me encontrar, talvez esquecesse de fazer aquelas coisas nojentas comigo. Era o que eu sempre esperava, mas em geral não funcionava.

AS MANHÃS ERAM UMA LOUCURA na nossa casa. Às vezes, conseguíamos escovar os dentes. Outras vezes, nem tanto. Quando podíamos, escovávamos, e isso era umas duas vezes por semana, talvez. Eu sempre sentia minha boca suja e grudenta por dentro.

— Vem cá, Eddie — eu dizia para o meu irmão, tentando enfiar a escova de dentes em sua boca. Enquanto eu escovava os dentes dele, Freddie, Mikey e mais uma meia dúzia dos meus priminhos mais novos ficavam correndo para todo lado e brincando. Muitas vezes faltavam coisas como sabonete e pasta de dentes, por isso, mesmo depois que acabava de escovar os dentes de Eddie, em geral não sobrava o suficiente no tubo para todos os outros.

Depois que terminava de escovar os dentes de um dos meninos, eu começava a ajudar Mikey, que não sabia tomar banho sozinho.

— Obrigado, Mi-Shell! — ele dizia, com um sorrisão, depois que eu lavava o cabelo dele, enxugava seu corpo magrinho e o tirava da banheira. Ele tinha dificuldade para pronunciar certas palavras, inclusive o meu nome. Mas era sempre um docinho de menino.

Quando havia comida em casa, tomávamos café da manhã. Meus irmãos, em geral, comiam uma tigela de Fruity Pebbles.[1] Era do tipo genérico, mas eles adoravam.

— Fruity Pebbles! Fruity Pebbles! Fruity Pebbles! — os gêmeos cantavam juntos às vezes, de manhã, enquanto corriam pelo andar de cima só de cuequinhas do Superman. Fruity Pebbles era uma das poucas comidas que eles comiam. Eu não acreditava que eles se davam ao luxo de ficar escolhendo, quando mal tínhamos o que comer. Já naquela época, eu achava isso esquisito. Eu queria que meus pais tivessem mais dinheiro para comprar coisas básicas para nós, mas me parecia que nenhum dos dois conseguia parar num emprego por muito tempo. Mamãe, uma vez, conseguiu um emprego fixo de enfermeira, mas não durou muito. Não sei bem o que meu pai ou os outros adultos da casa faziam. Só sei que nunca havia muito dinheiro.

No café da manhã, em geral, eu comia um Pop-Tart.[2] Eu não ligava muito para o que fosse — só queria comer *alguma coisa* para minha barriga parar de roncar. Raramente comíamos alguma refeição quente. Quando o fogão estava quebrado, tentei esquentar uma lata de ravióli encostando-a no aquecedor. Não funcionou, mas eu tentei, porque queria que meus irmãos e primos pudessem comer algo quente, para variar. Uma vez, consegui esquentar uns cachorros-quentes naquele aquecedor.

— Venham aqui, meninos — eu disse, tentando reunir todos os pequeninos. — Sentem aqui no chão e comam. — Eu os enfileirei no carpete sujo e entreguei os cachorros-não-tão-quentes, um por um. Não tínhamos nem pãezinhos. Salsichas, macarrão instantâneo, cereal, macarrão e ravióli em lata — comíamos sempre essas coisas. Quase tudo era industrializado.

Antes de ir para a escola, eu sempre ajudava meus irmãos a se vestirem. Freddie costumava saltitar pelo quarto, cantando. Eddie, que costumava imitar Freddie, às vezes o acompanhava. Embora os dois fossem idênticos, não tinham roupas iguais. Eu mal conseguia achar roupas suficientes para vestir os dois, muito menos roupas iguais. Sempre que eu entrava no quarto onde eles mais

dormiam, suas roupas estavam espalhadas para todo lado! Cuecas, meias, camisetas — jogavam tudo no chão. Eu vivia arrumando a bagunça deles.

Depois que eu os vestia e dava uma recolhida em suas roupas, os dois iam para a escola, que não era a mesma que eu frequentava. Então eu escovava meu cabelo castanho, que batia no ombro, fazendo força para me ver através dos óculos fundo de garrafa (sempre tive vista fraca, desde que me conheço por gente), e saía para pegar meu ônibus.

Metade do tempo, eu mal conseguia ir à escola. Parecia que eu faltava ao menos um ou dois dias toda semana. A primeira escola de que me lembro é a Mary Bethune — acho que fiz o segundo ou o terceiro ano lá. Muitas vezes, minha mãe ia à escola me tirar da aula. Era uma consulta no médico, ou no dentista, ou algum outro compromisso: algum parente que havia morrido ou que estava se casando. Depois eu precisava pôr os trabalhos em dia, e sempre tinha um monte. Eu detestava ficar atrasada assim. Por algum motivo, eu sentia que era tirada das aulas bem mais do que meus irmãos. Mas tudo o que eu queria era assistir às minhas aulas — e ser normal, como as outras crianças.

Quando eu conseguia ir à escola, me sentia uma idiota. Eu pedia para as outras crianças: “Você pode me passar o dever de casa da semana passada?” Quando alguém me dava, eu anotava, e depois fazia o melhor que podia para estudar em casa. O principal motivo de eu detestar o dever de casa era por perder tantas aulas. Era assim que acabava reprovada em algumas matérias. Quando eu tinha de 12 para 13 anos, mal tinha terminado o sexto ano! Eu era sempre a menina mais velha da classe, e isso era péssimo.

Alguns dos meus professores pareciam preocupados com o meu mau desempenho. Um ou dois tentavam me segurar depois da aula para ajudar a me recuperar. Mas isso é difícil se você só consegue ir à aula dois ou três dias por semana. Para que se dar ao trabalho, se depois você vai ficar atrasada de novo?

Um ano, uma professora que sabia que eu ia ser reprovada me perguntou:

— Está tudo bem em casa?

Fiquei quieta por um instante, mas depois disse que sim. Por mais que ela fosse legal, eu sabia que não podia lhe contar a verdade sobre o que eu estava passando.

Ninguém era meu amigo. E quero dizer *ninguém* mesmo. Quando eu estava no quinto ano, fui até uma menina no refeitório e tentei me apresentar. Eu disse:

— Olá, meu nome é Michelle. — Estendi a mão para que ela apertasse, mas ela se afastou de mim bem rápido.

— Aaaah, teu bafo fede! — ela gritou.

Eu me senti completamente humilhada. Isso me fez perder a vontade de falar com outras crianças, por isso eu sempre me escondia no fundo da sala. Quando a professora me perguntava alguma coisa, eu não queria falar. Uma vez ela disse:

— Michelle, qual é a capital de Ohio?

Eu sabia a resposta, mas não queria dizer em voz alta, porque não conseguia pronunciar certas palavras.

— Colum... hã, quero dizer, Columbus — tentei dizer. Todos riram de mim. Eu queria gritar: “Não sou retardada!” Mas acho que não teria feito muita diferença, porque as pessoas já achavam que eu era meio lenta.

Aquela professora tentou fazer todos serem mais legais comigo.

— Turma, não é gentil rir das pessoas — ela disse.

Eu podia ver que ela sentia pena de mim. Ela e alguns outros professores tentaram fazer as outras crianças serem minhas amigas.

— Por que você não se senta junto com a Michelle e lê no livro dela? — minha professora de leitura disse para uma menina da minha classe, uma vez.

— Eca, ela tem um cheiro esquisito! — a menina disse.

A professora deu uma bronca nela e a obrigou a se sentar comigo assim mesmo, mas sempre que ela virava de costas, a menina tapava o nariz. As outras crianças riam baixinho, e eu queria afundar no chão.

E havia muitas ocasiões em que as outras crianças podiam tirar sarro de mim, quando os professores não estavam por perto. No corredor, elas gritavam:

— Você é muito burra! — E: — Fedida! — Um menino da minha turma de matemática disse uma vez: — Você é uma feiosa retardada. — Eu nem olhei para ele. — O único jeito de algum cara gostar de você vai ser pondo um saco na sua cabeça — ele acrescentou.

Eu fingi que aquilo não me magoava. Mas magoou. Eu detestava a minha aparência, meu cabelo sujo e minhas roupas de segunda mão. Eu fedia. E era um desastre em quase todas as matérias — quase só tirava D e F.

Comparada à minha, a vida das outras crianças parecia muito melhor. Para começar, eles tinham roupas de marca. Algumas também eram pobres, mas acho que minha família estava pior ainda.

Muitos adultos do meu bairro dependiam da Previdência, mas alguns trabalhavam. Eu sempre via grupos de mulheres com uniformes de enfermeiras e domésticas no ponto de ônibus. Meus pais não nos deixavam ir para as casas de outras crianças, por isso não sei ao certo qual mãe fazia o quê. Acho que muita gente daquela região vendia drogas, mas pelo menos conseguia dar aos filhos comida suficiente e roupas decentes! Eu só tinha duas ou três mudas de roupa. E,

olha, não eram de nenhuma marca conhecida. Eu usava camisetas da década de 1960 compradas na Goodwill.[3]

De vez em quando, alguns colegas da escola eram legais de verdade comigo. Uma menina tentou me dar dinheiro, mas eu recusei.

— Obrigada — eu disse —, mas tá tudo bem. — Eu não achava certo aceitar o dinheiro dela. E ela nem queria ser minha amiga, na verdade... só estava com pena de mim. Porque quando tentei cumprimentá-la, depois disso, ela me deu as costas.

Havia outra menina que também não tinha muito dinheiro. Ela sempre ia à escola cheirando mal. Nós estávamos no mesmo nível; ela não falava com ninguém porque as outras crianças não chegavam perto dela. Um dia, eu trouxe um desodorante da minha casa e dei para ela. Eu disse:

— Toma, vai se lavar um pouco.

Ela aceitou e me agradeceu.

A aula de artes era a única de que eu gostava. Aquela professora era a única que parecia se interessar por mim.

— Você tem um dom — ela me disse, quando viu um dos meus desenhos. Na aula, eu desenhava todas as coisas com que sonhava. Desenhava grandes casas onde eu gostaria de morar. Desenhava famílias sentadas à mesa, jantando. Desenhava crianças no parque com os pais, sob um céu azul. Desenhava lindas borboletas. Eu desenhava qualquer coisa que me fizesse pensar menos em tudo o que estava acontecendo em casa.

Por alguma razão, eu também adorava desenhar lobos. Acho que são os animais mais lindos que já vi. No quinto ano, desenhei um monte de lobos em cada página de um dos meus cadernos de espiral. Em casa, mesmo sempre mudando de um quarto para outro, eu levava meus cadernos e lápis comigo. Eram as únicas coisas que eram só minhas.

Eu também adorava música. Nas reuniões da escola, todas as crianças ficavam de pé e cantavam o Hino Nacional Negro. *“Lift every voice and sing till earth and heaven ring, ring with the harmonies of liberty. Let our rejoicing rise high as the listening skies, let it resound loud as the rolling sea.”*[4] Aquela canção me deixava arrepiada! Ainda deixa. Às vezes, à noite, quando aquele homem estava em cima de mim, eu cantava esse hino mentalmente para tentar não pensar no que estava acontecendo comigo.

Em casa, eu ouvia muito rádio, sobretudo rhythm & blues. Adorava Mariah Carey, Jay-Z, Nas. Adorava o ritmo. Às vezes eu ficava sentada num canto, desenhando, enquanto meus primos dormiam em outro quarto. Quando não

havia ninguém por perto, eu me levantava e dançava. Além de desenhar, dançar era outra coisa que eu sabia fazer bem.

Mesmo indo mal na escola, eu gostava de ler e escrever. Meus livros favoritos eram histórias de terror. Eu vivia lendo romances de Stephen King. E não, eles não me davam medo — eu adorava o suspense e os sustos. Até hoje, ainda aprecio muitos livros e filmes de terror. Quando eu estava no sexto ano, uma vez, fiquei das 18h até a madrugada do dia seguinte escrevendo um relatório sobre um livro de que gostei. Fiquei muito orgulhosa do que escrevi, e, ao menos daquela vez, fiz mesmo meu dever de casa.

Quando eu deixava de ir à aula, precisava cuidar dos meus primos. Embora meus pais estivessem em casa, eles sempre me encarregavam disso. Muitos primos meus eram bem mais novos, e eu sempre tinha que cuidar de todo mundo. Havia um caminhão de primos em casa: Danielle, Christopher, April, Ricky, Eugena e mais um monte.

A uma certa altura, dois bebês, que meu pai apelidou de Kiki e Rah Rah, apareceram lá em casa. Tinham 1 e 3 anos de idade, pele morena clara e cabelo crespo. Acho que eram um casal de filhos de algum membro da família que não podia cuidar deles. Ninguém nunca me contou o que acontecera, mas eu cuidava *muito* daqueles dois. Todo dia eu fazia marias-chiquinhas no cabelo preto e enrolado de Kiki e trancinhas afro no de Rah Rah.

— Ba-ba! Ba-ba! Ba-ba! — Kiki gritava quando queria que eu enchesse sua mamadeira de leite. Enquanto Rah Rah brincava com um caminhãozinho no chão, eu punha Kiki no meu colo e dava de mamar para ela. Os dois eram tão lindinhos, mesmo que eu sempre precisasse trocar suas fraldas fedorentas.

Eu vivi alguns bons momentos com meus irmãos e primos. Uma vez, fizemos uma pegadinha com minha mãe, no Dia das Mães. Saímos todos e achamos uma pedra grande. Pusemos uns barbantes nela para que parecesse um rato peludo. Deixei em cima do travesseiro dela. Quando ela acordou, disse:

— Quem colocou essa coisa aí?

Todos caímos na risada! Ninguém confessou, mas tenho certeza de que ela sabia quem tinha sido.

Eddie, Freddie e eu víamos TV juntos, às vezes. Adorávamos um seriado chamado *Kenan & Kel*. Kel era um adolescente que sempre dizia: “Quem adora refrigerante de laranja? Kel adora refrigerante de laranja! Não é verdade? Oh, sim, oh, sim, é verda-aaaade! Eu adoro, adoro, adoooro!” Toda vez que ele dizia isso, a gente morria de rir.

Entre todos os meus primos, eu me dava melhor com April, que era três ou quatro anos mais velha do que eu. Por algum motivo, a gente se deu bem logo de cara. Ela trabalhava meio período, por isso às vezes tinha algum dinheiro para comprar roupas. Como sabia que eu não tinha muitas, ela me emprestava algumas. Uma vez, até me deixou usar uma calça superlegal, com estampa de leopardo.

— Toma, prova essa — ela disse. — Vai ficar boa em você.

Ela também me levava para passear — meus pais me deixavam ir a pé até o Arby's com ela, porque ficava perto.

— Pode pedir o que quiser — ela dizia, tirando alguns dólares do bolso de trás do jeans. Quase sempre, eu pedia batatas fritas; eram tão deliciosas, especialmente com molho picante por cima. April era legal pra caramba, sobretudo porque me tirava daquela casa.

No verão, quando eu tinha 11 anos, April se ofereceu para me levar para patinar.

— Vamos andando até o rinque — ela disse. Ficava só a uns 15 minutos de casa, a pé. — A gente precisa sair dessa casa e curtir um pouco!

Eu fiz que sim e fiquei empolgada. De início, meus pais não queriam que eu fosse, porque não tinham dinheiro.

— Eu tenho algum sobrando — April falou. — Eu convido.

Vesti um short jeans e uma regata branca. Depois que April pagou nossas entradas, cinco dólares cada, calcei os patins — tamanho 32. Eu tentei patinar, mas caí meia dúzia de vezes de bunda no chão.

— Você tá indo muito bem! — April ficava dizendo. — Continua!

Quase no fim da noite, um garoto gordo caiu em cima de mim.

— Levanta! — April gritou. Ela tentou não rir, mas não pôde evitar. Quando consegui me levantar, caí na risada também. A caminho de casa, rimos mais. Foi uma das poucas vezes que me senti uma menina normal, capaz de fazer coisas normais. Eu adorava April por me deixar acompanhá-la e esquecer todas as outras coisas que estavam acontecendo na minha vida.



QUANDO FIZ 11 ANOS, fiquei menstruada pela primeira vez. Só que eu nem sabia que era a menstruação, porque já sangrava por ali desde os 5 anos. E àquela altura, com 11 anos, as coisas ruins que aquele sujeito fazia comigo começaram a ficar piores. Muito piores.

Podia acontecer em qualquer lugar. No porão, por exemplo. Ou em qualquer cama da casa. Depois que acabava, eu ficava encolhida lá, me balançando. Mais tarde, me levantava, ia ao banheiro e ficava sentada na privada, com o sangue escorrendo. Não lembro o que eu dizia a Deus, mas fazia umas pequenas preces. Só para o caso de Ele realmente estar lá em cima, eu achava que valia a pena tentar. Mas se Ele estava, eu não entendia por que não parava aquele homem. A maior parte do tempo, eu estava tão triste e arrasada que me acostumei a me sentir assim.

Quando completei 15 anos e nós estávamos morando numa casa amarelo-canário em Tremont, comecei a ficar p da vida com a minha situação. Eu queria fazer alguma coisa para impedir aqueles abusos — *qualquer coisa*. Mas não era forte o suficiente para enfrentar o homem porque, na época, eu só pesava uns 35 quilos.

Assim, uma noite, pouco antes do Dia de Ação de Graças, pus dois comprimidos de tranquilizante no copo dele. Enquanto ele tomava uísque e via um pornô, eu fingia que dormia. Torci com todas as minhas forças para que ele me deixasse em paz só por uma noite — e foi o que aconteceu. A TV estava com o volume muito alto. Quando o filme acabou, a tela ficou azul. Ele começou a pegar no sono. Foi então que me enfiei inteira debaixo do lençol e esperei. E esperei.

Lá pela meia-noite, ele estava roncando. O mais silenciosamente que pude, levantei da cama. Fui até um canto escuro do quarto e tirei a camisola. Vesti meu jeans favorito e minha camiseta com a estampa de um lobo, cujas mangas eu tinha cortado para ficar de ombros de fora. Quando eu estava enfiando a camiseta na cabeça, ele fez um barulho. Fiquei imóvel e prendi a respiração.

Depois de alguns segundos, ele voltou a roncar. *Essa foi por pouco,* pensei. Corri para pegar minhas meias e meus tênis azuis. Depois, fui na ponta dos pés até o quarto onde Eddie e Freddie estavam dormindo. Mais cedo naquele dia, eu tinha escondido minha mochila lilás no armário deles. Fui me certificar de que eles estavam mesmo dormindo, depois peguei a mochila pelas alças. Estava pesada, porque eu tinha enfiado nela todas as roupas que pude encontrar, até algumas camisas dos meus pais. Também enfiei um cobertor fino de flanela. A última coisa que pus na mochila foi um maço de lápis que peguei na aula de artes, um apontadorzinho e quatro cadernos de espiral. Eu não tinha casaco.

Eu já sabia como ia sair de casa — havia planejado isso. Pus a mochila nos ombros e fui até o banheiro do térreo, porque tinha gente dormindo na sala. Da

janela, eu conseguia ver o quintal. Com toda a força, tentei abrir a janela. *Crac, crac*. No início ela estava emperrada, mas depois abriu.

Fiquei de pé sobre a privada e olhei para fora. *Não acredito que vou fazer isso*, pensei. Morria de medo de cair e quebrar a perna. *Será que alguém consegue me ouvir?* Prendi a respiração, porque não queria que ninguém acordasse e me agarrasse. Uma perna de cada vez, passei pela janela e pulei na grama.

Não fechei a janela. Não olhei para trás, para a casa. Não pensei na possibilidade de alguém ter me visto fugir. Eu já sentia que minha família não estava nem aí. Se tentassem me encontrar e me trazer de volta, eu achava que só poderia ser por um motivo — para me fazer cuidar de todas aquelas crianças.

No escuro, andei pela nossa rua e virei num beco. Não fazia ideia de para onde estava indo ou o que faria a seguir. Na verdade, eu não tinha plano nenhum preparado. Só sabia que precisava me afastar daquela casa. Daquele homem. Daquela vida. O ar gelado me atingia como mil facas. Mas eu estava prestes a entrar numa fria muito maior.

1 Cereal matinal com sabor de frutas, colorido e aromatizado artificialmente. (N. T.)
2 Biscoito de massa fina com recheio de fruta. (N. T.)
3 Entidade sem fins lucrativos que vende artigos recebidos em doação, como roupas usadas, na cadeia de lojas do mesmo nome. (N. T.)
4 “Que cada voz se erga em canto até a terra e o céu ressoarem, ressoarem com as harmonias da liberdade. Que nosso júbilo se eleve até os céus que ouvem, que ecoe tão alto quanto o mar revolto.” (N. T.)

3

Debaixo da ponte

— QUERIDA, O QUE VOCÊ TÁ FAZENDO aqui fora sem casaco? — Ao nascer do sol, um negro alto estava na porta de uma igreja batista no centro de Cleveland. A alguns metros dele, na calçada, eu o olhava. Ele tinha um topete triangular e um bigode grosso. Abriu um grande sorriso e me convidou para entrar. — Você devia vir aqui pra dentro, sabe — ele disse. — Pra comer alguma coisa com a gente.

Com as mãos duras de frio, fui até a porta. Logo na entrada da igreja, havia uma escada que levava a um refeitório, onde cerca de uma dúzia de sem-teto já formava uma fila. Fui para o fim dela. Foi assim que começou meu Dia de Ação de Graças. *Finalmente*, pensei. *Vou poder comer!*

Eu já estava morando na rua havia uma semana. Depois que saí de casa naquela noite, andei por algumas horas. Queria me afastar o máximo possível, para não encontrar vizinhos ou amigos dos meus pais. Finalmente, fui até uma pracinha e achei uma pilha de jornais que alguém havia deixado num banco. Eu os espalhei debaixo do banco e me deitei ali, como se fosse uma caminha. Usei a mochila como travesseiro. Estava morrendo de sono, mas quando você mora na rua, não dá para dormir de verdade. Você vive com medo de que um estranho possa atacar pelas costas e roubar ou esfaquear você. Cochilei algumas vezes naquela noite. Mas sempre que ouvia um carro passando ou um rato nojento fuçando numa lata de lixo, abria os olhos rapidamente.

Quando o sol nascia, eu ficava andando sem rumo a maior parte do tempo — tipo, o dia todo. Mantinha a cabeça baixa e tentava não olhar para ninguém. Não queria que nenhuma velhinha me parasse e chamasse a polícia por achar que eu tinha 8 anos! Esse é o problema de ser baixinha — seja qual for a sua idade, as pessoas sempre acham que você é criança. E aos 15 anos, eu ainda *era* criança. Mas uma criança que achava que não podia voltar para casa.

Enquanto caminhava, eu pensava em como sobreviveria nas ruas. Para isso, eu sabia que precisaria arranjar algumas coisas. Assim, um dia, enquanto eu andava num bairro, vi um taco de beisebol que algum menino deixara na frente

de uma casa. Sem pensar muito, eu o peguei. Naquela noite, voltei para a praça e dormi segurando o taco com as duas mãos. Aquela era a minha nova arma. *Se alguém mexer comigo*, pensei, *eu derrubo!*

Depois de mais três noites debaixo do banco, entendi que precisava encontrar um lugar mais quente. Estava congelando ali. Para me proteger do frio, eu vestia todas as roupas da mochila e enrolava aquele cobertor fino de flanela nos ombros. Mesmo assim, o frio atravessava todas aquelas camadas. E eu também tinha medo de dormir sozinha na praça — estava *apavorada*, na verdade. Então, segurando firme o meu taco, comecei a zanzar pelas ruas, procurando um lugar onde pudesse me instalar. Foi assim que achei a ponte.

Na verdade, não era bem uma ponte — era mais um viaduto sobre uma rodovia. Aliás, eu precisava descer uma encosta gramada íngreme para entrar debaixo dele. Quando cheguei ali, percebi na hora que era exatamente o que eu procurava. Isolado. Sem polícia por perto. E não tinha nenhum outro sem-teto lá. Toda vez que um carro passava, o viaduto tremia. *Melhor ainda*, pensei. Eu achava que o barulho dos motores encobriria qualquer ruído que eu fizesse.

No fim daquela tarde, deixei minha mochila e meu taco sobre uma mureta de tijolos debaixo do viaduto e dormi. Por umas cinco horas seguidas. Sim, é perigoso para uma garota dormir debaixo de uma ponte, mas eu me sentia muito mais segura do que debaixo de um banco de praça! Além disso, quem já esteve na cama com um tarado não está acostumada a se sentir segura. Eu torcia para que a ponte ficasse fora da cidade, mas sabia que não era tão longe de onde meus pais moravam. Acho que meu pai já tinha dirigido por aqueles lados. Eu só esperava que fosse longe o suficiente para que eles não me encontrassem.

Quando acordei naquela noite, procurei por toda parte num bairro vizinho mais alguma coisa para me proteger. No quintal de uma casa, havia um tamborzão de lixo de plástico azul, com tampa. *É isso aí.* A casa estava toda apagada, então resolvi me arriscar, achando que todos tinham saído. Virei o tambor para esvaziá-lo e o arrastei até a calçada. Ele tinha quase a minha altura, por isso era difícil carregá-lo. Eu precisava tomar cuidado para não fazer barulho e acordar toda a vizinhança. Finalmente, consegui levá-lo até a encosta gramada. Eu o joguei lá do alto, fiquei olhando-o rolar até parar e depois desci atrás dele.

Mais tarde naquela noite, eu transformei aquele tambor no meu quarto. Eu o deixei tombado de lado para poder entrar nele. Lá dentro, me cobri com minha flanela. Só os meus pés ficavam para fora. Era um pouco mais quentinho dentro do tambor, mas estava gelado mesmo assim. Meus dentes batiam e meu estômago roncava. Eu ficava pensando o que estaria acontecendo com Eddie e

Freddie, que eu deixara na última casa para onde nos mudamos. *Quem estava tomando conta deles? Quem controlava se Mikey tomava banho e comia?*

Para me distrair, peguei um caderno e um lápis na minha mochila. Segurando a folha perto do rosto na escuridão, desenhei uma das minhas coisas favoritas, uma borboleta — ou achei que desenhei, pelo menos. Quando olhei para a página na manhã seguinte, aquilo não parecia bem uma borboleta. Parecia um garrancho feito por uma criança de 2 anos.

Quando chegou o Dia de Ação de Graças, eu estava morta de fome. Além de um sanduíche de peru que roubara num mercadinho alguns dias antes e uns restos de comida que encontrara aqui e ali, eu não tinha comido mais nada. Para ser sincera, quase havia esquecido que era Dia de Ação de Graças: quando você está sem teto, acaba perdendo a noção do tempo. Você não tem calendário, e eu nem tinha relógio. Mas naquela manhã, por acaso, passei por aquela igreja batista. O cheiro delicioso da cozinha que saía pelo portão fez minha boca se encher de água. Foi por isso, na verdade, que eu parei.

— Qual o seu nome, querida? — o negro alto perguntou, depois de me seguir escada abaixo até o refeitório da igreja.

— Meu nome é Michelle. — Não o olhei nos olhos porque tinha vergonha do quanto eu estava fedendo. Não tomava banho desde que saíra de casa, sete dias antes. Meu cabelo castanho, que batia no ombro, estava empaçocado de um lado e todo desgrenhado do outro. Minha camiseta preta estava cheia de bolinhas e de caspa.

— Sabe de uma coisa? — ele disse. — Acho que tenho um casaco do seu tamanho. Depois que você comer, por que não vem comigo pra gente dar uma olhada?

— Obrigada — eu disse, encarando-o por um segundo. Por um momento, me perguntei por que ele estava sendo tão legal comigo, mas depois entendi que era apenas um tipo amigável, desses da igreja.

Eu me entupi da comida sulista do bufê. O frango frito crocante estava tão delicioso, praticamente derretia na minha língua. Caí dentro do purê de batata, molho, recheio de peru e calda de cranberry. Achei que tinha morrido e ido para o céu quando provei o macarrão com molho de queijo ao forno, a couve e o milho. E os biscoitos! Devo ter devorado meia dúzia deles. Por algum motivo esquisito, peru mesmo não tinha, mas eu não estava nem aí. Comi tanto que precisei abrir o primeiro botão do meu jeans. Assim que terminei de devorar o primeiro prato, eu repeti. Em seguida repeti de novo. Não queria parecer

esganada, mas não sabia quando conseguiria comer outra vez. E tudo estava delicioso, parecia a melhor refeição que já fizera na vida.

Enquanto eu forçava mais um biscoito de manteiga goela abaixo, o homem do topete triangular parou perto de mim.

— Dizem que me pareço com o ator Arsenio Hall por causa do meu cabelo — ele brincou. — Você me acha parecido com o Arsenio?

Eu sorri, fiz que sim e dei mais uma mordida no biscoito.

— Vai devagar aí, meu anjo — ele disse. — Comendo tão rápido assim, vai passar mal!

Eu meio que ri com a boca cheia de biscoito.

Depois do jantar, Arsenio manteve a promessa — foi até um cesto de roupa usada e puxou um casaco laranja acolchoado com capuz. Era uns três números maior do que eu e batia abaixo dos meus joelhos. Mas quando ele me deu, foi como se tivesse me entregado um cheque de um milhão. Foi como me senti, voltando para a ponte com uma camada a mais de proteção. E de barriga cheia. E com uma pequena esperança de que talvez essa coisa de Deus não fosse uma enganação total.

Naquele dia, os voluntários da igreja nos mandaram embora com outro presente — uma sacola de coisas doadas por entidades locais. Tinha um pente, um frasquinho de xampu, uma escova de dentes e um tubinho de creme dental. Você sabe como é não escovar os dentes por *dias*? Parecia que eu tinha passado manteiga dentro da boca. Era nojento. Levei a sacola para o meu tambor de lixo e a guardei no fundo. Queria ter certeza de que ninguém roubaria minhas novas riquezas.

Naquela noite, no jantar de Ação de Graças, um dos voluntários anunciou que a igreja oferecia refeições gratuitas todos os dias úteis, por volta das 17h. *Maravilha.* Esse foi o principal motivo pelo qual voltei na noite seguinte. E na outra. E na outra. De fato, dificilmente passava um dia sem que Arsenio e os outros membros não me vissem correndo pela rua, tentando chegar lá a tempo para o jantar (como falei, eu não tinha relógio!).

Comecei até a ir para lá nas manhãs de domingo. Não serviam comida, mas tocavam música. E era lindo. Eu ficava no fundo do salão enquanto o coral cantava “Angel of Mine”. Eu nunca ouvira nada igual. Suas vozes, carregando a melodia, me arrebatavam a alma, e por alguns minutos eu conseguia esquecer minha situação desesperadora. Quando aqueles homens e mulheres de túnica se balançavam e cantavam, algo quente e feliz transbordava de mim. Eu me sentia confortada e calma, até revigorada. As pessoas nos bancos se viravam, sorrindo

para mim e umas para as outras. Naquele momento, eu me sentia conectada a cada pessoa naquela igreja. *Se* existe *um paraíso*, eu pensava, *os corais de lá devem cantar assim.*

— Vem pra cá, menina! — algumas senhoras me disseram, uma manhã, ao me verem de pé no fundo do salão. Seus sorrisos pareciam tão gentis, mas de início eu não queria sentar perto de ninguém. Depois de algumas semanas, porém, comecei a me sentar nos últimos bancos para ouvir o culto. Imaginei que a maioria das pessoas não conseguiria sentir meu cheiro daquela distância. Depois disso, comecei a me lavar um pouco antes de entrar, no minúsculo banheiro individual da igreja.

Como se "toma banho" num banheiro de igreja? Vou explicar. Primeiro você tranca a porta. Depois, pega uma pilha de toalhas de papel. A seguir, se for baixinha como eu, você esvazia o balde de lixo e leva até a pia, para ficar de pé em cima dele. Assim pode abrir a torneira, enfiar a cabeça debaixo do jato d'água e lavar o cabelo o melhor possível. O tempo todo, você reza para ninguém bater na porta, nem gritar perguntando por que você está demorando tanto.

Rapidamente, você usa as toalhas de papel para enxugar o cabelo e o rosto. Em seguida, molha outras toalhas para esfregar nos lugares mais fedorentos do corpo. Depois de colocar o balde de lixo no lugar, você recolhe todos os papéis do chão e enfia no balde. Antes de sair, você pega mais um maço de toalhas de papel para enfiar dentro da calça naqueles dias do mês. Então você volta de mansinho para a igreja, com o cabelo ainda úmido, torcendo para que "Angel of Mine" seja a próxima canção.

Eu poderia tomar um banho rápido num banheiro do McDonald's, mas não queria arriscar. Imaginava que, tomando banho na igreja, não seria expulsa se alguém visse o que eu estava fazendo. O pessoal de igreja costuma ser legal. Aliás, provavelmente algumas daquelas senhoras sabiam o que eu estava fazendo ali, mas nunca falaram nada. Na maioria dos fins de semana, eu conseguia me lavar um pouco naquele banheiro. E ainda podia comer um monte de frango frito delicioso e ouvir a melhor música da minha vida.

MEU PLANO DE ficar escondida funcionou: ninguém me incomodava debaixo daquela ponte. Mas tudo isso mudou uma certa madrugada.

— Tô vendo que você tá precisando de dinheiro. — Já devia passar muito da meia-noite quando, de dentro do meu tambor, ouvi uma voz de homem. Abri os olhos imediatamente. Agarrei o meu taco e fui para a boca do tambor, pondo só a cabeça para fora. Estava pronta para saltar de pé e descer o taco em quem quer que fosse.

Um cara estava de pé ali. Pelo que consegui ver na escuridão, parecia ser mestiço de negro e latino. Usava jaqueta preta de couro, jeans folgado e tênis, e tinha mais de 1,80m de altura.

— Peraí, não precisa fazer isso — ele disse, quando me viu segurando o taco. — Não vou te machucar.

Eu o encarei.

— Quantos anos você tem? — ele perguntou.

Não sei por que respondi, mas foi o que fiz.

— Quinze — eu disse. — Por que quer saber?

À luz do luar, ele tinha um dos sorrisos mais brancos que eu já vira.

— Aliás, eu sou o Sniper[5] — ele disse. — Posso te arrumar um trabalho, mas precisava saber tua idade.

Eu imaginava que só dois tipos de trabalho seriam oferecidos a uma garota sem-teto: algo que tivesse a ver com sexo ou com drogas.

— Acho que não preciso te perguntar por que tem esse apelido — eu disse. — Você anda por aí batendo nos outros, alguma coisa assim?

Ele riu.

— Você é tão engraçada — ele disse.

Eu não entendia qual era a graça, especialmente com um estranho invadindo o meu território. Não sabia se devia sair do tambor e tentar fugir ou ficar lá dentro e torcer para que ele fosse embora. Por outro lado, ele não parecia ser violento, por isso decidi ficar dentro do tambor mais um minuto.

— Eu vendo maconha e ecstasy — ele acrescentou. — Tô procurando alguém que sirva de avião.

Não sei se quero me meter num negócio assim. A coisa pode ficar feia, pensei. Mas eu estava sem grana. Morrendo de fome e de frio. E desesperada para conseguir algum dinheiro. Talvez eu pudesse fazer aquilo só tempo suficiente para pagar um lugar para morar.

— Por que você não vem comigo, e aí a gente conversa? — ele perguntou.

Eu saí completamente do tambor e fiquei de pé, cambaleando um pouco, pois minhas pernas estavam dormentes de tanto ficar encolhida lá dentro. Enfiei minhas coisas na mochila, amarrei o cobertor na cintura e olhei para ele.

— Qual o teu nome? — ele perguntou, me olhando de alto a baixo, como as pessoas fazem quando estão tentando descobrir se sou anã.

— Michelle.

— Vem comigo — ele disse. Eu não sabia ao certo se confiava nele; mas meu instinto me dizia que ele não iria me fazer mal. É de se imaginar que eu devesse estar apavorada, e analisando agora, deveria mesmo. Mas eu estava tão farta de dormir num tambor de lixo e nunca ter o que comer, que estava desesperada. Por isso o segui encosta acima.

Do outro lado do viaduto, ele me levou até o seu carro. Os vidros tinham filme, completamente escuros — a prova definitiva de que ele era mesmo traficante. Ele abriu a porta de trás e me convidou a entrar com um gesto. Eu entrei no carro.

— Tô indo fazer uma transação — ele disse. — Quero que você fique bem quietinha aí atrás, tá? — Eu balancei a cabeça. — Eles não precisam saber que você tá comigo. Depois te levo pra minha casa. — Ele fechou a porta, abriu a porta do motorista e se sentou ao volante. À luz interna do carro, vi que ele devia ter uns 18 anos.

Rodamos por cerca de meia hora antes que Sniper parasse. Ele saiu e começou a conversar com um grupo de homens. Eu os ouvia falar rapidamente em espanhol, mas não conseguia entender uma palavra do que diziam. Ele abriu o porta-malas e entregou um pacote grande a um dos homens. *Deve ser erva*, pensei. Depois de uns vinte minutos, ele voltou para o carro e me olhou por cima do ombro.

— Tudo bem com você aí? — ele perguntou. Eu balancei a cabeça. — Vamos embora daqui — ele disse. Rodamos um bocado até ele parar na frente de uma casa.

Quando saímos do carro, Sniper me levou até a porta e a destrancou. Eu parei por um instante. *Ainda não conheço esse cara. O que vai acontecer na casa dele?* Mas decidi me arriscar. Imaginei que não poderia ser muito pior do que tudo o que eu enfrentara nos meus primeiros 15 anos de vida. Entrei.

— Bem-vinda ao lar — ele disse.

Olhei ao meu redor, na sala. Era uma casa com decoração ostentadora. Tinha uma cachoeira e um laguinho com peixes. As paredes eram brancas e brilhantes, e cheiravam como se tivessem sido recém-pintadas.

— Vou te levar lá pra cima, pro quarto onde você vai ficar — ele disse. — Vou dormir no sofá e te deixar ficar no meu quarto. — No alto da escada, ele

apontou para uma porta à direita. — Outro moleque, Roderick, fica no quarto ao lado — ele disse. — Ele também é meu avião. Depois te apresento.

Eu não sabia ao certo o que um avião de traficante fazia, mas estava vendo que uma coisa eu ia conseguir — um lugar quente para dormir.

O quarto de Sniper era tão espalhafatoso quanto o resto da casa. A cama dele tinha um edredom com estampa de zebra e lençóis brancos sedosos. Um grande espelho de teto ficava bem em cima do colchão *queen size*; eu podia imaginar como ele o usava. Era uma suíte, e no banheiro havia uma grande banheira redonda, com uma cortina vermelha e preta de plástico em volta.

— Tome um banho — Sniper disse. Ele me entregou uma toalha, um sabonete novo e um pijama feminino que sua irmã menor havia deixado lá, segundo ele. Fiquei pensando se ele já não tivera outra mulher trabalhando como avião, em algum momento, e o que teria acontecido com ela. — Precisa de mais alguma coisa? — ele perguntou.

Senti meu rosto ficando vermelho quando apontei para o meio das minhas pernas. Ele me dirigiu um olhar intrigado.

— Ah, tá, entendi — ele disse. — Volto já. — Alguns minutos depois, eu o ouvi saindo com o carro. Ele voltou com uma embalagem de absorventes e me entregou; presumi que ele tivesse ido rapidamente a alguma farmácia 24 horas.

Depois que ele saiu do quarto, tirei meu jeans imundo e aquela camiseta com a estampa de lobo na frente. Então abri o chuveiro, entrei na banheira e fiquei bem debaixo do jato. Por cerca de uma hora. Quando você está sem se lavar de verdade há semanas, um monte de sujeira acumula. A água quente que escorria do meu corpo e rodopiava no ralo saiu totalmente preta por uns vinte minutos, no mínimo.

— Tá tudo bem com você aí? — Sniper gritou do quarto.

— Tô ótima — gritei em resposta. — Só imunda.

— Certo. Se precisar de alguma coisa, eu tô lá embaixo.

Depois de vestir o pijama de bolinhas, comprido demais para mim, me enfiei debaixo daquele edredom fofinho. O colchão era inacreditavelmente macio; eu não dormia numa cama havia semanas. *Isto é de verdade?,* pensei. *Eu tô aqui mesmo? Esse cara vai continuar me tratando bem assim ou vai virar a casaca e me atacar?* Embora eu estivesse nervosa, estava tão exausta que afundei no colchão e dormi na hora.

Na manhã seguinte, acordei com o cheiro de salsichão frito. Ouvi os passos de Sniper na escada, e ele bateu na minha porta.

— Bom dia, Michelle — ele disse. — Quando estiver pronta pra tomar café, desça. — Quando desci para a sala de jantar, vi um garoto de cabelo preto já sentado à mesa. Sua pele era de uma cor acastanhada, e ele era muito magrinho. Imaginei que devesse ser Roderick.

Roderick me disse alguma coisa, mas não entendi nada. Seu sotaque árabe era tão forte que de início eu achava difícil decifrar as palavras.

— Ele tá perguntando teu nome — Sniper interveio, rindo.

— É Michelle — eu disse ao garoto. — Prazer em te conhecer. — Quando ele respondeu, consegui entender o que ele disse: “Olá, Chapo.”

— É assim que a gente vai te chamar aqui: Chapo — Sniper acrescentou. — Significa *pequena* em espanhol.

Eu não achei ruim. Aliás, o apelido pegou.

Durante o café, Roderick me contou um pouco de sua história. Precisei pedir que ele repetisse algumas partes, mas logo me acostumei com seu sotaque. Ele tinha 16 anos. Estava sobrevivendo nas ruas desde os 13. Na época, sua mãe o expulsara de casa porque ele se recusara a voltar para o país da família, a Arábia Saudita. Talvez ele tenha dito por que não quisera voltar, mas se disse, não entendi essa parte. Alguns meses depois de ele ficar sem teto, Sniper o abordara, da mesma forma que fizera comigo. Ele estava morando com Sniper e trabalhando para ele todo dia desde então.

Naquela noite, nós três relaxamos no grande sofá vermelho da sala, vendo um filme juntos — algo que nunca fiz com minha família de verdade. Era tão bom fazer parte de um grupo, mesmo sem saber ainda qual seria meu papel nele.

— Amanhã a gente vai te arranjar uma arma e te mostrar como se atira — Sniper disse, enquanto passavam os créditos finais do filme. Eu fiquei olhando para ele. — Agora que você já tá bem acomodada, tá na hora de sair pra fazer o teu primeiro corre — ele acrescentou. Roderick mantinha os olhos grudados na tela da TV.

Depois de voltar para o quarto, eu me deitei e me cobri com o edredom zebrado o máximo que pude. Deitada ali, olhando o meu reflexo no espelho de teto, pensei no meu lugar debaixo da ponte e no tambor de lixo que deixara ali. Fiquei me perguntando o que Eddie, Freddie e Mikey estariam fazendo. E se o coro da igreja batista iria cantar minha canção favorita naquele domingo. E, naturalmente, pensei em como seria segurar uma arma. Morria de medo daquilo.

5 Em inglês, “atirador de elite”. (N. T.)

4

Em fuga

Sniper me entregou uma Glock calibre 22 — a primeira arma que eu segurava na vida.

— Você precisa aprender a se proteger — ele me disse. — Preciso ter certeza de que você tá segura. Vou te levar pra um lugar onde posso te ensinar a usar isso.

Não sei se Sniper notou, mas quando ele disse isso, eu me encolhi. Muito. *Ele espera que eu atire em alguém?*, me perguntei, ansiosa.

Naquela tarde, entramos no carro dele. No banco de trás havia um alvo que ele fizera com um pedaço de papelão. Fomos até uma área arborizada no meio do mato, um lugar onde ninguém ouviria os tiros. Saímos do carro e andamos em meio às árvores até uma clareira. Sniper prendeu o alvo no tronco de uma árvore. Depois me mostrou como posicionar a arma para atingir o alvo.

— Segura assim, com as duas mãos. Planta bem os dois pés no chão e depois aponta o cano pra mosca. — Então, de repente, ele puxou o gatilho. *Pou!*

O som da bala saindo da arma quase me fez mijar nas calças. Sniper não acertou na mosca, mas chegou bem perto. Ele me entregou a arma.

— Tua vez — ele disse.

Fiquei no mesmo lugar de onde ele atirara e mirei no alvo. *Pou!* Depois de várias tentativas, consegui acertar a borda do papelão.

— Ótimo. Tenta de novo — Sniper disse. Ele me deixou praticar mais alguns tiros antes de irmos embora.

No caminho de volta, passamos perto de onde meus pais moravam. *Será que eles ainda moram lá?*, pensei. Mas eu não tinha intenção de descobrir. Mesmo com os vidros escuros, me abaixei o máximo que pude para ter certeza absoluta de que ninguém me veria. No dia anterior, quando Sniper me perguntou por que eu estava morando na rua, contei o que acontecia comigo naquela casa. Ele escutou sem dizer uma palavra. Quando terminei de falar, ele só balançou a cabeça.

— Não entendo como podiam tratar assim uma menina — ele disse. — Não foi certo te fazer passar por tudo isso. Sorte deles eu não ir lá e meter bala em todos agora mesmo.

Sempre que Sniper falava assim, eu não me sentia como seu avião, me sentia como uma irmã menor — segura e protegida.

Sniper até que vinha de uma família decente — a mãe dele, pelo menos, tinha emprego fixo, e ele me disse que nunca sofrera nenhum abuso físico. Ele não contara à família que estava vendendo drogas, mas tenho certeza de que eles desconfiavam, porque ele nunca os convidava para ir à sua casa e sempre tinha muito dinheiro. Por alguma razão, Sniper abandonara a escola aos 15 anos. Mas eu via que ele era inteligente, pelo modo seguro como falava e se comportava. E também, eu achava que ele devia ter alguma coisa na cachola, para administrar um esquema daqueles.

— Você devia ter continuado na escola — eu disse a ele uma vez.

— Pra quê? — ele retrucou. — Ganho muito mais dinheiro fazendo o que eu faço. — A isso eu não respondi nada.

Naquela noite, depois da minha aula de tiro, Sniper me contou tudo o que eu precisaria fazer no meu trabalho. Primeiro eu entraria num prédio, num clube ou num conjunto habitacional, em geral numa área da cidade onde rolava muita droga. Depois de entrar, precisaria identificar as pessoas que queriam uma droga em particular. Aí voltaria para o carro, onde Sniper estaria esperando com a mercadoria. Eu diria a ele qual droga havia sido pedida, e em que quantidade, e o preço que a pessoa estava disposta a pagar. Se Sniper achasse que estava tudo certo, eu voltaria lá com o bagulho.

— Haja o que houver — ele me avisou —, nunca, jamais, entregue o bagulho antes que eles te entreguem a grana. — Se houvesse qualquer tipo de problema, ele disse, eu deveria sumir de lá o mais rápido possível. E se a coisa ficasse feia de verdade? Bom, por isso eu carregava a Glock. Ele também me deu um bipe.

Uma semana depois, a noite do meu primeiro corre chegou. Tentei pedir que Roderick me contasse o que ele havia passado desde que Sniper o empregara. Mas sempre que eu tocava nesse assunto, ele ficava calado de repente. Acho que queria me proteger e não me assustar.

— Você vai ficar bem, Chapo — ele dizia. Eu torcia para que ele estivesse certo.

Naquela sexta à noite, Sniper parou o carro na garagem e encheu o porta-malas com várias trouxas de maconha de tamanhos diferentes.

— Caramba — eu disse. — É muita erva.

Pelo que ele dissera, devia haver uns 50 mil dólares em baseados ali. Entramos no carro e fomos até um prédio a uns 15 minutos dali. Eu usava uma camiseta azul-marinho de manga comprida, calça de moletom cinza e um casaco preto grande o suficiente para cobrir a enorme pochete que eu afivelara na cintura. Com as mãos tremendo, pus a trava de segurança na arma e a enfiei no elástico da minha calcinha de algodão. Paramos num beco. Quando saímos do carro, Sniper me lembrou:

— Nada de grana significa nada de drogas.

Engoli em seco e balancei a cabeça.

A noite estava muito escura. Sentindo-me incrivelmente nervosa, segurando o casaco fechado, achei a entrada para o pátio do prédio de apartamentos. Ergui a cabeça e vi uma dúzia de pessoas de cócoras. Todas pareciam estar acendendo um baseado; o pátio estava cheio de fumaça e cheirando a maconha. Quando vi um homem branco de meia-idade, malvestido, enrolando um baseado, me aproximei dele. Suas pupilas estavam muito dilatadas, e seus olhos, vermelhos. Que erva que nada — ele parecia mais usuário de crack do que de maconha.

— Ei — cochichei. — Quer mais um pouco pra hoje à noite?

Ele continuou enrolando o baseado e mal ergueu o olhar para mim. Ansiosamente, passei a língua pelo lábio inferior.

— Peraí, garota — o homem disse finalmente. Ele ficou de pé, foi até a escada e entrou num dos apartamentos. Um momento depois, voltou com uma moça loura. Ela inclinou a cabeça para um lado e me encarou. Parecia ainda mais chapada do que ele.

— A gente quer uma trouxa grande — o homem disse por fim.

— Quanto vocês pagam? — perguntei.

Ele pensou um pouco.

— Quinhentos dólares — disse.

Caramba, pensei. *Onde é que essa gente arruma tanto dinheiro?*

Corri de volta para o carro de Sniper e contei o que eles queriam.

— Tá — foi só o que ele disse. Ele foi até o porta-malas, fuçou no meio das trouxinhas de 25 dólares e puxou uma trouxa muito maior. Ele a entregou para mim, eu a enfiei no casaco e voltei para a escadaria onde o casal estava esperando.

— Primeiro o dinheiro — eu disse ao homem. Minha voz tremia um pouco.

— De jeito nenhum! — ele gritou. Alguns vizinhos olharam para nós. — Me dá o bagulho, aí eu te dou a porra do dinheiro.

Meu coração acelerou. Eu podia sentir o cabo frio da arma na minha calcinha.

— Não posso — eu disse baixinho. — Primeiro a grana, depois a erva. É assim que funciona.

Mas o homem continuou pedindo a trouxa, falando cada vez mais alto.

— Me dá o bagulho! — ele gritava. Quando ficou de pé e começou a avançar na minha direção, vi que só havia uma coisa a fazer: saí correndo.

Virei a esquina e pulei para dentro do carro.

— Eles... não querem... me dar... a grana — eu disse, totalmente sem fôlego.

Sniper olhou para mim.

— Como assim? — ele disse.

— Eu tentei pegar a grana do homem, como você mandou, mas ele queria a erva primeiro.

Sniper pensou por um momento.

— Deixa que eu resolvo — ele disse. — Não quero que você se machuque.

Eu descrevi o casal em detalhes, para que ele pudesse encontrá-los facilmente no pátio. Sniper saiu, pegou a trouxa e eu fiquei para trás. Quando ele voltou, 15 minutos depois, não estava mais com a trouxa de erva. Ele tirou cinco notas de cem dólares do bolso do casaco e mostrou para mim.

— Às vezes é preciso engrossar um pouco — ele disse. Quando ele aparecera na esquina, vê-lo tinha sido o suficiente para apavorar o casal. Por isso o homem entregou o pagamento. — Vem, vamos embora daqui — Sniper disse, dando a partida. Meu coração ainda estava batendo a mil por hora.

Nas semanas seguintes, foi assim, com Sniper e Roderick. À noite, nós três fazíamos nossos corres; de dia, agíamos como uma familiazinha. Jogávamos sinuca, fliperama e cartas no porão de Sniper, rindo até ficar com as bochechas doendo. Eu ajudava Roderick com seu sotaque (como eu, ele não conseguia pronunciar certas palavras), e ele ria toda vez que eu o chamava pelo apelido que lhe dei — Flor. Por causa de sua cultura, Roderick ainda era virgem. Ele sempre me dizia: “Vou me guardar para a garota mais bonita do mundo!” Ele era tão doce.

Roderick e eu estávamos sempre juntos, mas nunca houve nada romântico entre nós. Ele era como um irmão para mim. Aliás, quando contei que eu tinha sangue árabe, ele me deu um presente especial.

— Este é um lenço que minha mãe deixou comigo — ele disse. Estava segurando um lindo *hijab* azul, um lenço de cabeça que as muçulmanas tradicionais usam. — Na minha cultura, quando uma garota começa a menstruar, ela ganha um lenço destes. Você é minha irmã, agora, por isso quero te dar este.

Eu baixei a cabeça para que ele pudesse amarrar o lenço no meu cabelo.

— Obrigada, Flor — eu disse, e ambos ficamos um pouco vermelhos.

Em troca dos nossos serviços, Sniper dava a mim e Roderick moradia e uma parte de seu lucro. Nós dois, em geral, faturávamos uns trezentos dólares em dinheiro por semana. Usávamos nossas reservas para pagar a Sniper quando ele fazia compras ou nos trazia algumas caixas de cerveja. (Sniper nunca nos deixava usar drogas, pois insistia que não dava para ser um bom traficante virando um drogado. Mas a gente podia beber!)

Eu sabia que as drogas que nós vendíamos e entregávamos estavam destruindo a vida das pessoas. Mas por mais que eu detestasse entregar erva e ir a lugares assustadores, isso não era tão detestável quanto o medo terrível e a solidão. E a depressão. E horas desenhando lobos e céus azuis enquanto eu tremia num tambor de plástico. Pela primeira vez na vida, eu me sentia importante de verdade. Até amada.

Algumas semanas depois, Sniper foi pego pela polícia perto de sua casa. Roderick, que estava com ele, conseguiu fugir sem que os policiais o vissem.

— A gente precisa sumir daqui, rápido! — Roderick me disse, ao entrar correndo. Em menos de 15 minutos, enfiei tudo o que encontrei na minha mochila lilás. Pus meus sapatos e meu casaco, peguei um ursinho de pelúcia que Sniper me trouxera e saí da casa sem nem trancar a porta.

Não tínhamos nenhum outro lugar aonde ir — por isso levei Roderick para debaixo da ponte comigo. Acredite se quiser, meu tambor de lixo ainda estava lá.

— Belo quarto, Chapo — ele disse, chutando o tambor. — Mas você sabe que não posso dormir aí dentro com você; você é menina. — Na cultura dele, dormir na cama de uma garota sem se casar com ela seria considerado desrespeitoso e até escandaloso. Isso depois de ele ter usado armas e vendido maconha por meses.

No mesmo dia, Roderick roubou um tambor de lixo para si. O dele não tinha tampa. Ele pôs seu tambor ao lado do meu, abriu seu cobertor e entrou nele. Roderick devia medir no mínimo 1,75m, por isso suas pernas ficavam mais para fora do que as minhas.

Embora nosso dinheiro fosse suficiente para dividir o primeiro mês de aluguel de um apartamentinho, queríamos economizar, por enquanto.

— Vamos ficar um pouco aqui, até resolver o que vamos fazer — Roderick disse. Concordei na hora.

Uma noite, menos de duas semanas depois, eu saí do meu tambor de lixo e subi a encosta gramada. Roderick me seguia. Eu queria voltar para a igreja batista e ver se ainda serviam refeições lá. Também queria que Arsenio

conhecesse Roderick. Quando eu estava saindo do esconderijo, vi na rua uma mulher que eu conhecia. Era amiga dos meus pais, e tive certeza de que ela vira meu rosto. *Droga.*

Tentei recuar, mas Roderick estava subindo atrás de mim, e eu não queria enfiar o pé na cara dele.

— Ei, Michelle! — a mulher gritou para mim. — Ei, volta aqui, garota!

Entrei em pânico.

— Volta! — eu disse baixinho para Roderick.

Mas era tarde demais. Depois de pegar nossas coisas dos tambores, para poder fugir da ponte (que burrice... a gente devia ter largado tudo lá!), corremos encosta acima e entramos numa rua próxima. Quando viramos uma esquina, meu pai parou o carro ao nosso lado.

— Entra no carro! — ele gritou. Aquela mulher tinha ligado para o celular do meu pai e contado onde me vira; e ele viera imediatamente.

Meu pai saiu e me arrastou até o carro. Ele me jogou no banco de trás e me deu um tapão na cabeça.

— Pra você aprender a não fugir mais! — ele gritou. Você deve imaginar o quanto eu estava encrencada quando chegamos em casa.

Quando Roderick viu meu pai encostar, se apavorou e fugiu por uma travessa. Meu pai não foi atrás dele; seu único interesse era me levar de volta para casa. Eu nunca mais vi Roderick.

5

Esperando um bebê

NO FINAL DE FEVEREIRO, depois que meu pai me arrastou para casa de meu esconderijo debaixo da ponte, minha mãe me matriculou de novo na escola. Aos 16 anos, eu ainda deveria estar no sétimo ano — mas fiz algum tipo de exame, no qual passei milagrosamente, e os professores me adiantaram para o nono. Minha volta à escola parecia um regresso ao mesmo pesadelo do qual eu havia fugido — só que desta vez as coisas estavam ainda piores. Por quê? Porque agora eu sabia como era a liberdade e havia sido forçada a voltar para a prisão. Meus colegas continuavam malvados. Minhas notas continuavam horríveis. Por isso comecei a matar aula. Ninguém quer ficar no fundo de uma classe e se sentir burra e humilhada — e era assim que eu me sentia.

Em casa, o parente que me estuprava continuava morando conosco. Bem como vários outros — o número havia crescido para uns 15. Na noite em que voltei para casa, o abuso começou de novo.

— Achou que podia fugir de mim, franguinha? — o homem cochichou no meu ouvido naquela noite. Ele enfiou a língua no meu ouvido. Eu me afastei, enojada, mas ele me segurou.

Cada vez que ele montava em mim, eu tentava simplesmente me desconectar. Do abuso. Da minha vida. De mim mesma. Chegou a um ponto em que eu conseguia esquecer que ele estava em cima de mim. Eu fazia meu cérebro ir para algum lugar bem distante, como uma ilha verdejante ou um pôr do sol alaranjado. Essa situação aconteceu no mínimo três vezes por semana durante os dois anos seguintes. Fico surpresa de jamais ter engravidado.

Uma tarde, no meu décimo ano,[6] eu estava sentada no refeitório. Sozinha. Ia comer o cheesebúrger que eu tinha salpicado com meu molho picante favorito.

— Tudo bem?

Ergui a cabeça e vi um garoto que às vezes eu cumprimentava ao encontrar. Para mim, falar com qualquer um era raridade, mas eu o achava meio que bonito.

O garoto, que vou chamar de Erik, era mulato, tinha mais ou menos 1,85m de altura e um lindo nariz arrebitado. Seus braços eram bem musculosos. Naquele dia, ele estava de jeans e camiseta verde-oliva.

— Você parece meio triste — ele me disse. — Tá tudo bem com você?

Eu lhe dirigi um olhar como que dizendo: "Tá falando sério?" Ele puxou uma cadeira e se sentou na minha frente. Eu estava usando uma camisa desbotada da década de 1960, uma das três mudas de roupa feiosas que eu tinha e usava até rasgar. Também estava com um par de tênis do Beetlejuice. Eu *detestava* aquele tênis!

— Aconteça o que acontecer na sua vida — ele disse, sério —, Deus te ama. Ele sempre vai estar ao teu lado.

Aquele cara estava me dando até medo. Peguei uma batata frita da minha bandeja e comecei a mastigar. *Vai ver ele é algum esquisitão religioso,* pensei. Continuei comendo minhas batatas até que ele finalmente se levantou e foi embora.

Alguns dias depois, eu estava na biblioteca — sozinha de novo. Estava relendo um dos meus romances favoritos de Stephen King, quando Erik se aproximou. Fingi não notá-lo e enfiei mais a cabeça no livro.

— Então é esse tipo de livro que você gosta de ler? De terror? — ele disse.

Eu sorri e mal ergui os olhos. Só porque o achava bonito, eu havia perguntado a uns colegas sobre ele. Descobri que ele estava no time de futebol e que cursava o último ano.

— Gosta de poesia? — ele notou a pilha de poemas na mesa à minha frente. Balancei a cabeça. — Pode me ler algum poema que você escreveu? — Eu podia sentir o meu rosto ficando vermelho.

— Bom — eu disse —, acho que posso. — Procurei na pilha e peguei o poema que eu considerava o melhor. O último verso dizia alguma coisa sobre querer ser amada.

— Por que você se sente assim? — Erik perguntou.

Dei de ombros e pus a folha de volta sobre a pilha.

Durante as semanas seguintes, Erik e eu começamos a matar aula juntos. Com frequência. Por mais estranho que eu o tivesse achado no início, ele era a única pessoa da escola que me dava alguma atenção. Quando eu estava perto dele, me sentia bonita. Embora minhas roupas fossem horríveis, ele sempre me dizia que eu estava bonita. Os colegas ficavam olhando quando andávamos juntos pelos corredores. Dava para ver que estavam pensando: "O que ele tá fazendo com *ela*?"

Uma tarde, Erik e eu estávamos fora da sala de aula juntos, e ele me puxou para perto dos armários. Ali mesmo, ele oficializou a coisa.

— Eu te amo, Michelle — ele me disse.

Fiquei olhando para ele, sem acreditar no que tinha ouvido. Antes que eu pudesse dizer qualquer coisa, ele me beijou longamente, com força. Eu tinha 17 anos. Era a primeira vez que alguém me beijava de um jeito amoroso ou me dizia aquelas palavras. Era a melhor sensação do mundo.

Dei o número do telefone fixo da minha casa para Erik, porque eu não tinha celular. Mas quando ele me ligava, à noite, em geral eu não podia atender. Ou estava correndo atrás das crianças de quem tinha que cuidar, ou tentando evitar o parente que abusava de mim.

— Por que você não retornou a ligação? — ele perguntava no dia seguinte. Eu nunca tinha uma boa resposta. Um dia, quando ele começou a me pressionar muito com aquilo, eu finalmente contei a verdade, ou ao menos parte dela.

— Erik, tem uma coisa que você precisa saber a meu respeito — falei. — Eu tenho muita bagagem.

— Como assim “muita bagagem”? — ele perguntou.

Eu limpei a garganta.

— Bom — eu disse —, a situação na minha casa é horrível.

— Você merece ser amada — ele me disse. — Eu queria poder te levar pra minha casa pra morar comigo.

Eu também queria. Pelo que Erik me contara, seus pais o amavam incondicionalmente. Eles o tratavam muito bem. Compravam roupas de grife e cuidavam para que ele jantasse toda noite, depois da aula. E ninguém jamais o socara no rosto ou abusara sexualmente dele. Nas noites em que eu era violentada, às vezes sonhava como seria sentir Erik dentro de mim, em vez do sujeito — me sentir adorada, e não desprezada. Depois de mais ou menos um mês de relacionamento, eu descobri.

Uma tarde de sexta, Erik e eu estávamos matando aula juntos. Pela primeira vez, nós ficamos de verdade — até as últimas consequências. As coisas esquentaram e ficaram sérias rapidamente, e acabamos transando mesmo. Aconteceu naquele dia e mais três vezes. Era tão bom ter intimidade com alguém por escolha própria. Eu amava Erik. Também adorava o fato de estar com ele porque eu queria — e não por ter sido forçada.

Algumas semanas depois, comecei a sentir enjoo. E exaustão. Decidi fazer um teste de gravidez. Eu estava apavorada. *O que vou fazer, se estiver grávida?*

Como é que vou sustentar um bebê? Naquela noite, eu fiz o teste. Quando vi a linha azul, ela me revelou o que eu praticamente já sabia: eu estava grávida.

Soltei o bastão do teste, cobri o rosto com as mãos e chorei por uma hora. O que eu ia fazer, agora? Queria contar para Erik que estava grávida, mas não era tão simples assim. Pouco depois da quarta vez que ficamos, uma garota me dissera:

— Você sabe que Erik tem namorada, não sabe?

Por um minuto, não consegui dizer nada.

— Você tá dizendo bobagem! — exclamei finalmente. — Não pode ser verdade.

Mas era. Uma garota que vou chamar de Cassie, que estudava em outro colégio, ligou para a casa dos meus pais — ela me pegou numa das raras ocasiões em que eu podia atender o telefone.

— Alô?

— Aqui é Cassie — disse uma voz aguda. — Descobri o seu telefone no celular do Erik.

— Quem tá falando? — perguntei.

— Não sei se você sabe — ela começou —, mas Erik e eu estamos saindo há alguns meses. — Eu fiquei muda e ela desligou.

Depois daquilo, solucei por uma hora. De repente, entendi o que significava a expressão *coração partido*. Parecia que alguém estava espetando o meu coração com mil alfinetes.

Comecei a evitar Erik na escola. Quando nossos olhares se cruzavam durante uma aula ou no refeitório, a expressão do seu rosto dizia tudo: ele sabia que sua namorada havia me revelado o seu segredo. Alguns colegas me contaram que depois que Cassie o flagrara, ele começara a minimizar o nosso relacionamento. Uma garota até me contou que Erik disse: “Michelle nunca foi minha namorada. É só uma menina que eu peguei umas vezes.” Nunca perguntei a Erik sobre aquilo, mas dava para ver, pelo modo como ele estava me tratando, que podia ser verdade. Eu não podia acreditar que tinha caído na conversinha dele, mas isso aconteceu de tanto que eu queria ser amada.

Algumas semanas depois da revelação de Cassie, finalmente terminei com Erik. Não foi uma conversa longa, e sim um rápido “acho que ambos sabemos que acabou”. Eu queria terminar o mais rápido possível, como alguém que puxa de uma vez um curativo que já está incomodando. Não contei a Erik que estava grávida; achei que ele não merecia saber, por causa do modo como estava me tratando. Mas eu precisava dar a notícia para a minha mãe. Algumas semanas

depois, tomei coragem e contei. Eu sabia que ela não estava contente, e que provavelmente não queria que eu tivesse o bebê. Mas eu disse que a escolha era minha, não dela.

Por mais que eu tivesse medo, nunca nem me passou pela cabeça abortar. Eu esperava que pelo menos o bebê me amasse. Na época, sentia que ninguém mais no mundo me amava.

6 No sistema americano de educação, os 12 anos antes do ensino superior são divididos em três fases (*elementary school*, *junior high school* e *high school*) que correspondem aproximadamente às duas fases do ensino fundamental e ao ensino médio. (N. T.)

6

Ursinho

À MEDIDA QUE EU IA FICANDO mais cansada com a gravidez, mal conseguia sair da cama. E foi ficando embaraçoso ir às aulas quando minha barriga começou a aparecer. Assim, perto do final do décimo ano, abandonei a escola. Tenho certeza de que meus colegas mal notaram minha ausência.

Lá pelo quinto mês da minha gravidez, meus pais se separaram e meu pai saiu de casa. Não sei por que eles se separaram, mas já estavam brigando sem parar havia no mínimo um ano. Depois que ele foi embora, as coisas ficaram um pouco mais tranquilas.

Após abandonar a escola, eu ficava em casa o dia todo, vendo TV ou lendo livros do Stephen King. Ainda bem que, como eu estava tão enjoada quanto enorme, minha mãe me dava um pouco de folga das responsabilidades domésticas. Na época, o parente que abusava de mim havia se afastado um pouco. Depois de tantos anos, fiquei revoltada o suficiente para decidir me defender.

— Para! — eu gritava, quando ele tentava me forçar. Por mais que eu fosse miudinha, conseguia chutá-lo e empurrar bem forte... e agora, quando eu resistia, às vezes dava certo.

Eu estava empolgada com o bebê a caminho e fiquei ainda mais empolgada quando uma enfermeira me disse que eu ia ter um menino. Mas também estava com muito medo. Enquanto muitas novelas, e depois o reality show *Judge Judy*, cacarejavam na televisão durante minhas tardes em casa, minha mente não parava. *O que eu vou fazer pra arranjar dinheiro? Como vou sustentá-lo? Eu vou poder ter minha própria casa? Quem vai me dar trabalho, sem um diploma do ensino médio? E se eu arranjar emprego, alguém vai cuidar do bebê pra mim?* Eu não tinha nenhuma dessas respostas, mas sabia que precisava ter aquele bebê. A meu ver, o bebê que estava crescendo na minha barriga era um presente de Deus para mim.

Depois de sofrer abusos por tantos anos, eu ainda estava em cima do muro com relação a Deus. Ele existia? Não existia? Eu não tinha 100% de certeza.

Mas se Ele existia e era bom o suficiente para me dar um filho adorado, decidi que isso bastava para compensar as dificuldades que eu enfrentara nos meus primeiros 18 anos de vida. Toda noite, antes de dormir, eu afagava minha barriga enquanto cantava uma cançãozinha que ouvira naquela igreja batista: “Na hora de adormecer, possa Deus me proteger”, eu repetia. “Se eu morrer antes de acordar, possa Ele me levar.” Era uma oração simples, uma linda melodia. Um apelo a um Deus que eu esperava que existisse.

Algumas semanas antes do fim da gravidez, comecei a pensar em nomes. Escolhi um de que eu gostava muito — Juliano. Mas quando falei para a minha família, eles não gostaram.

— Não dê um nome estrangeiro pra criança — um parente me disse. Foi assim que acabei escolhendo outro nome que eu também adorava — Joseph. Para encurtar, eu o chamaria de Joey.

Meu filho nasceu prematuro — um mês inteiro adiantado. Eu estava sentada na banheira, uma noite, quando minha bolsa estourou. Minha mãe me levou para o hospital. O trabalho de parto foi longo; por mais que eu fizesse força, a criança parecia não querer vir ao mundo. Mas finalmente ouvi o chorinho dele. Uma enfermeira limpou o bebê, enrolou num cobertor branco e o entregou para mim.

Eu olhei para o meu menininho. Ele arrotou e depois abriu os olhos.

— Oh, meu Deus, ele é tão lindo — eu disse. Ele tinha o meu rosto e o narizinho do pai. Eu dei uma risadinha. — Como vai, pequeno Joey? — perguntei. Eu o amei desde o primeiro arroto.

Em 24 de outubro de 1999, finalmente concluí uma coisa — Deus devia mesmo existir para me dar um presente como aquele. Sempre vou pensar no nascimento de Joey como o momento mais feliz da minha vida.



MEU URSINHO — era assim que eu quase sempre chamava Joey. Sempre que eu deitava meu filho no meu peito, ele era tão quentinho e aconchegante. Por isso, quando eu o levantava da cama, dizia: “Olá, meu ursinho”, e o apelido pegou.

Joey era um amor de bebê. A menos que estivesse com fome ou com a fralda molhada, raramente chorava. Nosso quartinho ficava no andar de cima, e com poucos meses, ele já dormia a noite inteira. Eu não tinha dinheiro para comprar um berço, por isso ele dormia comigo na cama, que era um colchão de casal num canto do quarto. Depois de embrulhar Joey cuidadosamente num cobertor azul, eu cantava para ele enquanto o ninava. Uma de suas melodias favoritas,

aparentemente, era “I Will Always Love You”, o sucesso de Whitney Houston. Sempre que eu cantava essa música, ele arregalava os olhos.

Joey cresceu rápido. Como eu não trabalhava, dependia dos pagamentos da Previdência; quando fiz 18 anos, comecei a recebê-los diretamente. Não era o suficiente, mas pelo menos eu tinha um pouco de dinheiro para comprar fraldas e leite em pó. Gostaria de ter dado o peito para Joey, mas por causa de um remédio que os médicos me receitaram depois do seu nascimento, eu não podia.

Pouco depois que meus pais se separaram, minha mãe começou a sair com outros homens. Com o tempo, um sujeito latino parecia estar sempre em casa. Vou chamá-lo de Carlos. Ele parecia um cara decente — ao menos no início. Quando Joey tinha uns seis meses, Carlos foi morar lá.



Enquanto Joey começava a dar gritinhos, engatinhar e finalmente andar, nós dois nos divertíamos bastante. Ele adorava *101 Dálmatas*, por isso sempre assistíamos juntos. E ele adorava cantar comigo; eu vivia lhe ensinando canções. Ele gostava muito de “The Wheels on the Bus”, então eu cantava bastante essa. Uma noite, ele estava brincando com uma panela e uma colher de brinquedo.

— O que você tá fazendo, meu amor? — perguntei sorrindo.

— Squete! — ele gritou, tentando dizer “espaguete”. Em seguida, ele ergueu a colher e bateu com ela na mão esquerda. Sempre que comíamos espaguete com almôndega, fazíamos uma brincadeira: ele roubava uma das minhas almôndegas e eu fingia que não sabia aonde ela tinha ido parar. Ele ria histericamente enquanto eu procurava em todo lugar.

Mais tarde naquela noite, depois que dei banho, passei creme nele e comecei a abotoar seu pijama inteiriço, ele pulou e brincou pelo quarto ao ritmo de uma música do rádio.

— Vem cá, ursinho — eu chamei. Ele voltou para perto de mim para que eu terminasse de abotoar o pijama. — Você é tão bobinho! — ele apenas sorria.

Eu adorava passar as festas com Joey, especialmente porque minha família nunca as comemorava de verdade. No Natal de 2001, Joey tinha 2 anos. Guardei um pouco do dinheiro do meu pagamento da Previdência e fui até a Family Dollar perto de casa comprar presentes para ele. Ele sempre me pedia uma árvore de Natal. Sinceramente, meu dinheiro não dava para comprar presentes *e* uma árvore, por isso tentei eu mesma fazer uma arvorezinha, juntando galhos e

folhas na rua e colando-os num pedaço de pau com cola. Ficou bem patética, mas, com 2 anos, Joey não conseguia ver diferença.

— Linda! — ele disse, quando colei o último galho, alguns dias antes do Natal. Nós dois ficamos ali, admirando a nossa árvore.

Eu só embrulhei os presentes de Joey na véspera do Natal. Ele estava tão empolgado que eu sabia que tentaria abri-los escondido. À meia-noite, comecei a embrulhar os presentes dele no andar de baixo, na sala. Pouco depois da uma da manhã, finalmente deixei os presentes debaixo da árvore improvisada e me aninhei ao lado dele na cama, imaginando a que hora da madrugada ele iria me acordar.

Menos de quatro horas depois, às 5h, Joey já estava mais do que acordado.

— Mamãe, mamãe! — ele dizia, pulando no colchão. — Natal!

Eu virei para o lado e enfiei a cabeça debaixo de um travesseiro.

— Oba, é Natal! — ele continuou gritando. — Toca o sino, pequenino! — ele cantava. Alguns minutos depois, me arrastei para fora da cama, esfreguei os olhos e pus os óculos.

— Tá, ursinho — eu disse. — Pronto, a mamãe acordou. — Ver o rostinho dele tão radiante bastou para me motivar a sair da cama.

Primeiro cantamos juntos três estrofes de “Árvore de Natal” — Joey repetindo só o título da canção — e depois deixei que ele abrisse os presentes. Ele espalhou papel pelo quarto todo. Gritou quando abriu o primeiro embrulho.

— Capacete! — eu balançava a cabeça e sorria enquanto ele punha o capacete de futebol.

— Sim, bebê — eu disse. — Sabia que você ia gostar.

Depois ele endoidou completamente quando abriu outra caixa e encontrou uma bola de futebol.

— Ebaaaa! — ele exclamou, arregalando os olhos. — Mais futebol!

Eu decidira proporcionar a Joey o melhor Natal do mundo — e antes que o relógio marcasse 6h, parecia que eu tinha conseguido.

— Obrigado, mamãe! — Joey gritou, me abraçando.

— Eu te amo — eu disse, segurando o queixo dele. — Quero que você sempre se lembre disso. — Ele estava em êxtase, e eu também... Pelo menos até chegar janeiro, e eu perceber como me sobrara pouco dinheiro depois das festas.

7

Perdendo Joey

NA PRIMAVERA de 2002, comecei a procurar emprego — *qualquer* emprego. Eu procurava todo dia. Estava cansada de não ter dinheiro, e não queria mais depender da Previdência.

— Mamãe, você olha o Joey pra mim? — eu pedia, quando ia preencher fichas. Às vezes ela aceitava. Quando isso acontecia, eu ia a todas as lanchonetes da cidade, me candidatando a empregos. Mas quando você mede 1,27m e não alcança nem a caixa registradora, nem a máquina de café, ninguém quer te contratar. Eu aceitaria qualquer emprego, até alguma coisa informal — sabia que minhas opções eram limitadas por não ter concluído o ensino médio. Percorri as ruas de Cleveland durante semanas, mas no fim do verão, ainda não havia encontrado nada.

Uma tarde, no início de junho, depois de ter saído para procurar emprego de novo, entrei em casa me arrastando. De mãos vazias, eu decidira voltar para casa mais cedo, umas 16h. Quando entrei num dos quartos do andar de cima, vi o namorado da minha mãe, Carlos. Ele estava tão bêbado que falava arrastado. Minha mãe, que eu imaginava estar cuidando de Joey, simplesmente desaparecera.

— Vem cá! — Carlos disse. Ele tentou me agarrar.

— Mamãe, mamãe! — Joey gritou. Ele ficou tão em pânico que começou a fazer xixi perna abaixo. Carlos viu isso e segurou Joey pela perna direita. Num movimento rápido, ele fraturou o joelho de Joey.

Os detalhes do que aconteceu a seguir são dolorosos demais para serem descritos, por isso vou explicar resumidamente. Depois que levei Joey para o hospital, eu queria contar a verdade sobre como ele se machucara, mas morria de medo de que o tirassem de mim por acharem que ele não estava seguro em casa. Por isso contei que ele havia caído no parquinho. Pouco depois de dar entrada com ele no hospital, duas assistentes sociais começaram a conversar no corredor. Eu conseguia ouvi-las cochichando.

— Podemos conversar, srta. Knight? — a loura gorda e baixinha perguntou. A outra tinha cabelo castanho-escuro e me olhava por cima dos óculos.

Minha respiração ficou mais lenta.

— Vocês vão tirar meu filho de mim, não vão? — perguntei.

Elas não responderam imediatamente.

— Sabemos o que aconteceu com Joey — a loura disse, por fim, me olhando nos olhos. Eu comecei a chorar. A assistente social explicou que Carlos havia confessado o que fizera. Sua irmã ligara para o hospital e contara a verdade. Enquanto ela falava, comecei a chorar mais. — Por favor... não... levem... meu... bebê! — consegui dizer em meio aos soluços. — Eu não tive culpa!

Pouco depois, recebi a terrível notícia dos funcionários do hospital: quando meu filho tivesse alta, seria encaminhado a um lar provisório até ficar provado que sua casa era um lugar seguro para ele.

Eu não conseguia parar de chorar.

— Não levem meu filho! — eu gritava, me curvando no corredor. As enfermeiras assistiam a tudo com olhar de pena. Parei de chorar o suficiente para receber a única boa notícia do dia:

— Você pode ficar com ele mais uma noite — uma enfermeira me disse. Depois, ela me levou até o quarto dele.

Joey estava deitado numa daquelas camas altas. Sua perninha estava toda enfaixada com bandagens brancas.

— Mamãe, mamãe! — ele gritou ao me ver.

Eu me aproximei da cama e apertei a mão dele.

— Tô aqui, ursinho — murmurei.

A enfermeira, percebendo que eu temia abraçá-lo por receio de machucá-lo, virou para mim e disse:

— Não precisa ter medo. Pode pegá-lo no colo. Só tome cuidado. — Eu balancei a cabeça e ela saiu.

Eu não tinha coragem de contar para Joey que aquela seria nossa última noite juntos, mas sabia que precisava lhe dizer alguma coisa.

— A mamãe vai ficar um tempo longe de você, tá? — eu disse ao ouvido dele. Com as costas da mão, enxuguei uma lágrima que escorria pela minha bochecha esquerda.

Joey me olhou com preocupação. De alguma forma, percebi que meu filho sabia a verdade, que “um tempo” poderia significar para sempre. Mais tarde naquela noite, puxei Joey para o meu peito, deitada ao lado dele. Eu sentia seu

coração batendo enquanto ele dormia. *Tum. Tum. Tum.* No escuro, chorei o mais baixinho que pude.

Na manhã seguinte, levei Joey para o salão de jogos do hospital. Fizemos alguns desenhos juntos, ele sentado no meu colo. Depois de uma hora, ouvi o ruído de walkie-talkies no corredor. A polícia chegara.

— Moça — disse um dos policiais —, agora precisa se despedir.

Como se despedir de uma criança que já morou dentro do seu corpo? Como ir embora depois? Como explicar para o seu filho que dias, meses e até anos poderiam passar antes que ele visse sua mãe outra vez? Eu abracei Joey com delicadeza, tentando evitar que as lágrimas escorressem pelo meu rosto. Quando me levantei para sair, Joey começou a espernear.

— Não me deixa aqui, mamãe! — ele gritava. — Não me deixa aqui!

— Só vou embora por um tempinho — eu disse, no tom de voz mais calmo que consegui imitar. — Logo a gente vai se ver de novo. — Tentei acalmá-lo segurando-o no colo, mas ele continuou gritando.

— Moça, a gente precisa ir mesmo — o policial disse. Pelo modo como ele e os outros policiais ficaram afastados, me dando um pouquinho mais de tempo, eu percebi que sentiam pena de mim. Eu me curvei e beijei a testa de Joey. Então os policiais me acompanharam para fora da sala.

— Mamãe! Mamãe! — Joey gritava, enquanto eu os seguia pelo corredor. Meu ursinho estava suplicando por mim... mas eu não podia nem responder.

Eu havia sofrido abuso sexual de um parente durante anos. Morara num tambor de lixo debaixo de uma ponte, em todo tipo de intempérie, como um animal. Mas nada poderia ter me preparado para perder meu filho. Era a pior coisa que já me acontecera em todos os meus 21 anos de vida. Passei a noite chorando, sentindo dor por falta do meu filho. Eu me perguntava se ele estava sendo bem tratado em seu novo lar. E me perguntava se estava com medo, me chamando, se os pais provisórios seriam gentis e compreensivos, ou se seriam frios. Era uma tortura não saber onde meu filho estava dormindo, nem como estava sendo tratado. Finalmente, enfiei a mão fechada na boca, para não acordar a todos com os meus soluços.



ALGUNS DIAS DEPOIS, caminhei quase três horas para comparecer a uma audiência. Estava disposta a andar qualquer distância para conseguir Joey de volta. A juíza gritou comigo porque cheguei 15 minutos atrasada.

— Cada atraso depõe contra você — ela esbravejou.

Percebi que não adiantaria muito explicar que eu não tinha carro. Nem ajuda. Nem dinheiro. Nem emprego. Nem vontade de continuar respirando, se não pudesse ter meu filho de volta. A maior parte do tempo, eu me sentia atordoada, como se alguém tivesse enfiado um punhal no meu coração.

Naquela audiência e nos encontros seguintes com assistentes sociais, fiquei sabendo o que eu precisaria fazer para ser considerada novamente uma "mãe adequada". Eu precisaria provar que podia dar um lar seguro para meu filho sozinha. Também teria direito a visitas, às quais precisaria comparecer pontualmente. Um assistente social precisaria estar presente em todas essas visitas, que aconteceriam a cada 15 dias.

Eu me mudei da casa da minha mãe para um dos quartos da casa da minha prima Lisa. Quando eu era mais nova, nem conhecia Lisa; meus pais nunca nos apresentaram. Mas quando eu tinha uns 16 anos, ela finalmente apareceu na nossa casa, um dia, e eu a achei muito legal e muito doce. Ela morava na Walton Avenue, em Tremont, e estava disposta a me alugar um quarto por apenas trezentos dólares por mês. A casa dela ficava bem perto de onde minha mãe e Carlos moravam, mas para mim era como se fosse outro mundo. Ao menos eu estava segura. Eu nem tinha dinheiro para pagar a Lisa pelo lugar: ainda não estava trabalhando. Mas sabia que precisava fazer o que fosse necessário para me afastar do ambiente violento que me levara a perder Joey. *Vou aceitar morar com Lisa e me preocupar com o pagamento depois*, pensei. Assim, eu me mudei.

Lisa, que é uns dez anos mais velha que eu, fazia o melhor que podia para que eu me sentisse em casa. Quando eu voltava da caça aos empregos, às vezes ela me preparava um macarrão instantâneo. Ela sabia que eu me sentia deprimida e solitária, por isso pedia que nossos outros parentes, que moravam por perto, me apresentassem aos vizinhos. Uma de nossas primas bem mais novas, Deanna, morava a alguns quarteirões dali. Numa tarde do fim de junho de 2002, quando Deanna e eu estávamos conversando na porta de casa, ela me apresentou a uma colega de escola.

— Michelle, esta é minha amiga Emily, Emily Castro — ela disse. Emily me cumprimentou com um aceno. Como Deanna, Emily tinha uns 14 anos. Ela tinha cabelo preto e um sorriso bonito, e nas semanas seguintes veio muitas vezes à nossa casa. Morava a alguns quarteirões dali com a mãe, segundo me contou. Tinha sete anos a menos do que eu (embora a maioria das pessoas me desse 12 anos, na verdade eu já tinha 21), mas isso não me incomodava. Ela era uma menina muito legal. Além disso, quando eu estava na escola, me acostumara a

conviver com crianças bem mais novas do que eu, porque estava sempre repetindo o ano. E especialmente naquelas tardes, quando eu chegava em casa tão desanimada com a busca de um emprego, ficar com Emily e Deanna era uma maneira de esquecer todo o resto.

Aos poucos, fui conhecendo Emily. Ela me contou que seus pais eram separados, mas que ela sempre visitava a casa do pai, na Seymour Avenue.

— Que legal — eu disse.

Emily tirou o celular do bolso e me mostrou uma foto dele. Disse que seu nome era Ariel e que ele trabalhava como motorista de ônibus. Na foto, o pai de Emily estava sorrindo, e eu achei o sorriso parecido com o dela. Ele tinha cabelo cheio, preto, ondulado, bigode e cavanhaque. Parecia um pouco descabelado na foto — seu cabelo estava meio arrepiado —, mas achei a cara dele legal.

— Que bom que você ainda pode conviver com ele — eu disse. Emily balançou a cabeça e guardou o celular na bolsa.

Em outra ocasião, quando Emily estava comigo e com minha prima, ela ligou para o pai do celular e pôs no viva-voz. Ela disse que estaria pronta às 18h. O pai dela ia passar na casa da mãe e pegá-la com sua picape.

— Tá — o pai disse, num tom de voz calmo. — Eu passo lá às 18h.

Emily nunca chegou a me apresentar “AC”, como o chamava, pessoalmente, mas eu sentia que o conhecia mesmo assim. Várias vezes, naquele verão, ouvi os dois conversando no celular. Eles ficavam brincando no viva-voz. O pai falava com ela imitando um sotaque engraçado de caipira. Parecia um cara bem legal.



MINHA PRIMEIRA VISITA a Joey aconteceu no fim de semana do feriado de 4 de Julho de 2002, cerca de um mês depois de ele ser enviado para um lar provisório. A assistente social marcou encontro num parque para nossa visita de uma hora.

— Mamãe, mamãe! — ele gritou quando me viu chegando. Peguei Joey nos braços e o apertei tanto que quase o deixei sem fôlego.

— Oh, bebê! — falei. Eu sabia que minha visita seria curta, por isso não tirei os olhos dele nem um minuto do tempo que ficamos juntos.

No parquinho, Joey e eu descemos juntos o escorregador — eu atrás e ele na frente.

— Eeee! — eu gritava, erguendo os braços de Joey enquanto escorregávamos. Em meio às risadas, nós conversamos.

— Você tá bem, ursinho? — perguntei, com um nó na garganta.

— Tô com saudade! — Joey disse. Um momento depois, ergui os olhos e vi a assistente social nos observando atentamente, do outro lado do parquinho. Era esquisito ver alguém me vigiando enquanto eu brincava com meu menino, mas eu estava determinada a ignorá-la e me concentrar só no meu filho.

Quando a hora acabou, tive que me despedir. Precisei de todas as minhas forças para não agarrar o meu bebê e sair correndo pela rua com ele.

— Não quero voltar pra lá. Quero ir pra casa com você — ele disse.

— Eu sei, meu amor — afaguei o cabelo dele —, mas você ainda não pode ficar comigo. A gente vai ficar junto de novo logo.

Ele se agarrou à minha perna com todas as forças.

— Não! Não vai embora! — gritou.

Eu me senti revivendo aquele momento terrível no salão de jogos do hospital.

— A gente se vê da próxima vez, bebê — eu disse para consolá-lo.

A assistente social precisou arrancá-lo da minha perna e arrastá-lo, esperneando e gritando, até seu carro. Enquanto ela o punha na cadeirinha, eu ouvia seus uivos. Sentindo meu coração se partindo ao meio, fiquei olhando o carro ir embora até desaparecer.

No meio de julho, precisei faltar a uma visita com Joey. Isso doeu, porque eu sabia que, no sistema judiciário, isso deporia contra mim. Aumentaria o tempo que iria levar para que eu provasse que podia ter de volta a guarda de Joey. Mas como nem sempre eu tinha quem me desse carona, e não tinha carro nem habilitação, eu precisava ir a pé. No começo da permanência de Joey no sistema de adoção provisória, ele nem tinha uma família fixa, então ficava passando de casa em casa. Isso significava que às vezes o lugar das visitas ficava a horas de caminhada. Eu fazia o que podia para comparecer e ser pontual, mas no dia em que precisei faltar, isso não foi possível.

O RESTO DO mês de julho passou como um longo e enorme borrão quente, para mim — os domingos não eram diferentes das terças, quartas e quintas. Eu só pensava na próxima vez que veria Joey, e em como poderíamos finalmente ficar juntos de novo. Eu passava cada momento do dia tentando fazer de tudo para tornar isso possível.

Para começar, eu precisava arranjar um emprego. Toda manhã, lá pelas 8h, eu calçava as sandálias e saía a pé para preencher mais fichas; nos finais de tarde,

ficava na porta de casa com Emily e Deanna. Às vezes, Lisa e eu íamos até a loja de conveniência e comprávamos uma cerveja para tomar juntas. Em casa, quando conseguia me sentar na frente do ventilador, eu ficava ali. Para piorar, meus óculos caíram e quebraram, um dia, quando eu estava andando na rua. Como sou muito míope, eu precisava forçar a vista para andar pela cidade em busca de emprego. Junto com o calor escaldante, minha visão embaçada me deixava desorientada. E eu certamente não podia comprar outro par de óculos. Ia ter que me virar.

8

Desaparecida

23 DE AGOSTO DE 2002, às 14h30 — para esse dia estava marcada minha reunião seguinte com a assistência social no processo de recuperar a guarda de Joey e me preparar para a audiência no tribunal, marcada para o dia 29 de agosto. As assistentes sociais me mandaram um endereço, mas eu não fazia a mínima ideia de como chegar lá. Estava contando com alguém da minha família que iria me levar, por isso dispensei a carona que as assistentes sociais haviam me oferecido. Estava aliviada por ter como ir — até que meu parente me ligou na manhã seguinte para avisar que não poderia me dar a carona, no fim das contas. Automaticamente, me dei conta de duas coisas: eu provavelmente me perderia, e por estar a pé, era quase certo que me atrasaria. *Meu Deus.*

Descobri que não teria a carona às 11h, o que pelo menos me deixava algum tempo para pensar num plano.

— Tenho certeza de que esse endereço fica no centro — minha ex-carona me dissera. Eu precisaria no mínimo de uma hora e meia ou duas para andar do meu bairro até lá, mais o tempo de encontrar o lugar. Tomei uma ducha, vesti uma bermuda de jeans até o joelho, uma camiseta branca lisa e minhas sandálias mais confortáveis. Depois, devorei uma tortinha.

— Você vem comigo? — perguntei para Deanna. Por algum motivo, ela não fora à aula naquele dia e viera a pé até a nossa casa.

— Claro — ela disse, calçando os tênis. Joguei minha mochila marrom sobre o ombro e enfiei o papel com os detalhes da reunião no bolso da frente com zíper. Ao meio-dia, nós saímos.

Andamos por cerca de uma hora sob o sol escaldante antes de chegar à região do centro, mas não conseguimos encontrar o endereço. Perguntamos a todos, do dono da barbearia até um cara numa quitanda. Todos davam de ombros e diziam que não faziam ideia de onde ficava aquilo.

Pouco depois das 13h, decidi que era melhor parar e ligar para o escritório da assistência social. Eu sabia que precisava avisar alguém que talvez me atrasasse.

Tirei o papel de dentro da bolsa, fiz força para ler o telefone e inseri uma moeda no telefone público. Uma recepcionista mal-humorada atendeu.

— Não sei onde fica o lugar — eu disse a ela —, e tô a pé...

A mulher me interrompeu.

— Então devia ter aceitado a carona que oferecemos! — ela disse.

— Mas eu achei que não ia precisar. Tinha uma pessoa que ia me levar — expliquei. Então, antes que eu pudesse pedir informações detalhadas de como chegar, *clic*. Eu sabia que o atraso deporia contra mim. Àquela altura, porém, não sabia mais o que fazer. Já estava me sentindo desidratada por causa do calor. Círculos de suor se formavam na minha camiseta branca, sob as axilas. Eu estava faminta e exausta. E também furiosa comigo mesma, pois provavelmente perderia mais uma reunião. *Eu deveria ter aceitado a carona que ofereceram. Deveria ter procurado o endereço ontem à noite.*

— Vamos voltar pra casa — eu disse a Deanna. Seu rosto estava vermelho e suado.

— Tem certeza? Talvez a gente ainda consiga achar o lugar.

— Vamos andar mais um pouco e perguntar pra mais algumas pessoas no caminho — sugeri.

Foi exatamente isso que fizemos, mas no caminho, absolutamente ninguém conseguia dar a menor pista de como chegar lá. Quando passamos por uma lavanderia automática, eu olhei pela vidraça e vi um relógio na parede. Estava marcando 13h18. Não restava muito tempo. Decidi que seria melhor ligar para o escritório de novo.

— Por que você não volta sozinha? — perguntei a Deanna. — Vou dar uma olhada pra ver se acho outro telefone público e depois te alcanço.

Ela balançou a cabeça e seguiu de volta para casa. Encontrei outro telefone público e liguei. Dessa vez, ao ouvir o menu principal, tentei dispensar a recepcionista do mal e falar diretamente com minha assistente social. Mas era preciso saber qual o ramal dela para falar direto, e eu não tinha anotado. Tirei a folha do bolso e a segurei na frente do nariz para tentar ler, mas não achei nada que parecesse um ramal. Por volta das 13h30, comecei a andar na direção de casa e olhar adiante, para ver se encontrava minha prima. Vi uma garota que pensei ser ela a distância, mas estava longe demais para ouvir meus chamados. Assim, continuei andando sozinha. *Pode ser que eu ainda consiga uma carona*, dizia a mim mesma.

Por volta das 14h30 — a hora marcada para a reunião — eu tinha acabado de voltar para o meu bairro. Passei pela loja da Family Dollar onde fizera compras

várias vezes, a mesma onde uma vez comprara aqueles presentes de Natal para Joey. Estava morrendo de sede. Quando entrei, notei que a loja parecia muito cheia. Abrindo caminho até o setor das bebidas, notei uma mulher de aspecto gentil. *Talvez ela possa me ajudar*, pensei.

— Com licença, moça — eu disse, puxando meu papelzinho amassado. — Por acaso sabe onde fica este endereço? — apontei para a folha. Ela baixou o tubo de desodorante que estava segurando e olhou para mim, depois para o endereço.

— Gostaria de saber te dizer, querida — ela disse —, mas eu nem moro neste bairro.

— Mas o problema é esse — eu disse. — Acho que este endereço nem *fica* neste bairro. Pode ser perto do centro.

— Desculpa — ela disse, pondo o desodorante na sua cestinha —, mas acho que não vou poder te ajudar.

Desanimada, enfiei o papel no bolso da frente, peguei um refrigerante e entrei na fila da caixa. A funcionária da caixa, uma loura robusta, parecia meio cansada. Depois de pagar, fui indo até a porta. Aí pensei: *Eu podia perguntar pra caixa se ela sabe onde fica o endereço*, e voltei para o balcão. Enquanto ela passava a compra de outro cliente, puxei a folha e mostrei para ela.

— Com licença. Sabe onde fica? — perguntei.

Ela olhou o endereço por um momento.

— Na verdade, acho que você tem que ir até a esquina e virar à esquerda, mas não tenho 100% de certeza — ela respondeu.

Quando eu estava saindo de novo, ouvi uma voz masculina perto de mim.

— Eu sei exatamente onde fica isso. — Eu me virei e, quando ele se aproximou, reconheci o homem pela fotografia. Era Ariel Castro, o pai de Emily.

— Oh, olá — eu disse. Ele deu um passo adiante para pagar seus itens, um par de chaves de fenda e uma lata de óleo automotivo. — Sou Michelle, amiga da Emily — continuei. — Conheço sua filha.

Ele sorriu.

— Ah, sim — ele disse num tom de voz suave, o mesmo que eu já o ouvira usar ao telefone com a filha. — Se você esperar um momento, acho que posso te mostrar como chegar lá.

Obrigada, meu Deus! Eu ia chegar atrasada, mas provavelmente ainda poderia comparecer à reunião, pelo menos.

Enquanto a caixa terminava de passar a compra dele, eu o olhei melhor. Estava tão descabelado quanto naquele retrato; o cabelo volumoso e ondulado

estava despenteado e cobria um pouco o rosto moreno. Suas mãos eram ásperas, como se ele não usasse hidratante havia meses, e a pele estava descamando. Parecia ter uns 40 anos. A barriga saía por cima da cintura de seu jeans preto. Ele usava uma camisa de flanela xadrez de manga comprida com algumas manchas de graxa, como se estivesse consertando um carro. As mangas estavam arregaçadas até os cotovelos. *Como ele consegue usar camisa de flanela no verão?* Eu me perguntava. Ele me parecia mexicano, mas eu sabia, pelas conversas com Emily, que era de Porto Rico. Ele viu que eu o encarava, e quando eu ia desviar o olhar, sorriu para mim de novo. Mesmo sujo como estava, parecia um cara decente.

Ele enfiou o troco no bolso de trás e se aproximou de mim, com suas botas de trabalho.

— Eu também tô meio atrapalhado hoje — ele disse rindo. — Você sabe onde tem uma agência do Key Bank?[7]

Eu sabia.

— Fica ali — eu disse, apontando. — É só virar à direita.

Ele balançou a cabeça.

— Mas antes vou te ajudar a achar esse endereço — ele disse. — Quer uma carona?

— Quero — me ouvi dizer, mas então algo me disse que eu deveria ligar para a minha amiga e avisar que eu ia aceitar uma carona do pai dela. — Hã, a gente pode ligar pra Emily primeiro e avisar? — perguntei.

Quando ele se curvou para falar comigo, senti o seu cheiro: ele cheirava a fluido de câmbio.

— Emily tá na escola agora. Não quero incomodá-la — ele disse.

Eu pensei um pouco.

— Bom, acho que você pode me dar uma carona, sim — eu disse. — Obrigada.

Quando passamos juntos pela porta, ele segurou o meu antebraço. Com um pouco de força demais, me pareceu. Mas menos de um segundo depois, ele afrouxou a presa.

— Oh, desculpa! — Ariel disse, rindo um pouco. — Segurei seu braço forte demais, não foi? — Eu ri nervosamente e balancei a cabeça, depois alisei a manga da minha camiseta. — Às vezes desconheço minha própria força — ele disse. — Me perdoa.

Naquele momento, algo pareceu estranho, mas depois que ele pediu desculpas, interpretei o aperto no meu braço como um erro inocente. Além disso,

eu confiava nele bem mais do que teria confiado num completo desconhecido. Afinal, era o pai da minha amiga, sem falar que era um anjo enviado para me levar até minha reunião. Lado a lado, andamos em meio aos carros até que ele viu sua Chevy alaranjada de cabine dupla do outro lado do estacionamento. Ele foi para o lado do passageiro e me ajudou a entrar.

O interior da picape estava tão sujo quanto ele. Havia embrulhos de Big Mac espalhados por todo o assoalho. Algumas caixas velhas de comida chinesa estavam enfiadas num canto, perto do apoio acarpetado dos pés, do meu lado. Faltavam as manivelas para abrir os dois vidros da frente.

— Uau, você deve viver dentro deste carro — eu disse, olhando ao meu redor.

Ele riu.

— Eu sei, tá meio bagunçado. Eu sou o típico solteirão.

Ele enfiou a chave na ignição e deu a partida. Então, de repente, do nada, virou totalmente o volante e começou a girar com o carro.

— Uuu-huu! — ele gritava. Imóvel, eu me agarrava à borda do assento. — Ei, calma — ele disse, quando percebeu minha expressão preocupada. — Só tô me divertindo um pouco. Gosto de fazer isso com os meus filhos, às vezes.

Eu dei uma risadinha. Sabia por Emily que o pai dela era meio bobo, como quando falava com ela imitando sotaque caipira. Eu me encostei no assento e tentei me acalmar, enquanto saíamos do estacionamento.

Durante o trajeto, conversando, contei para ele de Joey, de como aquela reunião era importante, pois eu queria recuperar a guarda dele.

— Sinto tanta falta dele — eu disse. Ariel balançou a cabeça, compreensivo. Naquela hora, embora eu não estivesse enxergando bem a rua sem meus óculos, notei que não parecíamos estar voltando para o centro, onde seria a minha reunião.

— Aonde a gente tá indo? — perguntei.

— Oh, eu só preciso passar em casa rapidinho e pegar umas coisas — ele disse. — Emily vai voltar logo, a aula já acabou. Posso dar um dinheiro pra ela, aí vocês podem ir pro shopping juntas, mais tarde. Mas não se preocupe, primeiro vou levar você pra sua reunião.

Eu olhei para ele.

— Tudo bem — eu disse —, só que não vou poder ficar muito tempo. Já tô atrasada. Preciso ir a essa reunião, ou tô ferrada. Posso ir pro shopping com a Emily outro dia. — O relógio do painel marcava 15h, por isso eu sabia que Emily logo estaria em casa.

— Não vai demorar — ele disse. — Prometo.

Rodamos por mais um minuto enquanto ele contava o quanto adorava motocicletas, e que estava tentando vender uma.

— Sei de alguém que talvez queira comprar — eu disse, pensando num sujeito que morava no meu bairro.

Então ele mudou de assunto:

— Ei, você gosta de cachorrinhos? — perguntou.

— Ai, eu adoro! — respondi. — Meu filho também. — Toda vez que encontrávamos um cachorro na rua, Joey ficava todo empolgado e queria fazer carinho nele.

— Eu tô com uns filhotes lá em casa — Ariel disse. — Minha cadela pariu faz alguns dias. Quando a gente parar lá, posso te dar um. Aí, quando você pegar Joey de volta, pode dar um cachorrinho pra ele. Aposto que ele vai adorar.

Que ideia legal — Joey ia adorar ter um cachorrinho, pensei. *Seria um ótimo presente de volta pra casa.*

Na Seymour Avenue, paramos diante de um sobrado branco que ficava a poucos quarteirões de onde eu morava — reconheci a rua. A casa era rodeada por uma cerca de arame de dois metros e meio de altura.

— Chegamos — ele avisou.

Olhei para o quintal da frente e vi ainda mais lixo do que dentro da picape — montes de jornais e latinhas de alumínio vazias. A grama, amarelada, claramente não era cortada havia dias, ou décadas, talvez. Para chegar à casa dele, havíamos rodado no mínimo uns sete minutos, mas ambos morávamos só a uns dois minutos da Family Dollar. *Será que ficamos andando em círculos?*, pensei.

Ele saiu do carro e abriu um portão que dava para um espaço ao lado da casa. Então entrou no carro de novo, engatou a ré, olhou por cima do ombro e estacionou cuidadosamente. Havia um furgão estacionado mais no fundo do quintal. Em seguida, ele trancou o portão com um grande cadeado — e isso me deixou nervosa.

— Por que você guardou o carro e trancou o portão? — perguntei. — A gente não ia passar aqui rapidinho?

— Porque este bairro é terrível — ele retrucou. — Não quero que ninguém roube minha picape.

Quem ia querer esta porcaria?, pensei comigo.

Da janelinha da picape, no quintal cheio de lixo, eu via uma *chow-chow* marrom bem peluda, presa a uma corrente.

— Ah, ela é linda! — exclamei.

— O nome dela é Maxine — ele disse.

— Por que ela não tá dentro de casa com os filhotes?

— Preciso trazê-la aqui pra fora, porque às vezes ela mija dentro de casa — ele explicou. Isso não fazia muito sentido, para mim: por que ele não treinou a cadela quando ela era filhote? Mas, enfim, não liguei muito para isso. — Volto já — ele disse. Ele saiu do carro, mas deixou o motor ligado.

Menos de um minuto depois, Ariel voltou e abriu a porta do meu lado.

— Por que você não entra um momentinho? — ele perguntou.

Eu torci o nariz.

— Pra quê?

— Assim você mesma escolhe um filhote — ele disse. Notando minha hesitação, ele insistiu. — Não precisa ficar nervosa — acrescentou. — Emily tá em casa. Entra só um segundo pra ver os filhotes.

Eu respirei fundo e, num momento do qual vou me arrepender pelo resto da vida, finalmente falei:

— Tá, só por um minuto.

Ele me ajudou a sair da picape e nós fomos até a porta dos fundos, de madeira. Antes de entrar, vi um senhor de idade, branco, no quintal ao lado. Eu o conhecia da vizinhança; os filhos dele eram muito malcriados. Acenei e gritei:

— Olá!

Ele me olhou de cara amarrada e depois acenou de volta. Essa troca de cumprimentos imediatamente me tranquilizou. *Os vizinhos o conhecem*, pensei. *E Emily tá aqui. Esse receio é ridículo.*

Se a picape e o quintal de Ariel eram imundos, nem se comparavam à casa. Havia jornal espalhado pelo chão da cozinha e da sala, que ficava logo além. Pratos sujos com crostas de comida estavam empilhados na pia. Havia garrafas de cerveja para todo lado. Cheirava a uma mistura de mijo, cerveja e feijão-preto podre. Boa parte das janelas haviam sido fechadas com tábuas por dentro. *Como a filha dele aguenta visitá-lo aqui?*, pensei. Fiquei me perguntando se Emily sentia tanto nojo daquilo quanto eu.

— Bem-vinda — Ariel disse, me convidando a entrar mais na cozinha. — Pode entrar. Como falei, sou solteirão. Não tenho muitas oportunidades de fazer faxina.

Não falei nada — fiquei só olhando. Eu o segui até a sala de estar, pensando numa maneira de sair logo daquela pocilga fedorenta sem parecer grosseira. Vi uma foto em cima de um grande aparelho de TV, que ficava ao lado de um aparador de lareira.

— Ah, eu adoro essa foto da Emily. Ela ficou tão linda — eu disse. — Você falou que ela tá aqui?

Ele balançou a cabeça.

— Ela tá lá embaixo, pondo roupa na máquina de lavar — ele me garantiu. — Já vai subir. Por que você não vem comigo lá pra cima, pra escolher um filhote? — ele apontou uma escada que saía da sala.

— Ã-ã, eu não vou lá pra cima — falei, recuando um passo.

— Vamos lá — ele disse —, não precisa ter medo. Sou eu, AC... o pai da Emily.

É verdade, pensei. *Acho que é só bobeira minha.* Não queria que Ariel contasse a Emily que eu me comportara como se tivesse medo dele. Além disso, eu podia até ver a carinha de Joey chegando em casa e encontrando a surpresa de um filhotinho só dele.

— Eu podia tentar trazer os filhotes aqui pra baixo — ele disse —, mas não quero que fiquem soltos por aí.

Eu estudei o rosto dele. Parecia tão sincero. Assim, um segundo depois, eu cedi. Ignorei minha relutância, pus o pé direito no primeiro degrau e comecei a subir. Ele seguia atrás, seus passos pesados parecendo os de um elefante.

Mais ou menos na metade da escada, eu ainda não ouvia nenhum latido.

— Por que eu não tô ouvindo os filhotes? — perguntei.

— Devem estar dormindo — ele disse. — São tão pequenos que passam metade do dia dormindo. Espera só pra ver. São tão lindos dormindo todos juntinhos.

Pareciam adoráveis; eu mal podia esperar para pegar um. No alto da escada havia um quarto.

— Estão ali, numa caixa — ele disse. Atravessamos um quarto com paredes brancas e seguimos para um quarto contíguo, cor-de-rosa. — Os filhotes estão debaixo da penteadeira — ele disse. Olhei para onde ele estava apontando e de repente, *Pam!* Ele fechou a porta.

— Me deixa sair! — Eu gritei. — Por favor, me deixa sair! Preciso ir pra minha reunião!

Ele pôs sua mãozona sobre a minha boca e o meu nariz e apertou a outra na minha nuca.

— Se você gritar de novo, eu te mato! — ele berrou.

O homem que eu conhecera na Family Dollar — aquele cara gentil que falava ao telefone com Emily e que me parecera tão legal — de repente havia se tornado um maníaco. Ele puxou minhas mãos para trás e me jogou no chão.

Naquele momento, uma série de lembranças das últimas duas décadas encheram a minha cabeça. A traseira da nossa feia perua marrom. A casa amarelo-canário da minha família. Meu tambor de lixo azul debaixo da ponte. O sorriso caloroso de Arsenio. Sniper e Roderick jogando sinuca comigo no porão. A risada de Joey e minha árvore fajuta no nosso último Natal juntos. Fechei os olhos e tentei me preparar para o que viria a seguir. Até hoje, ainda não consigo acreditar no que aconteceu.

7 Banco regional cuja sede fica em Cleveland, Ohio. (N. T.)

9

Prisioneira

— NÃO SE MEXE! — O CARA gritou, comigo já deitada no chão. Seu cuspe me atingiu nos olhos e seu bafo fedia a cerveja. Ele pegou minha bolsa e a jogou num canto do quarto cor-de-rosa. — Eu vou voltar já! — Ele correu para o outro quarto, e eu podia ouvi-lo procurando alguma coisa no armário. Tentei gritar, mas quando abri a boca, não saiu nenhum som. Quero dizer, *nenhum* mesmo. Minhas mãos tremiam como se eu estivesse num terremoto.

Eu estava no mais completo pânico. Meu corpo estava paralisado, mas minha mente trabalhava furiosamente. *Vai, garota, você precisa fazer alguma coisa!*, pensei. Meu olhar pousou em duas barras verticais de metal, uma de cada lado do quarto. Um fio estava esticado entre elas, como um varal. Nem um segundo depois, o cara voltou, passando um banco pesado pela porta. Ele o colocou perto de mim. Nas mãos, ele trazia duas extensões elétricas laranja. Meu coração batia tão forte que parecia que ia cair do meu peito. Comecei a tentar me levantar.

— Fica deitada! — ele urrou.

Eu senti ânsia e quase vomitei. Ele se sentou no banco e segurou minhas pernas. Fiquei louca, me debatendo e tentando resistir, mas ele era forte demais. Enrolou uma extensão tão apertada nos meus tornozelos que cortou minha pele. Ele não dizia uma palavra enquanto me amarrava, mas estava ofegante. Meu cérebro enlouquecia: *Como isso pode estar acontecendo comigo? Como é que eu vou sair daqui?* Enquanto ele dava voltas e mais voltas nos meus tornozelos com aquela extensão, o suor do seu queixo pingava na minha camiseta. Cheirava a uma mistura nojenta de mijo e óleo automotivo.

Depois que ele amarrou os meus pés, eu não conseguia mais senti-los. Ele puxou meus braços para trás, enquanto eu gritava e tentava esmurrá-lo no rosto.

— Por favor, me solta! — implorei, com as lágrimas correndo pelo meu rosto.

— Cala a boca, ou te mato de verdade! — ele gritou.

Ele enrolou meus punhos juntos e uniu minhas mãos e pés atrás de mim com a extensão. Depois, passou a extensão pelo meu pescoço.

— Para! — tentei gritar. Mas a extensão estava me deixando sem ar. Enquanto eu estava ali no chão, amarrada, imaginei que ele iria me pendurar numa daquelas barras. Mas de repente ele abriu o zíper do jeans, baixou a calça e pôs o pênis para fora. Boa parte de sua barriga aparecia por baixo da camisa de flanela, e ele não estava usando cueca.

— Você só vai ficar aqui comigo por um tempinho — ele disse, começando a se masturbar. A cada movimento, seu jeans caía um pouco mais. E quanto mais forte ele se tocava, mais tagarelava. — Só quero que a gente seja amigo — ele disse. — Minha mulher e meus filhos foram embora, e eu só quero alguém aqui comigo. Preciso de você.

Meu coração batia fora de controle. Minhas mãos e meus pés estavam adormecidos, e meu rosto, encharcado de lágrimas. O ranho escorria do meu nariz. Eu já tinha sentido medo muitas vezes na vida, mas nada chegava perto do terror que senti, deitada naquele chão. Eu tinha certeza de que logo iria morrer. *Meu Deus, por que isso tá acontecendo comigo?*

Desesperada, abri os olhos e olhei para cima, para a janela. Naquele exato momento, o cara apontou seu negócio para mim.

— *Iiiisso!* — ele gritou. Um grande jato de esperma esguichou no meu short.

Ele se sentou no banco e ficou descansando um tempão. Seu jeans havia descido até os tornozelos. Ele apoiou a cabeça na parede cor-de-rosa e respirou fundo várias vezes.

— Agora você precisa ficar bem quieta pra eu poder te pendurar nessas barras — ele disse finalmente.

Ele ficou de pé e levantou a calça. Então começou a tirar minhas sandálias. Comecei a dizer a única prece que eu conhecia.

— Na... hora de... adormecer — eu disse —, possa... Deus... me proteger...

— Para de fazer barulho! — ele gritou. — Ninguém vai te ouvir!

Mas eu continuei rezando.

— Se eu morrer... antes de acordar...

Ele me deu um tapa bem forte na têmpora, e eu fiquei bem quietinha.

Ele jogou minhas sandálias no canto, junto com minha bolsa. Então me rolou de barriga para baixo, e eu tentei me contorcer para sair do seu alcance. Ele amarrou a segunda extensão laranja na que estava em volta das minhas mãos, pés e pescoço. Então ergueu meu corpo até a altura dos fios compridos entre as duas barras e amarrou a extensão neles, às minhas costas. Quando ele terminou, eu estava uns 30 centímetros acima do chão, virada para a janela. Era como se ele estivesse me pondo à mostra — como um troféu de caça na parede. Um

minuto depois, ele enfiou uma meia cinza fedida na minha boca e passou fita isolante em volta da minha cabeça toda para segurá-la no lugar. Através da meia, eu só conseguia gemer — e torcer para que alguém me ouvisse.

— Vou comprar comida pra gente — ele disse, numa voz muito calma. O monstro desaparecera de repente, e o médico chegara para tomar o seu lugar. — Fique aí onde você está — ele disse. — Não vá embora. E não faça barulho.

Como é que eu vou fazer barulho amordaçada assim?, pensei freneticamente. Ele ligou o rádio sobre a penteadeira e aumentou tanto o volume que meus tímpanos doíam. Depois, bateu a porta e desceu a escada com passos pesados.

Por cima do barulho do rádio, ouvi o motor de sua picape acelerando. Pensei que talvez eu pudesse desamarrar as extensões, por isso comecei a me balançar para a frente e para trás. Mas só consegui ficar bem zonza. De onde eu estava pendurada, podia ver as janelas das casas do outro lado da rua. *Será que alguém consegue me ver?*, pensei. Como eu estava sem óculos, não enxergava bem. Tentei gritar de novo, mas tinha certeza de que ninguém seria capaz de me ouvir, com as batidas barulhentas do rap no rádio.

Corri os olhos pelo quarto para ver se eu poderia alcançar alguma coisa que me ajudaria a fugir, mas era impossível, por causa do modo como ele me amarrara. Eu conseguia ver algumas roupas femininas pela porta aberta do armário. Lembrei que Emily me falara da sua irmãzinha, Rosie, então aquele devia ter sido o quarto dela, antes que a mãe fosse embora e as levasse. Havia o desenho de uma sereia no chão. Parecia ter sido pintada por uma criança. Embaixo da sereia estava escrito “Ariel”. Talvez a filha tivesse feito aquele desenho para ele. Como um homem que tinha duas filhas, uma das quais era minha amiga, podia fazer aquilo comigo? Emily parecia achar que seu pai era legal — ela fazia ideia de que ele era um tarado? Agora eu sabia que ele mentira a respeito de ela estar em casa, mas talvez ela viesse mais tarde. Deanna teria voltado para casa e contado a todos que eu tinha desaparecido? Minha mente funcionava a mil, enquanto eu esperava e rezava para que alguém já estivesse à minha procura.

❦

Com o tempo, passei da sensação de entorpecimento para uma que era como se alguém estivesse enfiando mil alfinetes e agulhas por todo o meu corpo. Minha cabeça começou a latejar por causa do volume do rádio. Quando o sol se pôs, o psicopata ainda não tinha voltado. Comecei a ter certeza de que, quando ele

voltasse, me mataria. Eu só conseguia pensar no meu doce Joey — e se um dia iria vê-lo de novo.

Veio a manhã, depois a tarde, depois mais uma noite passou. Ele me deixou pendurada lá *pelo que pareceu mais de um dia*. Meu estômago doía de fome. Eu sentia mais sede do que jamais senti na vida, e minha boca estava inacreditavelmente seca, com a meia enfiada nela. Eu cheirava mal porque tinha me mijado toda. Duas vezes. E desmaiara algumas vezes, com aquela extensão me enforcando. Se ele voltou para casa durante esse período, eu não ouvi. Devia estar desacordada, ou talvez não conseguisse ouvi-lo porque o rádio estava muito alto. Quando ele finalmente escancarou a porta, estava segurando um sanduíche embrulhado no papel amarelo do McDonald's.

— Você precisa comer alguma coisa — o cara disse. Ele desligou o rádio. Então, bruscamente, arrancou a fita isolante da minha cabeça e tirou a meia. A fita arrancou tufos do meu cabelo e eu gritei, porque doeu muito. Ele desembrulhou o sanduíche de salsicha e tentou enfiá-lo na minha boca, mas eu apertei os lábios e balancei a cabeça de um lado para o outro. Então ele segurou minha mandíbula e tentou enfiá-lo à força.

— Você precisa comer! — ele gritou.

E se ele pôs alguma droga na comida? E se ele quiser me envenenar? Mantive a boca fechada com todas as minhas forças, até que ele finalmente jogou o sanduíche no chão.

Ele desamarrou a extensão que estava amarrada no fio e eu desabei dolorosamente no chão. Comecei a chorar de novo e tentei me sentar. Meus membros estavam tão entorpecidos que eu não os sentia.

— Fica quieta aí, sua putinha — ele disse. Com uma mão, ele desenrolava a extensão do meu pescoço, e com a outra me segurava no chão. Quando ele desenrolou meu tornozelo, um fio de sangue correu pelo meu pé.

— Preciso que você se levante — ele disse.

— Tá falando sério? Eu não consigo parar em pé! — gritei.

Antes que eu pudesse dizer mais uma palavra, ele me levantou e me jogou sobre o ombro. Grunhindo, me carregou para o quartinho branco ao lado. No canto havia um colchão *queen size* todo manchado, sem lençóis. Ele me jogou no colchão e arrancou toda a minha roupa. Durante uma hora, enquanto eu gritava sem parar, ele me estuprou. E depois de novo. E de novo. Ele me machucou tanto que o colchão ficou ensopado com meu sangue. No início, tentei espernear e arranhar seu rosto com as unhas, mas meu corpo, tão pequeno, nunca conseguiria repelir alguém tão corpulento.

— Por favor, não me machuca mais — eu disse soluçando, quando pareceu que ele estava diminuindo o ritmo. Achei que se eu tentasse falar mansinho, talvez ele me soltasse. — Só quero voltar pra casa — eu disse a ele. — Não acho que você seja má pessoa; você só agiu errado. Se me soltar agora, a gente pode esquecer tudo isso.

Mas nesse momento ele deitou seu corpo suado e nu ao meu lado e começou a conversar, quase como se achasse que eu era sua namorada.

— Eu gostaria muito de não precisar fazer isso com você — ele disse baixinho. Suspirou e até começou a chorar um pouco. O médico estava de volta. — Minha mulher foi embora. Eu não queria bater nela, mas é que não consigo me controlar. — Fiquei olhando para ele. — Abusaram de mim quando eu era criança. E ninguém fez nada pra impedir. Por isso que eu comecei a bater punheta. Por isso comecei a ver filme pornô. Só quero alguém pra ficar aqui comigo.

Enquanto ele despejava esse monte de bobagens, eu fiquei de olho na porta. Esperava conseguir, de alguma forma, sair correndo escada abaixo. Mas por causa do modo como ele me encurralara no canto do colchão, eu não tinha como passar por ele. De início, eu não disse uma palavra. Mas depois falei:

— Por que você não arruma uma namorada? Não precisa fazer essas coisas só porque sua vida foi ruim. Muita gente teve infância difícil.

Ele não olhou para mim. De repente, se levantou de um salto, pegou seu jeans e tirou dinheiro de um dos bolsos.

— Tá aqui o pagamento pelos seus serviços — ele disse, jogando algumas notas no chão. Depois disso, saiu do quarto.

Pagamento? Eu nem sabia do que ele estava falando. Ele foi até o outro lado do corredor. Fiquei de pé, sentindo muita dor, mas antes que eu pudesse chegar à porta, ele estava de volta.

— Aonde você pensa que vai? — ele disse. Eu recuei para o colchão.

Ele estava segurando a minha bolsa. Virou-a de cabeça para baixo e derramou tudo o que estava nela no chão.

— Quantos anos você tem? — ele perguntou. Eu não respondi. — Quando você nasceu? — Continuei sem dizer uma palavra. Então ele se abaixou e remexeu minhas coisas até encontrar minha carteira. Ele tirou minha identidade e a olhou por muito tempo. — Você tem 21 anos? — ele disse.

Fiz que sim com a cabeça.

Ele ficou me olhando.

— Eu pensei que você fosse muito mais nova! — gritou. — Achei que você fosse uma prostituta! — *Acho que ele pensou que era garota de programa. Talvez por isso tenha jogado dinheiro pra mim. Talvez ele me deixe ir embora, agora.* Ele estava tão puto que jogou minha identidade longe. Depois de um minuto, voltou e se sentou no colchão. — Olha, a gente vai ter que ser amigo, tá? — Ele disse. Minhas mãos começaram a tremer. — Você não vai ficar muito tempo aqui comigo. Só até o Natal, talvez.

Senti que estava ficando zonza. *Natal? De jeito nenhum eu posso ficar aqui até o Natal!* Comecei a chorar, e a realidade do que estava acontecendo me atingiu como mil punhais no ventre. *Meu Deus. Tô presa aqui, na casa desse psicopata.*

— Primeiro preciso ver se posso confiar em você. — Ele me deu minha camiseta e minha calcinha, mas não o short. Ficou me olhando enquanto eu as vestia. Minha calcinha bege, que eu adorava porque tinha estampa de borboletas, estava molhada de mijo e manchada de sangue. Minha camiseta cheirava ao suor nojento dele.

Depois que me vesti, ele pôs a mão no meu braço. Eu o repeli, mas ele me puxou pelo cabelo e me levantou da cama.

— Não! — gritei. — Me solta!

Ele me ignorou e me arrastou para o alto da escada. Eu não sabia aonde ele iria me levar, mas imaginei que não poderia ser muito pior do que tudo que ele acabara de fazer comigo. Eu estava enganada.

10

O calabouço

Crac. Crac. Crac. Ele me arrastou pela velha escada de madeira até o andar de baixo e parou por um momento. Então me arrastou até outra porta e abriu um cadeado. Ela dava para uma escada que descia. *O porão — é pra lá que ele tá me levando!* Todo o meu corpo começou a tremer. Só pensar em entrar naquele porão me matava de medo. Em todos os livros de terror que eu já lera, nunca acontecia nada de bom no porão. *Essa pode ser a minha última parada.* Prendi a respiração, fechei os olhos com força por um instante e tentei imaginar que estava com meu ursinho.

Quando chegamos lá embaixo, estava bem escuro. Ele me empurrou dos últimos degraus e me jogou no chão. Mal havia luz suficiente para que eu conseguisse ver que estava em cima de um monte de roupas sujas de homem. O monte ficava ao lado de um mastro grosso que ia do chão até o teto. Depois que ele acendeu uma lâmpada instalada no alto, pude enxergar melhor.

— Fica aí — advertiu. Ele foi até o outro lado do cômodo. Isso me deu um minuto para olhar o lugar onde talvez eu fosse assassinada.

Todo o cômodo estava cheio de lixo. Havia correntes enferrujadas espalhadas para todo lado. Montes de roupa suja em toda parte. Uma pia grande tinha uma poça d'água embaixo e uma velha máquina de lavar ao lado. Havia dois armários pequenos, um azul e outro branco. Ferramentas e canos estavam espalhados pelo chão. Caixas empilhadas quase até o teto. E muitas fitas de vídeo. *Devem ser os pornôs dele*, pensei. O lugar cheirava a podridão e mofo. Havia uma janelinha do mesmo lado da casa onde ele guardara a picape. Não dava para ver lá fora porque a janela estava coberta de sujeira preta; não entrava luz por ela. A porta do porão tinha um monte de alarmes. Eram tantos fios saindo dos alarmes que imaginei que ele mesmo os tivesse instalado.

Naquele momento, o cara se abaixou e pegou duas correntes enferrujadas. Eram as correntes mais longas que eu já vira, com uns 2,5 metros cada uma. Embora ele estivesse segurando boa parte delas, muitos dos elos ainda estavam amontoados a seus pés.

Eu chorava descontroladamente, como um bebê. Meus olhos quase não abriam, de tão inchados.

— Por favor, por favor, me deixa ir embora! — eu gritava. Mas ele nem piscou, e estávamos abaixo demais do nível do chão para que alguém me ouvisse.

— Como é que você acha que eu vou confiar em você, se continua fazendo todo esse barulho? — ele disse. Eu continuei soluçando. — Senta perto daquele mastro! — ele gritou. Eu me arrastei para lá. Ele puxou meus braços para trás e amarrou meus punhos com algum tipo de elástico. Depois de enfiar outra meia na minha boca, ele me empurrou contra o mastro e começou a enrolar as grossas correntes em volta da minha barriga, meu pescoço e o mastro. *Uma volta. Duas voltas. Três voltas. Quatro.* Na quinta volta, a corrente entrou na minha boca. O gosto era de moeda antiga. *Clic. Clic.* Ele prendeu as duas correntes atrás de mim. *É o fim*, pensei.

— Agora a gente precisa ter certeza de que ninguém vai te ouvir — ele disse. Foi até uma mesa e pegou alguma coisa. Era um capacete de motoqueiro. Ele o ergueu e o enfiou com força na minha cabeça. Eu mal conseguia respirar — e foi então que tudo ficou preto.



EU NÃO FAZIA IDEIA de que dia era, quando acordei. Estava totalmente escuro. Só sabia que o cara não estava por perto — e a casa estava muito, muito silenciosa. *Será dia? Será noite?* Sinceramente, eu não saberia dizer. Mas de alguma forma, eu continuava viva — ou pelo menos com um fio de vida. Meu cérebro estava bem grogue, porque era muito difícil receber oxigênio sob aquele capacete pesado. Mas eu não estava nocauteada demais para procurar uma maneira de escapar. Comecei a mexer as mãos. *Talvez eu consiga soltar estas amarras.* Elas não cediam. Mas com todas as forças que consegui reunir, continuei tentando. E tentando.

Aqueles elásticos estavam cortando meus punhos, e depois de me esforçar por cerca de duas horas, eu estava pronta para desistir. Foi então que um milagre aconteceu: de repente, uma das voltas pareceu um pouco mais solta. Eu não podia acreditar. *Talvez consiga me soltar!* Mexi as mãos feito louca e o elástico saiu. Rapidamente, usei a mão livre para soltar a outra.

Embora meu corpo ainda estivesse acorrentado, agora eu podia tirar aquele capacete nojento. Era incrível poder respirar com facilidade, mesmo no ar fétido

daquele porão imundo. Esfreguei os braços para aliviar um pouco a dormência. Olhei ao meu redor, mas não havia nada perto de mim que eu pudesse usar para tentar cortar as correntes. Tateei por trás do mastro e procurei um dos cadeados. *Se eu conseguir soltá-lo...* Tentei mexer a parte superior para cima e para baixo. Ela pareceu ceder um pouquinho. *Meu Deus — pode ser que eu consiga sair daqui*, pensei.

Freneticamente, mexi no cadeado. O único problema era que, mesmo se eu tirasse aquela corrente, a outra ainda passava pela minha barriga, e mesmo se eu a tirasse também, ainda precisaria passar pelo alarme da porta. Empurrei as costas contra o mastro o máximo que pude e as correntes se afrouxaram um pouco. Eu continuava forçando o cadeado. Então ouvi o barulho de uma picape estacionando. *Ele voltou!* Rapidamente, pus o capacete de volta na cabeça e tentei enrolar os elásticos nos punhos de novo, do mesmo jeito que estavam antes que ele saísse.

Nem dois minutos depois, os passos do cara ecoaram escada abaixo. Ele acendeu a luz.

— Por que você tirou esses elásticos? — ele gritou. — Achei que podia confiar em você, mas agora vou ter que te castigar. — Ele pegou um cano e o agitou diante do meu rosto. — Se você gritar — ele disse —, enfio isto na tua garganta. — Eu não emiti um som. Ele soltou as correntes, tirou o capacete e arrancou minha camiseta e minha calcinha.

Ainda acho difícil pensar no que aconteceu durante as três horas seguintes. Ele não apenas me estuprou do mesmo jeito que fizera no andar de cima, mas assassinou meu coração — ou ao menos a pequena parte que ainda estava viva depois do que eu passara quando criança. Ele me forçou a fazer coisas que acho dolorosas demais para descrever, coisas que eu nunca fizera e que nunca mais faria de novo. Eu não conseguia gritar. Não conseguia rezar. Não conseguia nem pedir a Deus que me ajudasse a voltar para Joey. Estava tão em choque e apavorada que só conseguia ficar deitada ali, como morta. De certa forma, acho que uma parte de você precisa morrer para aguentar algo como aquilo. É a única forma de uma pessoa sobreviver.

Quando ele terminou, me fez deitar de costas a pontapés. Jogou mais algumas notas em cima de mim.

— Vou te pagar pelo tempo que passar aqui — ele disse. — Vou guardar o dinheiro pra você ali. — Ele apontou para a máquina de lavar. Depois ficou de pé e me olhou por muito tempo. Meus lábios estavam tremendo. Meus olhos estavam inchados. Suor e sangue escorriam de mim. Virei a cabeça para a parede

para não ter que encarar aquele monstro. Depois de alguns minutos, ele finalmente falou. — É aqui que você vai ficar até me mostrar que posso confiar em você — ele disse. — Aí talvez você possa voltar lá pra cima. — Ele me acorrentou ao mastro novamente e enfiou o capacete na minha cabeça. Ao sair, desligou a luz. Na escuridão total, fiquei parada ali. Destruída. Sozinha. *Eu vou morrer aqui embaixo. Nunca mais vou abraçar o meu Joey.*

De tão machucada e exausta, eu estava desmaiando de novo. Apoiei-me no mastro e tentei respirar um pouco melhor sob o pesado capacete. Rezei para que tudo aquilo fosse um pesadelo horrível, do qual eu logo acordaria.

ABRI OS OLHOS quando ouvi passos. *Tum. Tum. Tum.* Através do espesso capacete, podia ouvir o cara entrando no porão. Depois daquelas primeiras horas, nunca mais usei o nome dele. Eu achava que um monstro não merecia ter nome de gente, por isso só o chamava de “cara”.

Ele arrancou o capacete com violência. Estava usando uma camiseta azul e um moletom surrado. Imaginei que deveria ser de manhã, porque ele não estava com o mesmo jeans imundo de antes. Trazia um prato de comida e um copo. Ele os deixou sobre uma mesa e se aproximou de mim. O cara cheirava a peixe podre.

— Você precisa comer alguma coisa, senão vai morrer — ele disse.

Então agora *você tá preocupado que eu morra?*, pensei. *Que imbecil!*

— Eu sei que você não quer comer o que eu trago, mas vou provar que pode — ele continuou. Ele enfiou o prato de comida debaixo do meu nariz. Era espaguete com molho de tomate. — Foi minha mãe que fez — ele disse. — Olha, vou comer um pouco primeiro. — Ele usou o garfo para pegar um pouco de macarrão e enfiou na boca. — Tá vendo? — Ele disse, mastigando com a boca escancarada. — É bom. — Um pouco do molho escorreu do canto de sua boca. Achei que ele estava tentando fazer algum truque. Mas eu estava faminta. Quantos dias atrás eu comera aquela tortinha, na manhã em que saíra para a reunião?

Quando ele encostou o garfo na minha boca, provei um tiquinho de nada. Até que estava bom, na verdade. Quando ele viu que eu estava comendo, pôs muito mais macarrão no garfo e enfiou na minha boca. Eu mastigava devagar no início, mas depois mais rápido. Ele me deu mais e mais, até eu limpar o prato. *Talvez eu*

morra, pensei, *mas pelo menos não vou morrer de estômago vazio.* Depois que a comida acabou, ele pegou o copo de cima da mesa.

— Toma um pouco d'água — ele disse, encostando-o nos meus lábios. Bebi tudo tão rápido que quase engasguei.

Desta vez, antes de ir embora, ele soltou minhas correntes e as deixou um pouco mais frouxas, para que eu pudesse usar a privada. Por "privada", quero dizer um balde verde. Ele deixou aquele balde perto do mastro.

— Usa isso aí pras suas necessidades — ele disse. Andou um pouco pelo porão e voltou com um pedaço de papelão. Ele o pôs sobre o balde. Talvez ele achasse que isso impediria o cheiro de sair. Mesmo assim, eu estava contente por ter alguma maneira de ir ao banheiro. Quando sua vida é roubada, você fica grata até pelas coisas mais básicas.

QUANDO VOCÊ VIVE no escuro, perde a noção do tempo. *Hoje é segunda? Sexta? Terça? Domingo? Há quantos dias estou aqui?* Como você mal consegue enxergar, tudo o que ouve e cheira passa a ser uma pista. Quando ouvi o despertador do celular do cara lá em cima, imaginei que devia ser de manhã, porque logo depois senti cheiro de café. Quando entrei na casa, não sabia ao certo onde ele dormia, mas pelo som do despertador, sabia que devia ser no térreo. Ao entrar, no primeiro dia, pensei ter visto um quartinho que dava para a cozinha. Aquele poderia ser o quarto dele. De vez em quando, eu ouvia água passando pelos canos, como se ele estivesse tomando banho ou se lavando. Acho que ele não fazia isso com muita frequência; uma vez por semana, talvez. Ele sempre fedia.

O próximo barulho que ouvi foi da porta dos fundos se fechando e a picape saindo. Uns vinte minutos depois disso, a picape voltou, a porta do porão se abriu e ele desceu a escada a passos pesados. Não falou muito comigo — só me deu um Egg McMuffin[8] e me fez tomar um pouco de suco de laranja. Certos dias, essa era a minha única refeição. *Então, quando ele sai com a picape*, pensei, *deve ser pra ir pro McDonald's.* Ele ia para lá quase toda manhã. Por isso o chão do porão estava coberto de embrulhos amarelos.

A maioria das vezes, quando ele descia ao porão de manhã, estava usando uniforme: camisa vinho, calça preta e botas militares pretas. Lembrei que Emily dissera que seu pai era motorista de ônibus escolar, então, sempre que usava aquele uniforme, eu sabia que ele estava indo trabalhar. Logo depois, eu o ouvia

dando a partida no furgão. Daquela janelinha no porão, eu sempre conseguia ouvir o que estava acontecendo no quintal. Várias horas depois disso, eu ouvia o furgão voltando e a porta da casa se abrindo, então ele estava voltando do trabalho. Pouco depois, eu ouvia o som de pessoas fazendo sexo e concluía que ele estava vendo algum pornô. Outras vezes, ele ouvia música latina. Em ambos os casos, punha o volume no máximo.

Algumas horas depois, normalmente, ele descia ao porão usando uma camisa de flanela e jeans. Muitas vezes, cheirava a rum, cerveja ou erva. Ele fumava muita maconha: eu sentia o cheiro na casa inteira. Quando ele chegava ao pé da escada, às vezes já estava com o zíper do jeans aberto e o pênis para fora. Em geral, estava ereto, como se já estivesse se tocando. Se todas essas coisas aconteciam uma logo após a outra, eu sabia que ele já tinha voltado do trabalho.

À noite — era quando ele fazia as piores coisas comigo. No fim do dia, sempre que eu ouvia suas botas descendo a escada, tentava me preparar para as três ou quatro horas seguintes de tortura, mas na verdade não existe uma maneira de se preparar para o inferno. A única maneira de aguentar aquilo era fingir que não estava acontecendo.

À noite ou nos fins de semana, às vezes ele aparecia com um pouco mais de comida. Podia ser qualquer coisa, mas em geral era algo já velho, como pizza ressecada, feijão estragado com arroz empedrado, iogurte azedo e derretido ou um taco mofado. Tudo lixo.

— Se quiser comer de novo hoje — ele dizia —, é melhor me obedecer.

Antes mesmo que eu pudesse provar a comida, ele soltava as correntes, me arrastava para a pilha de roupa suja e fazia as coisas mais revoltantes comigo. Enquanto ele fazia, eu tentava transportar a minha mente para algo que me deixasse feliz. *Qualquer coisa.* Às vezes eu pensava no Natal em que dera a bola de presente para Joey. Ou no dia em que Roderick me dera aquele lenço lindo. Ou naquela vez que minha prima, April, e eu nos divertíramos tanto patinando. Ou no quanto eu sentia falta do sabor das batatas fritas do Arby’s. Também pensava em músicas de que eu gostava.

— *The wheels on the bus go round and round... round and round... round and round*[9] — eu cantava baixinho. Cantar essa música me fazia lembrar o doce sorriso de Joey e seu lindo nariz arrebitado. Outras vezes, eu cantarolava “Lift Every Voice and Sing” ou “Angel of Mine”, a linda canção do coral evangélico da igreja batista que eu frequentava na época em que morava debaixo da ponte. O cara estava tão ocupado me torturando que nem notava o barulho que eu fazia.

Muitas noites, eu esgotava as canções legais ou as imagens bacanas antes que o massacre terminasse. Depois que fechava o zíper da calça, em geral ele se sentava e ficava falando maldades.

— Ninguém tá nem te procurando — ele me dizia com um sorriso cruel. — Ninguém colou cartazes no bairro e não apareceu nada no noticiário. Posso fazer o que eu quiser com você. Eles tão pouco se lixando.

Eu tentava fingir que não ouvia, mas suas palavras me partiam em mil pedaços. Eu o odiava por dizer aquilo. Odiava ainda mais o fato de sentir que ele podia ter razão. Alguém *estava* me procurando? Muita gente na Family Dollar teria me visto sair com ele; se minha família havia espalhado cartazes pelo bairro, por que ninguém reconhecera minha foto e avisara a polícia que eu tinha entrado na picape dele? Eu me sentia ainda pior, se isso era possível, por saber que talvez *ninguém* estivesse me procurando.

Toda semana, eu tinha mais uma pista de que dia podia ser. Uma vez, quando estava bêbado e falando demais, ele me contou que fazia parte de algum tipo de banda hispânica, junto com outros caras.

— Eu toco guitarra. A banda é muito boa. — Ele sorriu como se tivesse ganhado um Grammy ou algo assim.

Eu queria gritar: “Eu tenho cara de quem liga pra droga da sua banda?” Lá estava eu, acorrentada a um mastro num porão nojento, usando roupas sujas e ensanguentadas, com marcas vermelhas das correntes por todo o corpo, meus braços e pernas tatuados pelos hematomas das suas surras — como o desgraçado podia achar que eu queria saber da bosta da banda dele? Mas eu só dava de ombros.

Então, uma noite, algumas semanas depois, ele disse:

— O pessoal da banda vai vir pra cá à noite. É melhor você não dar um pio.

Tenho certeza de que era sábado porque, depois de cinco dias seguidos usando seu uniforme de motorista, era o primeiro dia que ele não estava usando.

Mais tarde naquela noite, ouvi Maxine latindo no quintal. Ela sempre ficava doida quando alguém se aproximava da casa. Então ouvi vozes — deviam ser cinco ou seis, mas eu não tinha certeza. Parecia que os homens falavam em espanhol rapidamente. Então, depois de alguns minutos, comecei a ouvir música. Parecia que estavam tocando bateria, pandeiro e guitarra. Todos começaram a cantar bem alto juntos, também em espanhol. Mesmo se eu conseguisse gritar com aquele capacete, de jeito nenhum os caras me ouviriam. A música estava alta demais, e eu estava longe demais. Até onde eu sabia, os caras vinham quase todo sábado. Era outro jeito de eu saber que era o primeiro dia do fim de semana.

Mas, para ser sincera, não importava muito que dia fosse. Todos os meus dias terminavam exatamente da mesma maneira dolorosa.



O QUE ACONTECE COM VOCÊ, depois de passar tantas horas sozinha no escuro? Você começa a ficar um pouco doida, é isso que acontece. Às vezes eu falava com Joey como se ele estivesse ali, no porão, comigo.

— Como vai, meu ursinho? — eu dizia. — Vem dar um beijo na mamãe. — Boa parte do tempo, eu fritava os miolos pensando em maneiras de sair das correntes, mas depois do primeiro dia, quando tirei as amarras, o cara se certificava de que eu não poderia mais tirá-las. Portanto, não havia nada que eu pudesse fazer, senão ficar sentada ali no escuro e tentar não enlouquecer. Eu dormia muitas horas. Quando achava que ele tinha ido trabalhar, eu batia com o capacete no mastro e agitava as correntes, torcendo para que um vizinho ouvisse o barulho e chamasse a polícia. Entre uma tentativa e outra, eu rezava muito — tipo, por horas a fio. Eu lembrava o versículo da Bíblia que o pastor da igreja batista lia com frequência:

Ainda que eu ande pelo vale da sombra da morte,
Não temerei mal algum, porque Tu estás comigo...

Se os vizinhos não conseguem me ouvir gritando, talvez Deus consiga, eu pensava. Mas à medida que os dias viravam semanas e as semanas viravam meses, eu começava a me perguntar se Deus também não teria me esquecido.



ELE ME MANTEVE naquele porão pelo que pareceram meses. Eu tentava contar os dias mentalmente. *Um dia. Sete dias. Treze. Trinta e três. Sessenta e um. Noventa.* Depois de dias absurdamente quentes, vieram dias muito mais frios. E como eu só comia uma ou duas vezes por dia, perdi muito peso. Toda semana, ele precisava apertar as correntes.

O tempo todo que fiquei no porão, nunca pude me lavar ou tomar uma ducha. Quando eu ficava menstruada, ele jogava uns guardanapos de papel no chão, na minha frente.

— Usa isso — ele dizia. Eu tentava enrolá-los e transformá-los em algo parecido com um absorvente, mas ele nunca me dava uma quantidade suficiente, por isso eu tinha manchas marrons de sangue seco por todo o corpo. Eu também tinha tanto esperma seco dele no cabelo que quando o tocava, parecia duro como pedra.

O porão todo fedia feito uma privada, porque o cara quase nunca esvaziava aquele balde verde. Eu ainda estava com a mesma camiseta e calcinha que usava no dia que ele me sequestrara. Minha calcinha estava tão imunda que quando ele acendia a luz, eu não conseguia mais ver a linda estampa de borboletas. Eu mal me mantinha viva por fora, e por dentro estava desmoronando.

Às vezes, eu ficava tão exausta que pegava no sono. Outras, sonhava com Joey, e o sonho era sempre o mesmo. Ele dava passinhos, saltitando na minha direção, mas de repente alguém agarrava o braço dele e começava a puxá-lo para longe. Eu tentava pegá-lo, mas me via paralisada, incapaz de me mover. Enquanto era afastado de mim, ele ia se apagando, como se fosse desaparecer. Eu começava a gritar o nome dele — e então acordava.

E toda vez que eu acordava, a realidade era como uma nova porrada. Eu abria os olhos e lembrava que estava no porão do cara. Sentia as correntes cortando a minha carne. Caía no desespero quando tentava, uma vez mais, livrar as mãos das amarras e me dava conta de que não conseguiria me soltar.

Meu estômago roncava; eu tinha fantasias nas quais comia meus pratos favoritos. Imaginava uma porção grande de batatas fritas do Arby’s com molho picante, pelando de quentes e com um cheiro paradisíaco. Mentalmente, eu me demorava, mordiscando cada longa e deliciosa batata palito, até acabar com a vasilha toda. Ou voltava para uma daquelas refeições na igreja — o macarrão com queijo cremoso derretendo na minha língua, o barulho da pele de frango torradinha entre os meus dentes. Ou aqueles biscoitos amanteigados, macios como um travesseiro, com um bocado de manteiga dourada se dissolvendo no meio.

Na minha imaginação, eu ficava tão vidrada na comida que quando abria os olhos, levava um minuto para me dar conta de que não estava no subsolo da igreja batista, cercada por todas aquelas senhoras simpáticas me convidando a repetir o prato. Em vez disso, estava no porão imundo de um psicopata pior do que qualquer vilão das histórias de terror que eu lera.

Aliás, eu me dei conta, *estou* vivendo *numa história de terror.*

8 Bolinho recheado com ovo do cardápio matinal do McDonald’s. (N. T.)

9 “As rodas do ônibus rodam e rodam... rodam e rodam... rodam e rodam.” (N. T.)

11

Lobo

— VOU TE LEVAR lá pra cima hoje. — O doido estava de pé perto de mim, na penumbra do porão. Não estava de uniforme, então imaginei que fosse um fim de semana. Eu o ouvira descendo a escada como sempre, naquela manhã, e achei que fosse a visita de rotina... para me dar comida. Ainda estava semiadormecida no capacete, por isso, quando o ouvi falar, fiquei surpresa. Ele soltou minhas correntes e me mandou ficar de pé. Senti agulhas espetando minhas pernas quando o sangue circulou para os meus pés; fiquei zonza e me segurei no mastro para me equilibrar.

— Vem comigo — ele disse.

Comecei a ficar empolgada. *Será que ele vai mesmo me soltar?* Ele dissera que me soltaria no Natal; será que eu estava lá havia mais tempo do que imaginava? *Talvez ele finalmente esteja confiando em mim,* pensei. *Talvez eu consiga sair daqui, no fim das contas!*

— Anda — ele disse, segurando meu braço e me puxando para longe do mastro.

Eu mal era capaz de me mexer, depois de ter ficado acorrentada por tanto tempo, mas consegui dar um passo à frente. Ele não disse uma palavra para explicar por que estava repentinamente me mudando de lugar, e eu sabia que seria bobagem perguntar. Com sua mão agarrando meu braço, eu o segui até a escada, abrindo caminho em meio aos embrulhos empelotados de sanduíche e ferramentas sujas de graxa. Então o segui escada acima, me apoiando na parede para não cair.

Quando cheguei ao alto da escada, ele abriu a porta. *O sol!* Eu cobri o rosto com as duas mãos. Quando você vê o sol pela primeira vez depois de passar muito tempo no escuro, ele queima os olhos de verdade! Parei de andar por um momento quando entrei na cozinha e, por alguma razão, ele me deixou parar. Tudo estava bem borrado, e me senti zonza no começo, até que meus olhos se acostumaram com aquela luz toda. Estava mais quente na cozinha também, depois do frio do porão. Eu esfreguei os braços na minha camiseta fina.

— A gente vai pro quarto — ele disse. Apontou para a escada, e eu fiquei apavorada, pensando no que poderia estar à minha espera lá em cima, dessa vez. Imaginei que se ele fosse me matar, provavelmente faria isso no porão, mas o cara era tão insano que nenhuma ação dele fazia sentido. Comecei a bater os dentes quando ele me empurrou escada acima à sua frente.

Voltamos para o quarto cor-de-rosa, aquele onde ele me pendurara no primeiro dia. As barras de metal não estavam mais lá, e havia um colchão velho no canto. Ao lado, um balde com um pedaço de papelão em cima; eu sabia para que servia. Havia uma corrente muito longa com um cadeado sobre a cama. Parecia que ele tinha feito furos na parede perto da cabeceira da cama, passando aquela corrente enorme por eles.

— Vai pra lá — ele disse, me jogando no colchão. Ele enrolou a corrente no meu corpo várias vezes e a prendeu no aquecedor perto da cama. A corrente estava enrolada tão apertada em mim que eu só conseguia ficar sentada ou deitada... mas não em pé.

— É aqui que você vai ficar por um tempo — ele me disse. Eu queria cuspir na cara dele, mas sabia que isso só me faria voltar imediatamente para o porão. Pelo menos no andar de cima eu tinha luz.

Depois de verificar a corrente, ele baixou o jeans e me estuprou de novo.

— Por que você tá fazendo isso comigo? — perguntei, soluçando e tentando afastá-lo. — Por favor, para! Não precisa fazer isso! Por favor, me solta!

— Cala a boca! — ele gritou.

— Me solta! Me deixa ver meu filho! — eu gritava.

— Pra que eu vou fazer alguma coisa pelo seu filho? — ele disse, me segurando deitada.

— Porque eu sou amiga da sua filha! — respondi, tentando fazer com que ele me ouvisse.

— Ela vai me odiar se descobrir o que eu fiz — ele disse. Então cobriu minha boca com sua mão enorme e continuou me violentando. Ele era tão pesado, e eu tão pequena; não tinha como tirá-lo de cima de mim.

Quando ele acabou, começou a falar — muito mais do que falava no porão. Deitou o corpo pesado no colchão e ficou tão perto de mim que eu conseguia sentir seu mau hálito no meu rosto. Eu pensava: *Cara — eu não sou sua mulher!* Isso era o mais louco nesse idiota: um minuto ele estava me dando porrada na cabeça ou me obrigando a fazer coisas horríveis; no minuto seguinte, se comportava como se fôssemos grandes amigos, ou eu fosse sua namorada ou algo assim.

— Sabe, eu sempre apanhava de uns moleques negros — ele me contou. Tentei ignorá-lo, mas era meio difícil, com seu rosto a cinco centímetros do meu. — Eles tiravam sarro de mim porque eu era gordo. Um bando deles me bateu e enfiou minha cara na privada.

Ele continuou falando e falando do quanto detestava negros. De como teve uma namorada depois que a esposa o deixou. De como alguém fizera coisas sexuais horríveis com ele, quando criança. Do quanto ele adorava ver vídeos pornôs, sempre que podia. De como adorava olhar para garotas louras.

— Eu queria ter pegado aquela menininha, JonBenet Ramsey, primeiro[10] — ele disse. — Se outro desgraçado não tivesse chegado primeiro, poderia ter sido eu. — Ele sorriu, e eu tive vontade de lhe quebrar os dentes.

Em outra ocasião, ele fez o mesmo tipo de comentário nojento sobre Elizabeth Smart, que fora sequestrada só dois meses antes de mim, no verão de 2002.

— Eu sei, eu sou doente — ele disse. — Odeio esse meu jeito.

— Então por que tá fazendo isso? — Minha voz tremia. — Só porque alguém fez uma coisa ruim com você, não significa que você pode fazer coisas ruins com os outros.

Ele ficou em silêncio por um minuto, antes de dizer:

— Não consigo evitar. Preciso te machucar.

— Você é doente — eu disse. Vendo que ele franzia a testa, acrescentei: — Mas tem tratamento pra gente como você. Por que não me solta e pede ajuda? Não vou contar pra ninguém que você me pegou. Me solta e a gente pode esquecer que tudo isso aconteceu.

Por um minuto, ele pareceu pensar a respeito. Eu prendi a respiração. Então ele franziu a testa, e meu coração afundou.

— Não posso — ele disse, balançando a cabeça. — Você vai ter que ficar comigo por um tempo.

Comecei a chorar.

— Eu só queria voltar pro Joey! — implorei. — Ele só tem 2 anos! Sei que ele tá sentindo minha falta! Você não pode me soltar?

Ele ficou em silêncio por muito tempo, e eu esperei, apesar de tudo, que ele ainda tivesse um fiapo de humanidade.

— Não chora — ele disse finalmente. — Não é pra você ficar triste. Quero que seja feliz aqui comigo. A gente tem que ser uma família.

Eu não acreditava no que estava ouvindo. Aquele mentecapto me sequestrara, me batia e me estuprava todo dia — e queria que fôssemos uma *família*? Eu

sabia que ele não era apenas doente; era um psicopata total. Estava vivendo no seu próprio mundo de fantasia — e eu precisava achar um jeito de sair dele. Tentei fingir que estava pegando no sono, para que ele saísse do quarto. Ele capotou com seu braço pesado e peludo sobre o meu corpo e começou a roncar. Devagar, comecei a agitar as correntes para ver se cediam, mas cada vez que eu me movia um centímetro, ele grunhia e me apertava mais.

Finalmente, à tarde, ele acordou.

— Nem pensa em gritar, senão subo aqui e te dou um tiro — ele disse ao sair.

Meu Deus — ele tem uma arma. Ele bateu a porta, e logo depois, ouvi a picape partindo.

Eu me sentei no colchão e olhei para os dois cadeados nas minhas correntes. Um abria com combinação, e o outro com chave. Eu já havia tentado muitas vezes no porão, mas achei que talvez naquele dia eu conseguisse abrir o cadeado de combinação. Girei os botões, tentando várias combinações de números: o aniversário de Joey. Meu aniversário. Números aleatórios. Eu puxava com força a haste toda vez, mas nada funcionava.

Depois de mais uma hora mexendo no cadeado, olhei pela janela e vi que o sol estava se pondo. Foi então que comecei a rezar — e rezei com mais fervor do que jamais rezara na vida.

— Meu Deus, por favor, me ajuda a fugir desse doido — eu dizia, com lágrimas escorrendo pelo rosto. — Preciso muito que o Senhor me tire desta casa. Preciso rever meu filho. Por favor, meu Deus. Por favor. — Repeti a mesma oração muitas e muitas vezes, até o céu ficar escuro como breu, e finalmente peguei no sono.

De manhã, o barulho das botas do cara na escada me acordou. Quando ele abriu a porta, estava segurando um martelo e alguns pregos. Tirou um sanduíche embrulhado em papel amarelo do bolso. Ele me entregou o sanduíche e voltou lá para baixo. Eu comi rapidamente, temendo o que ele estaria planejando a seguir. O que ia fazer com as ferramentas? Planejara alguma nova tortura para mim? Eu o ouvi subindo a escada de novo, mais devagar desta vez. Grunhindo, ele entrou no quarto com uma pilha de tábuas, que jogou no chão. Havia um volume no bolso de trás de sua calça. De repente, comecei a suar frio.

— Pra que isso? — perguntei, com voz trêmula. *Ele vai fazer um caixão pra mim? Esse volume no bolso dele é a arma?*

Ele abriu um sorriso doentio e enfiou a mão no bolso de trás. Naquele momento, eu sabia que ia morrer.

Por favor, meu Deus, permita que Joey saiba que eu o amava. Que ele saiba que nunca parei de pensar nele. Que ele era a luz da minha vida...

O cara tirou uma coisa do bolso; vi o metal da arma brilhando em sua mão. *Meu Deus, é agora... meu Deus, vou morrer...*

Ele apontou a arma para mim. Levei um minuto para perceber que era uma furadeira sem fio.

— Você vai me ajudar a fechar todas essas janelas com tábuas — ele disse. — Pega uma das tábuas e segura pra eu fazer uns buracos nela.

Eu fiquei fraca com o alívio de saber que ele não iria me dar um tiro. Ele soltou as correntes e me fez ajudá-lo a fechar todas as janelas do andar de cima. Havia o quarto cor-de-rosa onde ele me pendurara no início, com uma porta para o quarto branco. Havia também mais dois quartos do outro lado do corredor: outro cor-de-rosa e um azul. Em cada quarto, ele me obrigou a segurar as tábuas enquanto ele as furava e as martelava no lugar com pregos compridos. Quando tudo estava pronto, ele me levou para o quarto azul. Com o coração fraquejando, percebi que ele estava construindo uma prisão — e fazendo de tudo para que eu nunca pudesse sair dela.

❦

EU ESTAVA TRANCADA no quarto azul havia algumas semanas quando comecei a falar com Joey de novo. Pelas minhas contas, eu tinha certeza de que já estávamos no Dia de Ação de Graças, e talvez até no início de dezembro; isso significava que o Natal já ia chegar. O desgraçado não parecia nem um pouco inclinado a me soltar, como dissera; aliás, ele nunca mais tocara no assunto. Em vez disso, um dia ele me disse:

— Vou te deixar ir embora depois que eu pegar mais duas garotas. — Ele verificou minhas correntes e desceu a escada.

Meu Deus, pensei. *Ele tá planejando sequestrar mais alguém!* Eu torcia para que ele fosse pego em flagrante, preso e trancafiado. Mas então me ocorreu um pensamento: alguém me encontraria, se ele fosse parar na prisão? Eu iria morrer ali, de fome e de sede, naquele quarto no andar de cima? Seria encontrada depois de um ano, uma carcaça podre, enrolada em correntes? Alguém iria descobrir quem eu era? Eu me perguntei o que ele teria feito com minha bolsa. Será que conseguiriam identificar o meu corpo? Eu tinha certeza de que ele jogara fora minha carteira, com a minha identidade e a foto de Joey bebê.

Tentei me controlar. Como parecia que não seria libertada tão cedo, eu tentava fazer o que podia para preencher as horas. Pensava no dia em que vira Joey dar os primeiros passos. Aos 11 meses, ele já cambaleava pela casa, se segurando nas mesas e cadeiras, e eu o fazia dar voltas e mais voltas, segurando-o pela mãozinha. Sentado no chão, ele quicava a bundinha, como se estivesse ensaiando para ficar de pé. Uma tarde, eu estava sentada numa cadeira, enquanto ele quicava assim.

— Vem, Joey! Você consegue! Vem com a mamãe! — eu chamava.

Com um sorrisão, com os dois dentinhos da frente aparecendo, ele ficou de pé e deu um passo na minha direção. Depois outro. Prendi a respiração para evitar dizer qualquer coisa que pudesse distraí-lo. Ele deu mais dois passos rápidos, depois se sentou no chão, amortecido pela fralda. Seu rostinho parecia surpreso, e então ele caiu no choro.

Eu o peguei em meus braços.

— Você conseguiu, ursinho! Você deu os primeiros passos! — eu dizia, abraçando-o. Ele parou de chorar e olhou para mim, com os cílios molhados de lágrimas. Seus grandes olhos castanhos tinham uma cor tão linda.

— Foi muito bom! — eu disse. — Sabe de uma coisa? Você vai ser um grande jogador de futebol! Vou te comprar uma bola de futebol este ano!

De repente, uma sombra preencheu o vão da porta. O cara entrou, e me dei conta de que havia falado em voz alta.

— Com quem você tá falando, porra? — ele gritou.

— Com Joey — respondi. — Eu falo com ele todo dia.

Ele me olhou como se eu tivesse perdido o juízo.

— Você é uma piranha biruta mesmo, né? — ele disse. *Se não é o sujo falando do mal lavado*, pensei. — Para de falar com quem não tá aqui — ele acrescentou.

Foi então que tive uma ideia.

— Bom, se você me desse de uma vez aquele cachorrinho que me prometeu — eu disse —, eu não precisaria ficar falando com Joey.

Toda vez que podia, eu lembrava que ele me trouxera para a sua casa dizendo que tinha um filhote. Eu achava que se ao menos tivesse um cachorro, ele me ajudaria a enfrentar as incontáveis horas que eu passava acorrentada, com apenas as quatro paredes azuis para me fazer companhia e as janelas fechadas com tábuas que não me deixavam nem ver um pássaro voando ou as nuvens passando lá fora.

Meu truquezinho funcionou — de duas maneiras. Alguns dias depois, o cara pôs um velho radinho sobre o colchão e o plugou na tomada.

— Eu sei que você fica entediada — ele disse —, então pode ouvir isso de vez em quando. Mas não ouve muito alto, senão vou levar embora. E nada de ouvir música de crioulo.

Eu estava quase empolgada demais para prestar atenção nas regras idiotas dele — eu tinha um rádio só meu! Você sabe o que é não poder ouvir música por meses? Nem vozes humanas além da voz do cara — e ele nem contava como ser humano, na verdade. Eu deixava o volume bem baixinho e sintonizava todas as estações. Finalmente, consegui pegar aquela que sempre foi a minha favorita — 97,1 FM. Eu só queria poder dançar pelo quarto, para me exercitar. Mas as correntes eram apertadas demais. Era difícil até usar o balde que estava ao lado do colchão.

Menos de uma semana depois, tive outra enorme surpresa. O cara apareceu no meu quarto com uma caixa de papelão. De dentro dela vinham ganidos. Era um filhotinho de cachorro!

— Toma. É seu — ele me disse, pondo a caixa no chão, perto do colchão. Ele parecia feliz de verdade quando me deu... como se estivesse dando um cachorro para a filha ou algo assim. Um pequeno pitbull marrom e branco saltou para fora da caixa. — Mas só deixa ele cagar dentro da caixa — ele disse.

Eu me apaixonei por aquele cachorrinho desde o primeiro latido. Dei-lhe o nome de Lobo, porque tinha as patinhas curtas. Era baixinho, como eu! Eu o treinei para fazer as necessidades na caixa. Sempre que o cara subia, trazia um saco plástico para recolher um pouco do cocô de Lobo e levá-lo para fora. Muitas vezes, ele levava Lobo para fora para fazer cocô, depois o deixava preso no quintal, voltava e me estuprava. Para ser sincera, ele se preocupava mais com a higiene do cachorro do que com a minha — quase nunca esvaziava meu balde! O quarto cheirava a fossa. Mas depois que ganhei o filhote, eu nem notava tanto. Toda noite, Lobo se enrolava ao meu lado e nós dormíamos juntos.

Eu amava aquele cachorro com todo o meu coração. Tê-lo naquele quarto comigo alegrava muito os meus dias. Ele fungava no meu ouvido e lambia meu rosto de manhã, quando acordava, e eu o punha na caixa para fazer xixi. Depois o pegava de volta e o segurava no colo, acariciando suas orelhas macias enquanto ele ficava me encarando, como se me adorasse. Eu contava para Lobo tudo o que iríamos fazer durante o dia; ele não se importava se depois, na verdade, não fizéssemos nada daquilo.

— Ei, Lobo — cochichei, para que o cara não me ouvisse lá embaixo. — Hoje a gente finalmente vai sair pra passear! Vou te levar pra fazer uma bela caminhada pelo bairro. Vou te prender na guia, pra você não sair correndo atrás de algum esquilo, nem ser atropelado. Vou te ensinar como se anda com guia e coleira. Aí a gente vai passar na casa da minha prima Lisa...

Nesse ponto, eu parei. Minha família estava me procurando ou havia desistido? O que Eddie e Freddie estariam fazendo? Eles haviam saído da casa da minha mãe, quando fui embora; eu me perguntava se ainda estariam em Cleveland, àquela altura. Onde quer que estivessem, eu tinha certeza de que deviam sentir a minha falta. Lobo me encarou com ar preocupado. Juro que aquele cachorro sabia tudo o que eu estava sentindo. Eu percebia que ele ficava triste quando eu chorava, e feliz quando eu sorria.

— Tá tudo bem, garoto — eu disse, acariciando a cabeça dele. — Eu tô bem. A gente vai fazer esse passeio mais tarde — eu disse, ouvindo passos subindo a escada. — Melhor você voltar pra dentro, agora — falei, pondo-o rapidamente de volta na caixa.



UMA NOITE, alguns meses depois que ganhei Lobo, o cara subiu a escada arrastando os pés. Assim que ele passou pela porta, percebi que estava bêbado. Falava arrastado e caía para todo lado, e fedia a rum. Ele não levou Lobo para baixo antes de tentar montar em mim.

— Vem pra cá, porra — ele me disse. Antes que eu pudesse me mexer, me agarrou pelo cabelo e me arrastou, ainda acorrentada, até a borda do colchão. — Você vai fazer tudo o que eu mandar, hoje.

Quando Lobo viu o cara me maltratando, começou a latir feito louco.

— Cala a boca, cachorro idiota! — ele gritou.

Mas Lobo continuou latindo. O cara me deu um tapa e gritou:

— Faz ele parar! — Minha bochecha ardia como se alguém tivesse ateado fogo nela. Um segundo depois, Lobo correu para a perna dele e tentou mordê-lo, mas antes que pudesse lhe cravar os dentes, o cara o pegou.

Sem nem piscar, ele usou suas mãos enormes para quebrar o pescoço do cachorro. Lobo deu um último ganido e seu corpo ficou inerte. O cara jogou o corpo quebrado do meu cachorrinho no colchão.

— Você matou o meu bebê! — eu gritei. — Sai daqui! Sai daqui agora! — Eu batia nele com os punhos. Já não me importava o que faria comigo.

E ele saiu — mas junto levou a mim e o corpo de Lobo. Ele soltou a minha corrente e jogou o cachorro na caixa de papelão. Então, levando a caixa debaixo de um dos braços, me arrastou escada abaixo. Na porta dos fundos, ele avisou:

— Tenta sair daí pra você ver. — Então ele foi para fora e jogou o corpo de Lobo por cima da cerca dos fundos. Eu sabia que ele iria me moer de pancada depois, mas solucei e gritei o mais alto que pude diante da porta aberta, e não apenas porque meu docinho se fora. Eu também queria que alguém — *qualquer um* — me ouvisse. Mas pelo jeito ninguém me ouviu.

10 Menina de Boulder, Colorado, famosa por participar de concursos de beleza infantil, assassinada em 1996, aos 6 anos. (N. T.)

12

O quintal dos fundos

SEM MEU PEQUENO LOBO, os dias voltaram a ser incontáveis horas de tédio. Eu ainda tinha o rádio, mas sentia falta do meu filhotinho, de todo o coração. Falava com Joey todo dia, e às vezes falava também com Lobo.

— Você é um bom menino — eu dizia para ele. Fechava os olhos e fazia de conta que estava com ele no colo, acariciando seu pelo fofinho de filhote. — Você é meu doce cachorrinho. A gente sempre vai estar junto. — Às vezes eu me perguntava se o reencontraria na morte, meu pescoço também quebrado pelo psicopata que me mantinha prisioneira.

Uma tarde, o cara subiu a escada e me soltou.

— Vou deixar você ficar na porta dos fundos — ele disse.

Isso era o mais doido nele: era impossível saber o que faria a seguir. Um dia ele te trazia um rádio e um filhote; outros dias, era uma tempestade violenta — um bêbado furioso que te estuprava e quebrava o pescoço do teu cachorrinho. O homem que abusara de mim por anos na casa dos meus pais nunca fez nada que nem de longe fosse uma gentileza, mas pelo menos eu sempre sabia o que esperar daquele imbecil. Mas esse cara era tão anormal que era difícil descobrir como lidar com ele. Até quando ele parecia fazer algo que era bom para mim — como me deixar sair da casa — eu sabia que não podia confiar.

Mas eu *queria* induzi-lo a achar que podia confiar em *mim*. Estava me esforçando para isso havia algum tempo. Às vezes ele batia a porta dos fundos como se fosse trabalhar, e então voltava 15 minutos depois, para ver se eu tinha me mexido. Tentava ser bem silencioso ao subir a escada, para que eu não soubesse que ele estava me espionando. Mas não só eu conseguia ouvi-lo, como sabia que ele nem tinha saído de casa. Acho que ele não sabia que eu podia ouvir o furgão entrando e saindo do quintal. Quando ele subia de mansinho e dava uma olhada da porta, eu ficava deitada no colchão, como se estivesse dormindo, e fazia o jogo dele. Podia sentir que ele me olhava de uma fresta da porta.

Eu não entendia por que ele achava que eu conseguiria escapar. *Fala sério, cara. Tô acorrentada com dois cadeados enormes. Onde é que você acha que eu*

vou, porra? Eu imaginava que isso fosse só mais uma de suas loucuras. E tenho certeza de que ele estava tentando me apavorar, me testando assim. Estava fazendo um joguinho psicológico, querendo que eu pensasse que, se um dia eu tentasse escapar, ele iria me pegar. Uma vez, quando me levou para a cozinha, notei que ele deixou a porta dos fundos semiaberta, de propósito, acho. Eu não tentei sair. Sabia que não conseguiria nem passar da varanda antes que ele me puxasse pelo cabelo. Por isso fiquei sentada à mesa da cozinha e fingi que não tinha visto a porta aberta.

Na tarde em que me levou para os fundos, ele jogou uma grande camiseta verde e um moletom cinza sobre a cama.

— Veste isso — ele disse. A camiseta verde estava cheia de manchas de óleo. A calça era comprida demais para mim. As duas peças de roupa tinham o cheiro dele: horrível. Mas, acredite se quiser, ainda fediam menos do que eu! Enquanto ele esperava parado ali, tirei minha camiseta e vesti a verde dele. Fiquei com a calcinha de borboletas e vesti o moletom por cima.

— Vem comigo — ele disse. Descemos a escada e paramos na cozinha. Ele começou a procurar alguma coisa. Foi então que pela primeira vez pude ver melhor onde o cara devia dormir. Perto da cozinha, vi um quartinho. Não tinha porta, então eu podia ver lá dentro. Tinha uma TV, um aparelho de videocassete e uma cama *queen size*. Uma guitarra estava encostada no canto. *Deve ser a que ele toca na banda*, pensei. Era só isso que cabia ali. Era realmente só um cubículo sem porta.

De uma gaveta da cozinha, ele tirou uma peruca e um par de óculos de sol enormes. A peruca era castanha, empaçocada e feia. Ele enfiou os óculos na minha cara e pôs a peruca na minha cabeça. O cabelo falso era duro e espetava; pareciam pedaços de arame na minha nuca. Os óculos eram tão grandes que cobriam a maior parte do meu rosto. Fiquei pensando se mais alguém já usara aquela peruca, e de quem ela seria.

Ele abriu outra gaveta e pegou algo. Quando se virou, vi o que ele estava segurando: uma pistola.

— Se você tentar alguma bobagem quando a gente sair, te dou um tiro — ele disse. Agitou a arma na frente do meu rosto e soltou a risadinha maligna com a qual eu já me acostumara. — Nem pensa que não vou te matar, porque eu te mato. A arma tá carregada. — Se ele queria me matar de medo, funcionou. Eu estava tremendo por trás dos óculos. Ele enfiou a arma no bolso de trás do jeans.

Então me empurrou pela porta dos fundos para a varanda. *Aah, ar puro! Sol!* Era a primeira vez em mais de três meses que eu saía da casa. Estava bem frio

naquele dia, e eu cruzei os braços para me aquecer um pouco. Então olhei ao meu redor no quintal. Estava tão cheio de lixo quanto no dia em que eu chegara, em agosto. Havia correntes enferrujadas como as do porão por toda parte.

Maxine, a cadela, estava acorrentada a um mastro. Ela latiu um pouco quando saímos, depois se acalmou. Vi ferramentas e peças de carro, trapos sujos de óleo e papel velho para todo lado. Parecia que ele estava construindo alguma coisa na varanda. Havia uma tábua comprida e uma serra elétrica sobre uma mesa.

— Vou serrar esta tábua na metade e você vai me ajudar — ele disse.

Eu segurei uma ponta da tábua e ele a cortou com sua serra barulhenta. O tempo todo, ele tinha um sorrisinho perverso, como se na verdade quisesse *me* serrar ao meio. A serragem da madeira entrou por trás dos óculos e no meu nariz. Comecei a tossir e espirrar um pouco.

— Senta lá — ele me disse. Apontou para uma cadeira dobrável suja. Fui até lá e me sentei. Ele não tirou o olho de mim o tempo todo.

No quintal ao lado, de repente, vi um senhor de idade, mas não era o mesmo que acenara para mim no dia em que cheguei. Ele olhou para nós dois, mas não disse nada. Eu queria gritar: “Por favor, me ajuda! Não tá vendo que eu tô em perigo? Chama a polícia!” Mas tinha medo do que o doido faria.

Quando olhei de novo para o cara, ele estava me encarando. Passou a mão na arma no bolso de trás, como que para me lembrar: “Se você se mexer, te dou um tiro.” Imaginei que ele era louco o suficiente para fazer isso, então fiquei bem quietinha. Quando vi o vizinho voltar para dentro, minha esperança era: *Talvez ele tenha percebido que isso tá esquisito. Talvez tenha ido ligar pra polícia!* Mas se ele ligou, a polícia nunca apareceu. Como um homem podia ver uma garota vestida de um jeito tão estranho, sem casaco num dia gelado, e não achar que havia algo errado? Eu não conseguia entender; ficava furiosa com isso. Ainda fico.

Permanecemos fora por cerca de uma hora antes que ele me levasse de volta para a minha prisão azul. Ele me fez devolver todas as roupas — não só a camiseta verde e o moletom, mas também minha camiseta e a calcinha. Portanto, eu estava completamente nua quando ele me acorrentou.

— Tô com frio — eu disse. — Preciso dessas roupas!

Ele deu de ombros.

— Você vai ficar pelada pelo tempo que eu quiser que você fique pelada — disse. E saiu.

Fiquei deitada no colchão, batendo os dentes. Ele não me deu nenhuma roupa pelos quatro meses seguintes.

Analisando agora, parece um pouco de burrice dele me levar para fora — e se algum vizinho desconfiasse da minha aparência com a peruca e os óculos? Por outro lado, ele já sabia que ninguém estava à minha procura. Quase todo dia ele me lembrava de que não vira nada na TV, nem qualquer panfleto nas redondezas sobre o meu desaparecimento.

— Você é um zero à esquerda — ele sempre me dizia. Eu não respondia nada, mas me perguntava se ele estaria mentindo. Com certeza alguém da minha família teria avisado à polícia que eu desaparecera. Eu esperava e rezava para que isso fosse verdade.

Ao menos uma coisa boa resultou da minha tarde no quintal dos fundos. Mais uma vez, eu mostrara ao cara que ele podia "confiar", que eu não tentaria fugir. Imaginei que, se eu fizesse isso por tempo suficiente, talvez ele relaxasse e baixasse a guarda. E aí eu poderia tentar escapar.

Algumas semanas depois, chegou o Natal. Eu sabia porque tinha ouvido no rádio. Fiquei sentada na cama o dia todo, chorando. Meus olhos ardiam de tanto que eu os esfregava. Ele apareceu no quarto com um bolo branco com decoração vermelha e verde. Parecia um bolo de supermercado.

— Toma. Feliz Natal — ele disse. Deixou o bolo no chão e me olhou dos pés à cabeça, como se eu fosse um pedaço de carne. Meu corpo estava azulado de frio. — Bom, você sabe o que tem que fazer, se quiser um pedaço — o cara acrescentou. Eu nem olhei para ele.

Enquanto o cara me estuprava, naquela noite, pensei em tudo que eu havia perdido. *Setembro. Outubro. Novembro. Dezembro.* O ano se fora. Minha vontade de viver quase se fora com ele. Eu me sentia tão solitária, deprimida e assustada. *Como é possível que eu ainda esteja aqui?* Só uma coisa me mantinha respirando — pensar em Joey.

Eu me perguntava como o meu ursinho estaria passando o Natal. *Quem serão seus novos pais adotivos? Será que ele está tão feliz, hoje, quanto naquele Natal em que acordamos cedo e cantamos juntos? Será que ele se pergunta onde está sua mãe? Será que sente minha falta todo dia?* Eu não tinha nenhuma resposta. Só tinha um monstro em cima de mim — e um bolo de supermercado que eu me recusava a tocar.

13

TV & um banho

EM DEZEMBRO FEZ FRIO — mas em janeiro, eu quase congelei. Toda vez que ele subia até meu quarto, eu implorava que me desse algo para vestir. Mas ele não me dava nada.

— Você não tá aqui pra ficar quentinha — ele dizia. — Você só tá aqui pra uma coisa.

No final de fevereiro, juro que eu não conseguia mais sentir meus lábios, nem os dedos dos pés. Implorei de novo por uma camisa, luvas, um chapéu, meias ou um moletom — *qualquer coisa*. Ele finalmente me jogou um retalho minúsculo. Era um pedaço de lençol rasgado. Mal dava para cobrir meu corpinho, mas era melhor do que nada.

Havia um aquecedor perto da minha cama, mas sempre que eu me esticava para tocá-lo, ele mal estava morno. A casa toda era uma geladeira. Muitas vezes, eu via fumacinha saindo da minha boca. Tudo o que eu podia fazer era tentar me enfiar debaixo do meu pequeno travesseiro — eu tentava transformar aquilo num iglu. O único momento em que eu me sentia aquecida era quando o cara me penetrava, mas, sinceramente, acho que eu preferia morrer congelada.

Lá por março, ele entrou no meu quarto com uma pequena TV colorida.

— Eu sei que você fica entediada — ele disse. Pôs a TV numa estantezinha perto do colchão. Com as correntes, eu mal conseguia alcançá-la. — Não vou deixar isso com você por muito tempo, portanto, não acostuma — ele disse. — E também não quero pegar você vendo nenhum crioulo.

Ele ligou a TV na tomada com o volume baixo. Eu achava esquisito ele dar uma TV para uma garota que ele sequestrou, mas nada do que o cara fazia tinha sentido. Pensei: *Sério? Agora você se preocupa com meu tédio, fazendo todas as coisas nojentas que faz comigo, e depois de dois meses sem me dar uma só peça de roupa? E ainda por cima, se preocupa se vou ver negros na TV?*

Aquela TV mudou a minha vida. De repente, eu tinha uma maneira de saber o que acontecia fora daquela casa tétrica, as coisas que eu não conseguia descobrir só ouvindo rádio. Não só eu podia ouvir o noticiário; podia *ver* o noticiário e o

que estava acontecendo no país. E ver alguns programas de TV, em vez de apenas ouvir música. Aquilo realmente me ajudava a passar o tempo — e só o que eu tinha era tempo.

Não passava um dia sem que eu sonhasse com Joey e me perguntasse o que ele estaria fazendo. *Ele saiu pra fazer compras hoje? Teve um pesadelo e eu não pude consolá-lo? Brincou no parquinho? Será que agora ele tem um cachorro? Será que mudaram o nome dele? Estão acontecendo coisas no mundo que podem afetá-lo?* Por isso, quando o cara apareceu com a TV, eu meio que fiquei eufórica por dentro, mas, exteriormente, tentei fingir que não estava nem aí.

Embora ele me dissesse para não ver o noticiário nem programas com negros, às vezes eu via assim mesmo. Uma notícia bombástica chegou em meados de março, quando Elizabeth Smart foi encontrada. Fiquei tão feliz em vê-la viva e de volta à sua casa. Aquilo me deu a esperança de talvez também ser descoberta e libertada.

Também fiquei sabendo de muitas outras coisas: Michael Jackson segurara seu bebê para fora de uma janela no ano anterior (*Meu Deus do céu*). O Anaheim Angels derrotara o San Francisco Giants e ganhara o campeonato mundial (por alguma razão, eu adorava beisebol... sempre quis ter altura suficiente para jogar). Descobri que Kelly Clarkson ganhara a primeira temporada de *American Idol*, mas não consegui ver todos os episódios da segunda temporada, porque havia muitos participantes negros, e eu sabia que o cara podia entrar e ver. Depois fiquei sabendo que Reuben Stoddard ganhara. *Isso* eu teria adivinhado... o cara cantava *muito*!

Meu programa favorito era o seriado de comédia *Everybody Loves Raymond*. Eu ria tanto que quase me mijava, mas também ficava triste, às vezes. Em alguns episódios, Raymond saía com a família para se divertir. Eles iam ao cinema ou ao parque. Uma vez, ele até levou a esposa para um jantar romântico. Essas coisas me faziam chorar, porque eu não tinha nada daquilo — e sabia que talvez *jamais* tivesse. Era como se o mundo todo continuasse girando e seguindo com a vida, enquanto eu estava presa num buraco infernal.

Até quando o cara vinha para o meu quarto à noite, ele me deixava ficar com a TV ligada, fosse qual fosse o motivo. Quando eu ouvia as botas dele na escada, mudava depressa de canal para que nenhum negro aparecesse na tela. Às vezes, enquanto ele fazia coisas comigo, eu virava a cabeça para o lado e tentava ver o episódio mais recente de *Everybody Loves Raymond*. Sempre que acontecia alguma coisa engraçada, eu ouvia o público morrendo de rir. Era meio esquisito

ouvir tantas risadas enquanto havia um homem em cima de mim — porque por dentro eu estava chorando demais.



POUCO DEPOIS DE ganhar a TV, tive mais uma surpresa — um banho de chuveiro.

— Você tá fedendo — o cara me disse uma manhã. *Ah, jura?!* Depois de quase oito meses sem tomar banho, eu estava um nojo. Minha pele branca parecia marrom. Eu tinha manchas de sangue seco, sujeira e mijo por todo o corpo. Minhas pernas estavam tão peludas que pareciam de homem. E eu nunca me acostumei com meu fedor. Era tão forte que às vezes me dava vontade de vomitar.

— Vou te levar pro banheiro lá embaixo pra você se lavar — ele disse. *Será algum truque maldoso? Ou mais um teste? Ou ele vai mesmo me deixar tomar banho?* Eu não fazia ideia. Ele soltou as correntes e eu o segui para fora. Descer a escada me deixou meio zonza, depois de tanto tempo enfiada naquele quarto azul, por isso eu descia cada degrau devagar.

O banheiro ficava no andar de baixo. Eu nunca havia entrado lá. Ele abriu a porta e disse:

— Vou te esperar aqui fora. — Ele me entregou um pedacinho minúsculo de sabonete. — Não demora — ele disse quando entrei.

O banheiro era uma catástrofe. A privada estava coberta de sujeira marrom que descascava. Havia teias de aranha em todo canto. Todo tipo de lixo no chão. Mofo nas paredes. Baixei o assento do vaso e me sentei nele. Ao menos uma vez, queria usar o banheiro como uma pessoa normal, não como um animal selvagem. Enquanto meu xixi caía na água, eu sentia a privada toda balançando; não estava bem presa ao chão. Não havia papel higiênico. Eu só pensava uma coisa: *Como é que alguém pode viver assim?*

Eu me olhei no espelho sobre a pia. Estava horrorosa; nem conseguia acreditar que era eu. Meu cabelo castanho estava batendo no ombro e arrepiado em todas as direções. De tão empapado de esperma, estava duro como pedra. Meus olhos estavam injetados por causa dos meses de choro constante. Meu rosto, pálido, porque eu raramente via a luz do sol. Havia hematomas roxos e amarelos dos dois lados do meu rosto, de todas as porradas que ele me dava na cabeça. Comecei a chorar e a me perguntar: *Isso tá acontecendo mesmo? Eu vou passar o resto da vida aqui?* Embora eu já estivesse na casa havia uns oito meses, ainda me sentia presa numa espécie de filme de terror. Mas ver o meu

rosto cheio de hematomas me revelou quão real tudo aquilo era. Olhando o meu cabelo, decidi que podia ao menos tentar fazer algo a respeito.

O cara esmurrou a porta e gritou:

— Anda logo aí!

Eu entrei na banheira. Estava imunda, com um anel de sujeira preta ao redor. Abri a água quente. Mesmo depois de deixar aberta por um minuto, só saía água fria. Por isso cerrei os dentes e entrei embaixo do jato. *Meu Deus* — como estava gelada. Eu me esfreguei toda com aquele pedacinho de sabonete. A água que escorria de mim estava preta.

— Que porra você tá fazendo aí dentro? — o cara berrou.

Saí do chuveiro um instante e pus a cabeça para fora da porta.

— Me arruma uma tesoura? — pedi.

Ele me olhou de um jeito esquisito e pensei que não fosse me dar. Mas então se afastou e voltou com uma tesourinha. Ele me entregou e, por alguma razão, não me perguntou por que precisava dela.

— Você tem cinco minutos pra sair daí — ele disse.

Corri de volta para o chuveiro e encostei a tesoura na cabeça. Claro que ela estava cega, para não servir de arma. Eu precisava fechá-la com força para cortar meu cabelo empaçocado. *Tic. Tic. Tic.* Meu cabelo estava tão duro que, para lavá-lo, precisei cortá-lo bem curtinho, até descobrir as orelhas. O cabelo caía no ralo. A banheira estava tão emporcalhada que eu nem conseguia ver o que era cabelo e o que era sujeira. Tentei cortar também um pouco dos pelos irritantes das minhas pernas, mas a tesoura não estava afiada o suficiente.

Eu não tinha como me enxugar, por isso fiz o que pude para me sacudir e tirar o resto da água com as mãos. Abri a porta do banheiro e encontrei o cara ainda parado ali. Ele arrancou a tesoura da minha mão.

— Você cortou o cabelo. — Ele pareceu surpreso. Eu não respondi. — Vem — ele disse. Então me empurrou para o seu quartinho no andar térreo. — Deita ali — disse. Ele apontou para a cama, onde pusera correntes e cadeados como os do andar de cima. Ele me acorrentou ali, e eu fiquei deitada enquanto ele via algum programa esquisito na TV a cabo, sobre pessoas que têm fetiches estranhos. Depois viu um pornô. Depois outro. Depois outro. Foi então que ele me puxou para o seu lado da cama e começou a mexer nos meus seios. Aí, enquanto me estuprava, me obrigou a dizer certas coisas para ele.

— Diz que você tá gostando! — ele gritava. Eu não dizia, então ele me batia na cabeça. Meu cabelo ainda estava úmido do banho. — Diz que meu pau é gostoso! Me chama de paizão!

Por muito tempo, me recusei a cooperar — e ele continuou me batendo. Comecei a perceber que o negócio ia demorar muito mais se eu o ignorasse, por isso acabei falando o que ele mandava dizer. Mas cada vez que uma daquelas palavras doentias saía da minha boca, eu me odiava por ter cedido.

14

A segunda garota

— ONTEM, DIA 21 DE ABRIL, Amanda Berry, de 16 anos, foi dada como desaparecida. — Quando ouvi um repórter de TV dizendo isso, me levantei e me debrucei até o aparelho para aumentar um pouco o volume. — A jovem foi vista pela última vez saindo de seu local de trabalho, o Burger King da esquina da Lorain Avenue com a West 110th Street, em Cleveland.

Isso fica perto daqui, pensei. Uma foto de uma menina loura apareceu na tela. Eu reconheci a foto! *Essa menina era da minha aula de artes!* Era bem mais nova do que eu, mas eu estava tão atrasada na escola que acabávamos fazendo algumas aulas juntas.

Imediatamente, tive a sensação revoltante no estômago de que o cara havia capturado Amanda. Ele sempre dizia: "Assim que eu pegar mais duas garotas, vou te soltar."

Amanda parecia o tipo de garota de que ele dizia gostar: jovem e loura. Ele sempre falava que queria muito fazer sexo com louras como Britney Spears e Christina Aguilera. Além disso, eu sabia exatamente onde ficava aquele Burger King; não era longe da casa dele, e ele estava sempre comendo *fast food*. Juntando todas as pistas, eu tinha certeza de que fora ele.

Alguns dias depois de ver a notícia na TV, comecei a prestar atenção em qualquer novo barulho na casa. Mas não ouvi nada e passei a achar que talvez estivesse enganada.

Mas então, três ou quatro semanas depois, algo aconteceu. O cara começou a pôr música alta o tempo todo, mais do que de costume. E a música parecia vir do porão, não do quarto dele. *Ele deve estar com Amanda presa no porão — da mesma forma que fez comigo*, pensei. Imaginei que ele não queria que eu a ouvisse gritando a plenos pulmões. Fosse o que fosse, eu sabia que coisa boa não era.

Uma tarde, o cara apareceu no meu quarto e se sentou no colchão.

— Quero te apresentar alguém que eu "truxe" pra casa — ele disse.

Fiquei quieta por um momento antes de dizer qualquer coisa. Estava muito furiosa com ele por capturar outra garota. Não estava satisfeito arruinando só a minha vida — precisava arruinar mais uma? Estava com tanta raiva que decidi confrontá-lo, por mais que isso pudesse enfurecê-lo.

— Não precisa dizer o nome dela; já sei que é Amanda. — Ele me olhou como se estivesse surpreso.

— Como sabe? — perguntou.

— Vi na TV. Eu estudava com ela. Não sou retardada. Sei o que você fez.

Ele ficou bem quieto.

— Não é Amanda — ele disse finalmente. Depois se levantou e saiu.

No dia seguinte, ele me transferiu do quarto azul de volta para o cor-de-rosa. As janelas ainda estavam cobertas por tábuas, desde o dia em que ele me obrigou a ajudá-lo a fechar tudo. Ele também prendera ali correntes à cama e às paredes, que usou para me acorrentar. Havia lixo para todo lado — sobras de pizza ainda nas caixas, sanduíches estragados, comida chinesa ressecada no fundo de caixinhas brancas para viagem. Parecia que ele comia lá todo dia, jogando as sobras no chão. Era uma nojeira fedorenta.

Depois de me prender, ele levou embora minha TV.

— Vou dar isto pra Amanda — ele disse.

Ele vai levar a TV pro porão — ou vai trazer Amanda pra cima, pra um dos quartos? Eu não fazia ideia. Mas o ouvi fazendo muito barulho no quarto branco contíguo. *Talvez tenha posto a TV ali*, pensei.

Mais tarde naquele mesmo dia, ele voltou ao meu quarto trazendo outra TV velha, minúscula, preto e branco, com antenas.

— Você vai usar esta TV daqui pra frente — ele me disse. Ele a pôs ao lado da minha cama. Quando eu tentava aumentar o volume, mesmo no máximo, eu mal conseguia ouvir.

— Não tá funcionando — eu disse. Ele deu de ombros e saiu do quarto.

No dia seguinte, ele soltou minhas correntes e saiu do quarto de novo. Um minuto depois, voltou para o quarto com Amanda. Eu a reconheci das aulas de artes e da TV. Assim que a vi, puxei rapidamente o minúsculo lençol para cobrir meu tronco nu.

— Ela tem a mesma coisa que você! — ele disse, quando me viu tentando me cobrir. — Esta é a namorada do meu irmão — ele informou. Eu não podia acreditar que ele tinha tentado me contar uma mentira tão idiota. Fiquei só olhando para ele.

Amanda não estava sorridente como me lembrava dela da aula de artes. Não falou nem agiu como se me reconhecesse. Ficamos só nos olhando. Naturalmente, ela parecia apavorada e meio atordoada. Seu cabelo louro na altura do ombro estava preso num rabo de cavalo. Usava um pijama cinza grande demais para ela. Eu sabia que o pijama era de homem, porque tinha uma abertura na parte da frente da calça. Ela olhava ao seu redor no quarto, para a camada de lixo no chão que batia no tornozelo, as janelas fechadas com tábuas. Imaginei que estivesse em choque com o estado desastroso da casa e o fato de agora ser prisioneira ali. Então ele foi embora e a levou. O encontro todo durou menos de um minuto.

No dia seguinte, o cara entrou e me soltou.

— Vem — ele disse. Ele me levou até o quarto branco. Amanda estava lá, sentada no colchão. Mal ergueu o olhar para nós quando entramos. *Acho que é aqui que ele vai prendê-la*, pensei. Senti muita pena daquela garota e do que ela ia ter que enfrentar. Só esperava que sua provação não fosse tão terrível quanto a minha.

De início, achei que Amanda não estivesse acorrentada, mas então ela mexeu a perna e vi uma corrente em volta do seu tornozelo. Ela estava vestida — usava moletom e uma camiseta, pelo que me lembro. *Por que será que ela pode ficar vestida?*, pensei. A TV colorida que ele tirara do meu quarto estava sobre um gaveteiro, perto da cama dela. Assim que a vi, naquela tarde, tentei novamente cobrir meu corpo nu com os braços e as mãos. Eu estava tão constrangida, mas não podia fazer nada a respeito. O cara voltou para o outro quarto e eu o ouvi procurando alguma coisa no armário.

— Te conheço da escola — eu disse a ela. — Você tava na minha aula de artes.

Ela me encarou.

— Eu estudava no colégio John Marshall — ela disse finalmente, baixinho.

Fiz que sim com a cabeça.

— Eu também. — Ainda não sabia ao certo se ela se lembrava de mim; imaginei que provavelmente não, porque eu sempre me sentava no fundo da sala. Tentei pensar em alguma coisa que pudesse dizer para que ela sentisse menos medo.

— Quantos anos você tem? — ela perguntou.

— Vinte e dois. — Algumas semanas antes, um locutor do rádio dissera que era dia 23 de abril... meu aniversário.

Amanda ergueu as sobrancelhas.

— Você parece ter 13. Quando...?

Nesse momento, o cara voltou. Ele me entregou uma camiseta masculina branca, comprida. Eu a vesti rapidamente.

Eu ainda não sabia, mas não teria chance de falar com Amanda novamente por muito tempo — por *meses*. Certos dias, eu o ouvia desacorrentando-a e levando-a para baixo, para o seu quarto no térreo; partia meu coração pensar no que ele devia fazer com ela ali. Nos dias que o cara ia trabalhar, eu ouvia a TV de Amanda. Quando eu via alguma coisa sobre o sequestro dela, aumentava o volume da minha TV o máximo que podia. Mesmo com o som praticamente estragado, eu esperava que ela ouvisse e entendesse que devia ligar a dela para ver. Ela provavelmente estava arrasada, então eu queria que ela soubesse que as pessoas ainda estavam procurando por ela. Eu podia me sentir sozinha e esquecida, mas não queria que mais alguém passasse por isso.

Às vezes, o cara levava nós duas até a cozinha. Nem imagino por quê. Não tínhamos oportunidade de conversar; só dizíamos “oi” e nos abraçávamos rapidamente. Se ele saía do cômodo por um instante, eu dizia baixinho para ela:

— Vai dar tudo certo. Um dia a gente vai voltar pra casa.

Seus olhos estavam vermelhos, como se ela tivesse chorado.

Eu percebia que o cara não queria que ficássemos juntas. Mesmo quando ele precisava ficar com as duas no mesmo cômodo, não deixava que passasse de cinco minutos. Eu queria perguntar tanta coisa para Amanda: como ele te convenceu a entrar na casa? Ele te deixou no porão com aquele capacete na cabeça, quando você chegou, e foi por isso que não te vi por vários dias? O que ele faz com você quando vai pro seu quarto? Você tá tão apavorada quanto eu? E o mais importante: você acha que temos alguma chance de fugir desta câmara de tortura?

Durante aquela primavera, o cara nunca admitiu para mim que Amanda não era namorada do irmão dele. Não sei por que ele me contou essa mentira idiota, depois de eu ter dito que sabia que era Amanda, e que tinha estudado com ela. Uma noite, quando o cara me levou para o seu cubículo, ele ligou a TV a cabo. A mãe de Amanda estava no noticiário, implorando que as pessoas a ajudassem a encontrar a filha.

Ele riu.

— Eu sou mais esperto que esses idiotas da polícia — ele disse. — Tá vendo isso? — ele acrescentou, apontando para a escada. — Pelo menos alguém tá procurando por ela. Mas quem tá procurando você? Ninguém. É que você não

significa nada pra ninguém. Posso te manter aqui pra sempre e ninguém vai sentir tua falta.

Eu poderia chorar, mas quando você está presa há quase um ano, você meio que fica sem lágrimas. Eu me perguntava se alguém estava à minha procura, e por que ninguém da minha família aparecia na TV. Embora eu tivesse desaparecido bem antes, era de se imaginar que o sumiço de Amanda faria alguém se perguntar se a mesma pessoa não teria me sequestrado — isto é, se é que alguém tinha dado a mínima para o meu desaparecimento.

15

Grávida

POUCO DEPOIS QUE Amanda foi trazida para a casa, eu acordei sentindo enjoo — muito enjoo. Tentei comer um pouco de sobras de pizza que o cara deixou cair, mas vomitei. Meus seios doíam muito. Comecei a vomitar toda comida que ele me dava. Eu sabia que estava grávida; me sentia exatamente como quando fiquei grávida de Joey.

O cara não percebeu imediatamente. Meu quarto era tão nojento que ele não deve nem ter notado meu vômito no chão. Aliás, eu tentei esconder a gravidez, porque não sabia o que ele faria se descobrisse. Por mais que sentisse enjoo, quando ele entrava no quarto, eu fingia que estava bem. Sei que pode parecer loucura, mas, fraca e desorientada como estava, eu pensava que queria ter outro bebê. Sentia tanta falta do meu filho que meu corpo todo doía. E eu não tinha mais nem meu pequeno Lobo. Pelo menos teria algo só meu, um bebê crescendo dentro de mim, ainda que o pai do bebê fosse o Diabo em pessoa.

Por algumas semanas, depois de trazer Amanda para a casa, ele pareceu vir ao meu quarto com bem mais frequência — de manhã, antes do trabalho, e duas ou três vezes por noite.

— Ela não quer fazer — ele me dizia —, então você vai ter que fazer.

Por mais que eu detestasse quando ele vinha ao meu quarto, ficava feliz em saber que Amanda o estava repelindo.

— Não quero forçar ela a fazer alguma coisa e fazer ela chorar — ele acrescentava.

Pensei: *Mas pra você tudo bem* me *fazer chorar?* Eu me perguntava por que ele parecia tratá-la diferente de mim. Por que ela ficara com a TV melhor. Por que ele me obrigava a fazer os atos sexuais mais doentios, e me dizia que era por ela não estar a fim. Imaginei que fosse porque ele era obcecado por louras. Mas eu não culpava Amanda pelo modo como o cara tratava a mim ou a ela. O psicopata canalha que acorrentou nós duas era ele; toda a situação era fruto de sua mente pervertida.

Uma noite, ele começou a morder e chupar meus mamilos com muita força. Ele sempre dizia que gostava de garotas com peitões; tenho certeza de que esse foi um dos principais motivos de ele ter decidido me sequestrar.

De repente, ele parou.

— Que é isso? — Um pouco de líquido branco saíra do meu mamilo. Ele o enxugou com a mão e olhou. Era leite.

— Você deve tá grávida, sua piranha! — ele gritou e saiu de cima de mim na hora. — Nem pensar que você vai ter um bebê nessa casa! — berrou. Depois saiu batendo a porta e desceu a escada a passos pesados.

O desgraçado começou a me deixar passando fome para tentar me fazer perder o bebê. Ele continuava vindo ao meu quarto para sua dose de sexo toda manhã e toda noite, mas nunca trazia comida. Uma noite, depois de me deixar com fome por umas duas semanas, ele entrou no meu quarto trazendo um haltere enorme.

Cacete, pensei. O que ele vai fazer com isso?

Meu corpo todo tremia de terror quando ele se aproximou da minha cama. Ele deixou o haltere no chão, segurou meu pé e me puxou para a borda do colchão.

— É hora da gente se livrar desse probleminha — ele disse. — Fica de pé, vagabunda.

— Não! — gritei. — Sai de perto de mim! — Mas ele me puxou de pé no chão. A corrente machucou meu pescoço quando ele puxou o meu braço.

Assim que ele pegou o haltere de novo, comecei a gritar a plenos pulmões.

— Não, não, não! — eu urrava. — Para! Por favor, não mata meu bebê! — Tentei me afastar subindo na cama de novo, mas ele me segurou pelo cabelo. Então, com um movimento brusco — *Bam!* — ele bateu com o haltere na minha barriga.

Gritei enlouquecidamente e caí de joelhos. Sentindo uma dor terrível, cruzei os braços sobre a barriga.

— Eu te odeio! — gritei. Estava soluçando tão histericamente que o bairro todo deveria ter ouvido. — Sai daqui! — gritei. — Eu te odeio!

Ele me olhou, ameaçador.

— É bom que isso saia até amanhã — ele disse antes de ir embora.

Chorei no meu travesseiro por horas. Minha barriga doía como se um caminhão tivesse passado por cima dela. O sangue escorria do meio das minhas pernas para todo lado. Tentei usar meu lençol para estancar o sangue, mas estava saindo muito. Eu desmaiei de tanta dor. Quando acordei, acho que já era de madrugada. Fiquei deitada no colchão, na escuridão total, soluçando

descontroladamente. Eu sentia vontade de morrer. A única coisa que me mantinha respirando era a vontade de rever meu Joey um dia.

Quando o sol estava nascendo, comecei a sentir cólicas horríveis. Minutos depois, senti algo deslizar para fora de mim. Foi a sensação mais horrorosa que já vivi. O cara subiu ao voltar do trabalho e viu todo aquele sangue no meu colchão.

— Você abortou meu filho! — gritou. Ele me deu um tapa tão forte no rosto que vi estrelas. — Isso é pra você aprender a não matar meu bebê, sua puta!

Eu só conseguia ficar ali deitada, olhando para o nada.



O RESTO DE 2003 e o começo de 2004 passaram muito, muito, muito devagar. Cada semana era exatamente como a anterior: cinco manhãs consecutivas de cardápio matinal do McDonald's seguido de estupro. Horas de tédio de manhã até de tarde. Eu sendo violentada à noite, depois que o cara voltava para casa. Música latina alta nos fins de semana. Eu achava que ia enlouquecer.

Eu sabia que Amanda ainda estava na casa, porque às vezes a ouvia andando (os passos dela eram muito mais leves na escada do que os passos de elefante dele), mas nós duas raramente nos víamos. Algumas vezes, me arrisquei e tentei gritar algo para ela quando sabia que o cara tinha saído, mas nunca obtive uma resposta. Provavelmente ela não me ouvia com o barulho da sua TV, onde quer que ele a tivesse acorrentado.

Eu não podia descer com frequência, mas uma vez, quando o cara me levou para a cozinha, notei que ele havia instalado alarmes pela casa toda — nas janelas e em cima das portas. Havia também espelhinhos por toda parte, como retrovisores que ele instalara para poder vigiar o que estava acontecendo em todas as direções. Ver tudo isso me fez sentir que não havia esperança de escapar.

Nessa altura, parei de pensar tanto em como poderia fugir da casa. Parecia que tudo em que eu já havia pensado — mexer as mãos para soltar as correntes, tentar fugir enquanto ele me estuprava — falhara. Ele me mantinha acorrentada quase o tempo todo, e quando estava solta, ele estava sempre comigo e me vigiando de perto. Eu não conseguia abrir os cadeados. E as poucas vezes que ele me levou até a porta dos fundos, me ameaçou com sua arma. Eu não me considero uma desistente, mas depois que você frita seu cérebro pensando em todas as formas possíveis de escapar e nada dá certo, você começa a entregar um

pouco os pontos. Acho que eu comecei a ficar sem esperanças. Também morria de medo de ele estourar meus miolos, caso me flagrasse. E o que eu poderia fazer por Joey se aquele desgraçado me matasse? Nada!

Uma tarde, na primavera de 2004, ouvi outra notícia que me apavorou. No dia 2 de abril, Gina DeJesus, de 14 anos, tinha desaparecido na mesma área onde Amanda e eu havíamos sido sequestradas. Da mesma forma que reconheci Amanda, eu também sabia quem era Gina — a irmã mais velha dela, Mayra, estudava na minha escola. Eu tinha certeza de que o cara a havia sequestrado. Naquela noite, rezei muito para estar enganada.

Mais tarde, naquela mesma noite, ouvi uma garota gritando desesperada. O barulho vinha do porão.

— Socorro! — ela gritava sem parar. — Alguém me ajuda, por favor!

Eu sabia que era Gina. Queria com todas as forças descer lá e salvá-la. Queria que ela soubesse que alguém a ouvia, que, se ela aguentasse só mais um minuto, a ajuda viria. Mas com duas grossas correntes enroladas no meu corpo, eu só podia ouvir os gritos dela — e me perguntar por que ninguém nunca ouvia nenhuma de nós.

16

A terceira garota

DURANTE O RESTO de abril, não ouvi mais nenhum som vindo do porão. O silêncio era assustador; eu morria de preocupação. E o que tornava tudo ainda pior era ver Mayra no noticiário, implorando que alguém a ajudasse a encontrar sua irmã mais nova. Eu ficava me perguntando: *Gina tá lá embaixo com o capacete na cabeça? Ela tá lutando pra respirar? Será que Amanda a viu? Será que eu vou chegar a vê-la? Ela ainda tá viva?* Eu não fazia ideia.

Finalmente, uma noite, olhei na cara do sujeito e falei:

— Eu sei que você pegou aquela garota.

Ele me encarou, mas não respondeu. Fiquei surpresa por ele não me dar um soco.

Mais ou menos uma semana depois, o cara entrou no meu quarto e me entregou um caderno de espiral vermelho, um lápis e um apontadorzinho.

— Toma, você pode desenhar ou qualquer coisa assim — ele disse.

O lápis estava sem ponta, mas tinha uma borracha na parte de cima. Algumas páginas do caderno estavam arrancadas. Eu não agradeci. Apenas peguei o lápis, o caderno e o apontador da mão dele. Por dentro, estava gritando: "Meu Deus! Não acredito! Agora posso desenhar! Que legal!" Foi o primeiro dia, depois dos dias em que ganhei Lobo e a TV, em que alguma coisa boa aconteceu naquela casa.

Depois que ele saiu, achei esquisito segurar o lápis. Eu não pegava num lápis ou caneta havia mais de um ano. Meus dedos tremiam. Eu estava com medo, porque ficava pensando que ouvia o cara na escada, e não queria que ele tirasse o caderno de mim. Eu nunca sabia quando ele ia mudar de ideia com relação a alguma coisa. Sentia muita falta de desenhar lobos, por isso já comecei desenhando um. Fiz um lobo tão grande que encheu a página e passou um pouco das margens. Não foi o melhor que já fiz, mas fiquei feliz mesmo assim.

Desde então, a primeira coisa que eu fazia quando acordava era pegar aquele lápis, apontá-lo e começar a escrever ou desenhar. Eu não me cansava; escrevia todo dia. Poemas. Canções. O que me entristecia. Cartas para Joey. E sonhos de

como queria que tudo fosse diferente. Eu tomava cuidado para não dizer nada específico demais sobre o cara, pois imaginava que ele poderia ler.

Esta foi uma das primeiras coisas que escrevi:

> *Cada vez que vejo uma borboleta, ela me faz lembrar de como a vida pode ser verdadeiramente preciosa. Poder se transformar de uma lagarta numa linda borboleta e voar tão livre e graciosamente para onde quiser, sem ninguém no mundo lhe dando ordens. Eu espero esse momento especial na vida em que vou poder viver livremente, sem preocupações, dor ou lágrimas. Só quero ser feliz. Só quero ouvir risadas no ar, sem toda essa dor. Um dia especial, vou poder viver minha vida como essa linda borboleta. Não vou mais me sentir triste por dentro.*

Eu só parava quando o cara entrava. Não queria que ele lesse o que eu escrevia, nem que me tomasse o caderno, por isso eu o escondia debaixo do travesseiro.

Alguns dias depois que ele me deu o caderno, o filme *101 Dálmatas* passou na TV. Chorei o tempo todo, porque me lembrava de Joey. Eu sentia mais falta dele do que se possa imaginar. Só uma mãe pode entender como é ter o filho arrancado de seus braços. É como se tirassem a alma do seu corpo. Você mal consegue falar, de tanto que dói. Para tentar aliviar um pouco a dor, eu escrevia para o meu ursinho:

> *Estou sentada aqui, vendo* 101 Dálmatas *e lembrando que esse é o seu filme favorito. Você adorava vê-lo muitas e muitas vezes... Sinto sua falta, bebê. Queria poder te abraçar agora. Queria poder assistir ao filme com você e ver você rir. Um dia verei você de novo. Eu te amo com todo o meu coração.*

Depois de escrever isso, fechei o caderno e o apertei contra o peito. Logo peguei no sono. Aquela noite, tive o mesmo sonho que já tivera antes — meu doce Joey sendo tirado de mim e desaparecendo para sempre.



UMA MANHÃ, EM MEADOS de maio, o cara apareceu com sua furadeira e me mandou levantar.

— Você vai me ajudar a preparar o quarto — ele disse e começou a fazer mais um furo na parede. Eu tinha certeza do motivo daquilo.

Eu ficava pensando no que estaria acontecendo com Gina, embora não tivesse ouvido mais nada vindo do porão. Esperava que ela estivesse sobrevivendo bem, mas sabia o animal que ele era. Me cortava o coração pensar numa menina de 14 anos passando pelo que ele me fizera passar. Às vezes eu me perguntava se ela havia sobrevivido.

Quando ele me obrigou a fixar mais um conjunto de correntes na parede, eu implorei:

— Por favor, não me obriga a te ajudar a cometer um crime!

— Você não vai levar a culpa — ele disse. — É tudo nas minhas costas. — Dizendo isso, ele admitiu o que eu já descobrira: ele havia capturado Gina. Ele levou meu balde, voltou com uma daquelas pequenas privadas portáteis brancas e a colocou perto do colchão. Presumi que estivesse fazendo isso porque ela era um pouco maior, e agora duas pessoas a usariam.

Achei que iria ver Gina naquele dia, porém mais algumas semanas se passaram. Então, do nada, o cara a trouxe para o meu quarto. De início, não tive certeza de que fosse mesmo Gina DeJesus. Ela estava de moletom folgado e camiseta. Pareciam o mesmo tipo de roupas de homem fedorentas e velhas que ele me dava às vezes. Estava descalça. Seu cabelo longo, preto e volumoso batia abaixo dos ombros. Ela era tão novinha; tinha carinha de bebê. Parecia apavorada, quase como se estivesse prendendo o fôlego. Ainda bem que eu estava de regata e calcinha, pelo menos.

— Esta é a minha filha — ele disse, empurrando-a para o colchão.

Meu Deus, que mentiroso!, pensei. *Acho que o idiota não lembra que me pediu para preparar as correntes.*

— Oi — ela disse finalmente.

— Oi — respondi. Os olhos de Gina estavam incrivelmente tristes. Embora eu estudasse no mesmo colégio da sua irmã mais velha, Mayra, não a conhecia tão bem. Não éramos exatamente amigas; só nos víamos às vezes na rua e na escola. Às vezes ela acenava e dizia olá. Uma vez, Mayra me mostrara uma foto da irmãzinha. Outra vez, eu a vira passeando com Gina não muito longe da minha casa.

Vendo Gina novamente depois de tanto tempo, precisei olhar seu rosto de perto para saber se era ela mesmo. Pelas fotografias do noticiário, tinha certeza de que era. Eu ia perguntar como ela estava. Antes que pudéssemos dizer mais uma palavra, o cara a fez virar e sair do quarto com ele.

Por que ele fez isso?, eu me perguntei. Nem imaginava se voltaria a vê-la. Se ela tinha que ficar presa naquela casa, eu esperava que pelo menos pudéssemos ficar juntas. Senti muita pena dela; sabia como devia estar se sentindo assustada e solitária. Queria ajudá-la de qualquer forma que eu pudesse. E depois de passar tantos meses sozinha, eu queria conversar com alguém — qualquer pessoa além do monstro. Claro que preferiria que Gina não estivesse ali, e o mesmo valia para Amanda. Só de pensar em mais alguém vivendo naquele buraco infernal, eu ficava com dor de estômago. Voltei a me deitar, preocupada com a pobre Gina e também me perguntando como ia Amanda. *Talvez, agora que somos três, tenhamos mais chances de escapar*, pensei. *Talvez a gente possa se juntar, enchê-lo de porrada e fugir.*

Alguns dias depois, o cara me soltou e me levou para o banheiro lá embaixo. Quando abriu a porta, Gina estava de pé ali.

— Ela vai fazer o seu cabelo — ele me disse.

Pensei: *Por que diabos ele quer que Gina faça o meu cabelo?* Nem sabia do que ele estava falando, mas também, quase nenhuma de suas ações fazia sentido. Mas eu aprendera a não contrariar suas ideias esquisitas, para não apanhar. *Talvez eu consiga ficar um pouco a sós com Gina e perguntar como ela está*, pensei. Fui até a privada, baixei a tampa e me sentei. Como antes, o negócio balançou um pouco quando me sentei.

— Vai lá — ele disse para Gina. — Faz o cabelo dela.

Gina pegou umas mechas do meu cabelo, que eu cortara curto, e começou a enrolá-las na frente. Alguns segundos depois, o cara se afastou. Com um gesto, pedi que Gina baixasse a cabeça e encostei a boca no ouvido dela.

— Eu sei quem você é — falei, o mais baixinho que pude. — Você é Gina DeJesus. — Eu não queria que ele me ouvisse, voltasse e batesse em nós duas.

Ela se endireitou e me olhou nos olhos.

— Você me *conhece*? — cochichou. Ela parecia surpresa. Fiz que sim. Ela olhou por cima do ombro para a porta, e então continuou enrolando o meu cabelo.

— Não conta pra ele que eu sei quem você é — avisei. — Ele pode ficar puto. Quando eu puder te contar mais sobre ele e a situação, eu falo. — Naquele momento, o cara voltou. Ambas fingimos que não havíamos conversado. *Essa foi por pouco*, pensei.

Essa primeira conversa com Gina durou menos de trinta segundos. Durante os cinco minutos seguintes, o cara ficou de pé ali, olhando-a enrolar o meu cabelo.

Quando ela acabou, eu me levantei e me olhei no espelho do banheiro. O penteado estava lindo.

— Obrigada — eu disse a ela.

O cara pareceu ficar chateado com isso. Ele me puxou para a porta, levou as duas de volta para cima e me acorrentou à cama. Depois, voltou para baixo com Gina. Não sei para onde ele a levou. Talvez para o porão. Talvez para o seu cubículo. Eu torcia para que fosse porta afora e de volta para a vida dela, mas sabia que não seria isso.

Alguns dias depois, o cara trouxe Gina de volta para o meu quarto. Ela parecia ainda mais pálida e acabada do que na primeira vez que eu a vira.

— Sobe na cama — ele lhe disse. Sem uma palavra, ela se sentou ao meu lado. Ele me acorrentou pelo pescoço, e então enrolou as mesmas correntes no tornozelo dela. Gina pediu que ele mudasse as correntes de lugar. — Não vai dar certo se a minha perna estiver presa no pescoço dela. Como é que a gente vai usar o banheiro? — ela disse. Fiquei feliz por ela ter se pronunciado.

— O tornozelo dela é muito fino — ele disse. — Se eu prender no pé dela, ela foge.

Mas Gina continuou pedindo, e eu mal pude acreditar quando ele lhe deu ouvidos. Ele tirou a corrente do meu pescoço e prendeu nós duas pelos pés. Naturalmente, ele apertou muito a corrente no meu pé. Depois disso, ele me jogou mais uma calça de moletom e umas camisetas horrorosas.

— Pra você — ele disse. Acho que ele queria que eu tivesse mais roupas porque Gina estava comigo, mas claro que eu não teria como vestir o moletom enquanto ele não nos soltasse. Depois disso, ele foi embora.

Ouvimos as botas dele descendo a escada. *Pam. Pam. Pam.* Ficamos sozinhas e acorrentadas. Chorando. Por muito tempo, ficamos paradas, ouvindo a casa ficar silenciosa. Então começamos a contar uma à outra todas as nossas histórias.

17

Minha nova irmãzinha

Posso imaginar a dor de ter um filho desaparecido. Não saber onde ele está ou que coisas horríveis está enfrentando. Saber que você não pode estar lá para abraçá-lo e protegê-lo dos danos que estão sendo causados... Posso imaginar ter a força que agora tenho para manter a cabeça erguida em meio a esta dor, depois de tantos anos, sem cair de joelhos. Aos meus olhos, sou incrível por ter a coragem de acreditar que existe algo maior do que uma vida cheia de sofrimento.

De que maneira se começa a contar para outra vítima como foi ser sequestrada na rua e transformada em prisioneira na casa de um estranho? É avassalador. E só de lembrar a história toda, você tem vontade de gritar.

Eu queria perguntar tantas coisas a Gina; por exemplo, se ela sabia que havia uma terceira garota na casa, como ela se sentia, e se ele estava lhe dando comida suficiente. Queria contar tantas coisas para ela, e também avisá-la sobre tantas coisas — o que o enfurecia, e também que ele fingia que saía, mas depois voltava de mansinho para ver se você estava tentando se soltar.

Nos primeiros minutos, não dissemos muita coisa. Acho que de tanto que ambas estávamos atordoadas pela situação e também por finalmente ter alguém com quem conversar. Levei um minuto para me acostumar com a ideia. Depois, continuei de onde paramos no banheiro. Contei a ela que eu conhecera sua irmã mais velha, Mayra, na escola.

Os lindos olhos castanhos de Gina ficaram arregalados.

— Você conheceu? — ela disse.

Balancei a cabeça. Depois disso, as palavras começaram a fluir entre nós. A primeira coisa que lhe perguntei foi:

— Como ele te fez entrar na casa?

Gina limpou a garganta e falou bem baixinho. Cheguei perto dela, para que não precisasse levantar a voz. Não queríamos que o cara voltasse correndo para cima.

— Eu tava andando na rua com a Rosie — Gina me contou. Eu sabia que Rosie era filha do cara. Gina e Rosie eram grandes amigas; suas famílias se conheciam. Gina passava a noite na casa da mãe de Rosie, e Rosie na de Gina. Por volta das 15h, as duas estavam voltando a pé da escola.

— A gente parou num telefone público pra ligar pra mãe da Rosie e perguntar se eu podia dormir lá naquela noite — Gina continuou. O telefone público que elas usaram ficava perto da esquina da 105th Street com a Lorain Avenue, na mesma área onde tanto Amanda quanto eu havíamos sido capturadas. Quando a mãe de Rosie disse que não, Gina e Rosie se despediram e seguiram em direções diferentes.

Enquanto Gina estava andando para casa, o cara parou perto dela e disse que estava procurando por Rosie. Gina já havia visto o cara antes e sabia que era o pai de Rosie. Gina queria ajudá-lo a encontrar a filha, por isso entrou no carro e indicou para que lado Rosie fora. Mas o cara começou a rodar em outra direção, por isso ela disse de novo para que lado Rosie seguira.

— Só preciso passar em casa pra pegar uma coisa — ele disse. — Você e minha outra filha, Emily, podem ir pro shopping mais tarde. — Gina conhecia Emily, mas mesmo assim achou estranho ele dizer isso, depois de acabar de dizer que estava procurando Rosie. Mas, como eu, ela deu de ombros e confiou no cara, porque ele era pai de sua melhor amiga.

Quando eles pararam na casa dele, o cara até lhe deu algum dinheiro.

— Toma, pra você e Emily gastarem no shopping — ele disse. Então a convenceu a entrar na casa e a obrigou a descer para o porão.

Sentada no colchão junto com ela, com nossos tornozelos acorrentados, contei para Gina a mentira que o cara havia usado para me fazer entrar, e como parecia com o modo como ele também a atraíra. Contei a ela quanto tempo fazia que eu estava acorrentada ali. Contei que estava lá havia dois anos, e que meu filho não estava comigo, e sim na adoção provisória. Mas não contei muito sobre as coisas horríveis que ele fizera comigo depois de me capturar, porque achei que isso a assustaria. Ela parecia tão inocente; eu só queria protegê-la. Cada vez que eu olhava seu rostinho doce de menina, seus lindos olhos castanhos e seu longo cabelo preto, eu ficava tão furiosa, tão zangada. Como alguém podia tirar aquela menina de sua família? E que espécie de pai sequestra a melhor amiga da filha? Só mesmo um demônio — e ele era exatamente isso.

Naquela noite, contei para Gina que Amanda também estava na casa. Gina respondeu que já a vira, mas que elas ainda não tinham conversado.

— Também ainda não tive chance de conversar com ela — eu disse. — Ela deve estar com muito medo. — Não conseguíamos acreditar que o cara fora capaz de realizar *três* sequestros impunemente. Todos no mesmo bairro. E nós três conhecíamos suas filhas. Por que ninguém estava juntando todas essas peças?

— Você acha que um dia a gente sai daqui? — Gina me perguntou. Eu hesitei. Embora torcesse para que fosse possível, àquela altura, não tinha certeza. Eu ficara presa à parede com correntes apertadas, ou vigiada de perto, cada minuto dos quase dois anos que passara na casa.

— Sim — respondi finalmente. Eu queria que Gina tivesse esperança.

— Bom, a gente precisa tentar — ela disse. Eu sabia que ela tinha razão.

Começamos a falar de nossas vidas, e depois que terminamos de contar uma à outra nossas histórias, ficamos ali chorando abraçadas.

— Eu jamais deveria ter entrado na picape dele — eu disse a ela. — Nunca que eu ia aceitar carona de um completo estranho. Mas dei mole porque ele é pai da Emily. — Vendo uma grande lágrima escorrendo no rosto de Gina, eu a enxuguei com a mão. — Vai dar tudo certo, meu anjo — eu disse a ela. — A gente vai sair dessa. Agora que somos três aqui, vamos achar um jeito de escapar. Precisamos achar.

A presença de Gina na casa significava que sua vida também havia sido roubada. Mas se era para ela ficar trancada no buraco infernal daquele monstro, fiquei feliz por ela não estar sozinha, tremendo no porão. Mesmo presas ali, ao menos podíamos ficar juntas. Talvez realmente conseguíssemos escapar, planejando juntas. O tempo todo, havia sido a lembrança de Joey que me mantivera lutando para sobreviver. E agora eu também tinha uma irmãzinha pela qual lutar.

Sou só uma garota escondida do resto do mundo, não onde eu esperava estar. Presa neste pesadelo, gritando, somente para descobrir que ninguém pode me ouvir. Tudo o que peço em troca é estar com meu filho, a salvo... mas a realidade está escapando do meu alcance. Começo a achar que pedi demais. A vida passa por mim tão velozmente, minha saúde está piorando rapidamente, então fujo para o meu sono mais profundo e sonho com o paraíso.

MESMO ANTES QUE o cara trouxesse Gina para o meu quarto, alcançar o balde para fazer xixi era complicado. Eu precisava me esticar para alcançá-lo. Mas depois que Gina e eu fomos acorrentadas uma à outra, ficou ainda mais difícil. Se uma de nós se levantava, a outra precisava se mexer também. Desde o minuto em que ela entrou no quarto, aprendemos a contar uma com a outra para tudo, até para ir ao banheiro.

— Ele quase nunca esvazia esse negócio — eu a avisei. Mas com certeza o cheiro nauseabundo já revelara isso. Muitas vezes, nossa privada ficava tão cheia que transbordava. Uma vez, fiz xixi numa garrafa de cerveja. Gina falou:

— Como você conseguiu fazer *isso*? — Era bem esquisito fazer coisas tão íntimas uma na frente da outra. Mas nós nos acostumamos. Não tínhamos escolha.

De manhã, o cara subia e nos dava algo para comer, em geral um sanduíche de ovo de algum *fast food*. Nas primeiras semanas, ele não fez sexo comigo no quarto e não me bateu. Acho que era porque não queria assustar Gina. Aliás, acho que ele nem queria tê-la sequestrado.

Uma das vezes que me levou para seu cubículo no andar de baixo, ele estava com a cara cheia de rum. Tentou me fazer tomar umas doses também, mas eu recusei. Ele estava quase desmaiado na cama quando começou a me contar muito mais sobre como pegara Gina.

— Todo dia, quando ela saía da escola, eu ia atrás dela — ele disse. — Eu seguia vocês três.

Quando ele disse isso, fiquei arrepiada. Também me contou que havia outra garota na escola de Gina que era igualzinha a ela, e que ele confundira as duas. Ele disse não saber que havia sequestrado a amiga da filha até ver o nome dela no noticiário. Por outro lado, não se sentia muito culpado. Também me contou que depois até ajudou os pais de Gina a procurarem por ela. O tempo todo, ele sabia exatamente onde ela estava, mas enquanto eles rezavam, choravam e procuravam por toda a cidade, ele ficou bancando o amigo. O sujeito se divertia de verdade com isso — era malvado e perverso a esse ponto.

Em outra ocasião, quando estávamos no quarto dele, passou uma matéria sobre o desaparecimento de Gina.

— Estão procurando por ela, mas nunca vão encontrá-la — ele disse rindo. E, naturalmente, ele tinha que me lembrar de novo: — Por você, ninguém nunca procurou. Por isso é você que eu mais odeio. Você não significa nada pra ninguém. Ninguém te ama, ninguém sente sua falta.

Eu tentei não demonstrar, mas aquilo doeu de verdade. Me fez pensar de novo se alguém da minha família havia feito qualquer tentativa de me encontrar, ou até se deram pela minha falta. Eu sentia um desespero, um vazio tão grande por dentro.

Não contei nada disso para Gina; achei que ela poderia ficar ainda mais triste. Quando você é a mais velha, precisa cuidar das mais novas. É isso que as irmãs mais velhas fazem.

Ambas sabíamos que o cara era louco, mas no início Gina não acreditava que ele fosse tão mau quanto eu sabia que ele era. Isso porque ele não abusou tanto dela, no começo. Por um tempo, não batia na minha cabeça se ela estivesse no quarto.

— Ele tá fingindo agora — eu dizia a ela. — Cuidado com o que você faz perto dele. Ele é um psicopata.

E, de fato, as coisas pioraram depois de cerca de um mês. Uma noite, ele me estuprou enquanto eu estava acorrentada a Gina. Ela ficou no canto do colchão e tentou olhar para o outro lado. Quando acabou, ficamos as duas chorando.

Durante muitos meses e anos depois disso, a mesma coisa iria acontecer várias vezes. O cara me levava ou levava Gina para o lado da cama; a outra ficava ali, se sentindo impotente para impedir aquilo. Se eu tentasse dizer qualquer coisa, ele esticava o braço e me dava um soco na cara, e depois descontava ainda mais em Gina. Às vezes estendíamos o braço uma para a outra, dávamos as mãos e dizíamos: “Vai ficar tudo bem.” Ele não tentava impedir que fizéssemos isso. Outras vezes, quando o cara começava a mexer com Gina, eu implorava que ele parasse.

— Por favor, faz isso comigo — eu dizia. — É a mim que você odeia.

Uma coisa é alguém partir o seu coração; pode ser ainda mais doloroso ficar olhando o coração de outra pessoa ser esmagado. Durante todo o tempo que dividi o quarto com Gina, meu coração foi partido ao meio de tantas maneiras diferentes que seria impossível contá-las. Acho que nunca vou conseguir superar o que nós duas passamos.

AINDA NÃO VÍAMOS muito Amanda nos meses depois que Gina chegou em abril. O cara começou a nos deixar tomar banho lá embaixo de vez em quando, então só a cumprimentávamos ao passar por ela. Gina e Amanda meio que só se olhavam, porque nunca tinham conversado. Às vezes, quando estávamos acorrentadas

juntas lá em cima, no colchão, podíamos ouvi-lo levando Amanda para baixo, para o seu cubículo. Era estranho saber que outra garota provavelmente estava passando por todas as coisas horríveis que eu estava vivendo, mas que nunca pudemos sentar e conversar. Eu ainda não sabia, na época, mas muitos meses se passariam antes que Amanda e eu finalmente tivéssemos essa oportunidade.

Nos meses seguintes, contei a Gina tudo o que eu aprendera sobre o cara.

— Ele tem duas personalidades — avisei. — Você nunca sabe com qual delas vai ter que lidar. — Também expliquei o que todos os barulhos significavam: como as vozes que indicavam que sua banda chegara no fim de semana. A expressão assustada de Gina dizia tudo: *Vou ficar aqui tanto tempo que preciso saber de tudo isso?* Quando vi o quanto ela parecia apavorada, escondi algumas coisas. Eu sabia que ela já estava com muito medo, mas também queria que tivesse informações que poderiam protegê-la.

Para fazer os dias passarem mais rápido, Gina e eu víamos muita TV juntas.

— O volume não funciona muito bem — eu disse na primeira vez que ela a ligou. — E, haja o que houver, não deixa o cara te pegar vendo negros na TV. Ele odeia negros. — Nós adorávamos ver programas sobre celebridades, porque nos distraía da nossa situação ficar a par das últimas fofocas. Aquilo meio que me fazia sentir humana novamente. E gostávamos de *The Parkers*, *Um maluco no pedaço* e *Friends*. Pelo menos estávamos vendo as mesmas coisas que o resto do mundo via, ainda que trancadas numa prisão.

Às vezes, depois de algumas horas vendo seriados de comédia ou reprises idiotas, eu pegava o meu caderno. O cara tinha dado um caderno e um lápis para Gina também. Nós desenhávamos e escrevíamos até as páginas acabarem. Era inacreditável, mas se lhe pedíssemos mais cadernos, às vezes ele dava. Achávamos aquilo esquisito, mas ficávamos felizes por ter os cadernos. Às vezes, líamos nossos textos em voz alta uma para a outra. Gina gostava de desenhar flores e rostos, e de vez em quando eu a ajudava a desenhar os olhos de suas figuras. Ela gostava dos meus desenhos e dizia que eu era boa em artes.

Uma vez, eu estava escrevendo sobre o cara quando ele entrou. Ele me viu enfiar o caderno sob o travesseiro.

— O que você tá escrevendo? — perguntou.

Gina e eu nos entreolhamos de soslaio. Ele parecia furioso com alguma coisa.

— Quer ler? — eu disse, tentando minimizar o acontecido.

Ele pegou o caderno. Naquela página, eu escrevera sobre como ele me tratara no Natal anterior, e o quanto eu o odiava por tudo o que fizera comigo.

“Às vezes choro tanto, e só quero morrer”, escrevi. “Tudo o que quero é ir para casa. Tudo o que quero é ver Joey. Ainda não consigo acreditar que esse monstro roubou a minha vida.”

Depois de ler isso, ele parou e me olhou por muito tempo.

— Então você tá tentando me dizer que eu sou um canalha? — ele disse.

Eu olhei para o colchão.

— Não tô dizendo nada pra você — respondi. — Você que disse que queria ler o caderno; então lê.

Depois de dizer isso, recuei um pouco sobre a cama, porque sabia o que poderia vir em seguida: um soco no queixo. Mas ele não me bateu. Na verdade, pareceu um pouco triste e lacrimoso. De um jeito estranho, acho realmente que o cara acreditava naquele seu mundo de faz de conta. Ele sabia que era errado nos sequestrar, mas tentava se convencer de que aquilo que ele fazia conosco era bom, porque em sua mente doentia ele nos transformara na sua “família”. De vez em quando, porém, ele recebia algum sinal bem claro do quanto eu o odiava. E no dia em que leu meu caderno, ele recebeu um desses sinais. O cara nunca mais pediu para ver o meu diário, e me senti grata por ele não tê-lo confiscado.

Estou caindo na escuridão, caindo tão rápido com estas grandes feridas abertas e um coração machucado. Estou paralisada. Como pude interpretar os sinais tão errado, e por que não consegui entender antes que fosse tarde demais? Agora está claro para mim que nem tudo o que vemos é o que parece ser. Estou paralisada... Deus sabe o quanto tentei ver o lado luminoso deste Inferno, mas agora estou acordada. A escuridão não me cega... agora a dor vai desaparecer e nunca mais voltar.

18

Vozes

Ser obrigada a fazer coisas, mesmo que machuquem. Sentir que ninguém na vida se importa com você. Sentir-se sempre muito cansada e ficar acordada dias demais, sentindo enjoo no estômago. Ter cólicas e dores por todo o corpo, minha cabeça a ponto de explodir, gritando para que alguém me ajude antes que seja tarde demais. Lágrimas sempre escorrendo do meu rosto, esperando que isto termine logo e que alguém venha me salvar, mas parece que isto nunca vai ter fim. Não entendo como alguém pode ser tão sem coração.

Num dia muito quente daquele verão, Gina e eu estávamos escrevendo nos nossos cadernos. Estávamos pingando de suor, usando regatas e shorts. De repente, ouvi vozes lá embaixo. Pareciam diferentes das dos caras da banda. Para começar, ouvi uma criancinha dizendo algo.

— O que é *isso*? — cochichei para Gina. Paramos de escrever e largamos nossos cadernos.

O cara subiu a escada e abriu a porta do nosso quarto.

— Vou deixar vocês conhecerem meu neto — ele disse.

Sério? A gente vai conhecer alguém da sua família? Você deve ter pirado mesmo! Gina e eu nos entreolhamos rapidamente, depois olhamos de novo para ele.

— O filho da Angie, minha filha, tá aqui — ele disse. — Escondam as correntes. Ele é bem novinho, então não tem problema conhecer vocês.

Sem mais uma palavra, enfiamos as correntes atrás do colchão.

— Se vocês tentarem gritar — ele disse, com um olhar ameaçador —, eu subo aqui e atiro em vocês duas. E em Amanda também. Não pensem que não vou fazer isso.

Ele saiu e desceu a escada de novo. Era inacreditavelmente esquisito — o lunático ia deixar o neto nos ver? O que iria acontecer? Será que Angie também

iria subir, se estava ali? Gina e eu nos olhamos, sem acreditar que aquilo estava acontecendo.

— Você acha que a gente vai conseguir sair? — ela murmurou.

— Espero que sim! — eu disse em voz baixa. — Mas não deixa o cara perceber o que a gente tá pensando. E é melhor não tentar chamar ninguém. Ele falou sério sobre atirar na gente. É doido o suficiente pra fazer isso, mesmo com a família lá embaixo. Tomara que o menino conte pra mãe que a gente tá aqui.

Um minuto depois, ouvimos as botas do cara na escada, e então o ouvi apresentando o neto para Amanda. Logo em seguida, o cara entrou trazendo o menino pela mão. O garotinho tinha cabelo escuro e um belo rostinho redondo e bochechudo. Parecia ter 3 ou 4 anos. Vê-lo me fez imediatamente sentir ainda mais falta do meu Joey.

— Este é meu neto — o cara disse. Ele sorriu, parecia bastante orgulhoso de exibir o menino para nós.

Gina e eu acenamos para ele e eu disse:

— Ah, você é tão lindo. — Pensei em dizer alguma coisa para revelar ao menino que estávamos ali contra a nossa vontade, mas não consegui pensar em nada a tempo. O menino olhou longamente para nós duas e fez uma cara muito esquisita, como se soubesse que havia algo errado na nossa presença ali.

De repente, ele começou a chorar histericamente.

— Mãe! — ele gritava. — Mãe, vem me buscar!

O cara tentou fazê-lo se calar.

— Shhhh, não pode gritar! — ele disse. Cobriu a boca do menino com a mão peluda. O menino parecia estar tentando descer correndo. Também ouvi outras pessoas, então imaginei que alguns parentes do cara estavam ali. Mas antes que Angie ou quem quer que estivesse na casa pudesse subir para ver por que o menino estava gritando, o cara correu com ele escada abaixo.

Por que tudo isso?, pensei. *Por que diabos ele deixaria alguém da família ver que a gente tá aqui?* Imaginei que talvez se arriscar assim fizesse o cara sentir uma emoção doentia, como o jeito que ele se vangloriava por ser mais esperto que a polícia e não ter sido apanhado. Mas, na verdade, não me importava. O importante, para mim, era que alguém finalmente nos vira, mesmo sendo apenas uma criança.

Depois de um tempo, ouvimos as pessoas indo embora. Gina e eu estávamos empolgadas. Agora com certeza seríamos resgatadas! O menino contaria para a mãe ou para outros parentes o que vira, e eles viriam investigar. Nem

conseguimos dormir naquela noite, pensando no que faríamos quando saíssemos. Ela mal podia esperar para rever a família. Eu mal podia esperar para ver Joey.

— Antes de mais nada, vou falar com as assistentes sociais, assim que eu puder usar um telefone — eu disse a ela.

Mas ninguém apareceu no dia seguinte, nem no outro. Alguns dias depois, eu estava acorrentada no cubículo do cara enquanto ele estava na cozinha, ao telefone. Parecia estar falando com alguém da família.

— Não, a casa não tá pronta — ele disse para a pessoa ao telefone. — Preciso fazer uma faxina. — Embora a pessoa parecesse insistir em visitá-lo, o cara continuava a dizer que não. E então, finalmente, ele disse: — Quem sabe você pode vir daqui a uns dias. Me deixa só dar uma limpada aqui.

Assim que o ouvi dizer isso, tive um estalo. Crianças são espertas — e aquele menino com certeza era esperto o suficiente para saber que havia algo errado. Fiquei pensando se ele não teria contado para a mãe ou algum outro parente sobre o encontro conosco. Nesse caso, talvez isso tivesse deixado Angie, ou quem quer que fosse a pessoa ao telefone, desconfiada. Talvez ela estivesse se perguntando se não havia algo estranho acontecendo com o pai e quisesse investigar pessoalmente. *Talvez.*

Naquela noite, mal consegui dormir, esperando que logo fôssemos resgatadas. Eu fantasiava sobre rever Joey. Imaginava como seria não ter aquelas correntes marcando minha carne 24 horas por dia. Pensava em tomar um longo banho de chuveiro, em comer comida não estragada. Com certeza, logo seríamos libertadas! Mas, de novo, nos dias seguintes não aconteceu absolutamente nada.

Umas duas semanas depois, o cara subiu e nos soltou.

— Vocês vão pro porão — ele nos disse.

Eu não disse nada para Gina, mas com certeza a expressão do meu rosto revelava tudo: a ideia de voltar para aquele calabouço me matava de medo. E houve outra surpresa naquele dia: ele fez *nós três* descermos juntas aqueles degraus empoeirados. Ele acorrentou todas nós ao mastro pelo pescoço e pela cintura. Então enfiou uma meia imunda na boca de cada uma e passou fita adesiva ao redor das nossas cabeças.

— Se alguma de vocês der um pio — ele disse em voz baixa —, vou dar um tiro em cada uma. — Acho que por “pio” ele queria dizer gemido, porque estávamos amordaçadas. Então ele desligou a luz. Depois que o cara saiu, eu o ouvi passar o cadeado na porta.

Era a primeira vez que nós três ficávamos no mesmo cômodo a sós, mas estávamos acorrentadas e amordaçadas. Era frustrante não poder se comunicar.

Eu estava de volta ao lugar onde começara, no chão imundo daquele porão, acorrentada, com as costas contra o mastro. Tentei tirar a meia da boca, mas a fita adesiva estava apertada demais.

Pouco depois, ouvi vozes lá em cima. Acho que era a família do cara — parecia o mesmo grupo de vozes que eu ouvira no dia em que o neto nos conheceu. Não sei ao certo se Angie estava entre elas, mas tenho certeza de que ouvi seu menino. Meu coração quase parou de bater, e eu prendi a respiração através da meia suja.

— O que tem lá embaixo? — ouvi uma voz de mulher dizendo. — Você pode destrancar aqui?

Houve uma longa pausa.

— Não posso — o cara disse. — Tá uma bagunça lá embaixo. Tem água no chão. Eu tô trabalhando lá.

Soltei todo o ar pelo nariz. Nem a pau que o cara ia abrir aquela porta.

Mas essas pessoas, fossem quem fossem, por que não chamaram a polícia na hora? Será que ninguém sentiu instintivamente que tinha algo errado ali? Quando penso nisso agora, fico tão furiosa. Chegamos *tão perto* de ser encontradas, mas, como ninguém chamou a polícia, continuamos prisioneiras na casa daquele desgraçado.

Por fim, as vozes lá em cima pararam, e imaginei que tivessem ido embora. Também achei que iriam para casa e chamariam a polícia, já que decidiram não fazer isso na hora. Mais tarde, o cara desceu, tirou nossas mordaças, nos deu um pouco de comida e subiu de novo.

— Amanda, como é que você tá, você tá bem? — perguntei, depois que ele foi embora.

— Acho que tô — ela disse baixinho.

Gina e eu nos revezamos contando as histórias que havíamos contado uma à outra — como fomos sequestradas e as coisas terríveis que o cara fazia conosco.

— E você? — perguntei.

Ela nos contou um pouco sobre como foi sequestrada. O cara oferecera uma carona na saída do trabalho dela, no Burger King, e depois a forçara a entrar na casa. Quando contamos a ela o que o cara fazia conosco, ela só disse algo como:

— É, comigo é igual.

Imaginei que Amanda estivesse assustada ou cansada demais para falar. Senti pena dela.

— Bom, só sei que não quero morrer aqui — eu disse finalmente. Comecei a chorar. Eu não conseguia evitar; as lágrimas se derramavam. — Nós precisamos

ser amigas. Precisamos descobrir um jeito de sair desta ratoeira. Agora que temos uma à outra, precisamos nos unir até sermos resgatadas. Talvez quem esteve lá em cima já esteja chamando a polícia pra vir averiguar.

Mas, novamente, ninguém apareceu. E por uns 15 dias, nós três ficamos acorrentadas naquele porão. Lá pelas tantas, o cara afrouxou um pouco nossas correntes e aproximou um pouco o balde do xixi. Quando queria transar com uma de nós, ele descia e a levava para cima. Em meio a tudo isso, nós conversávamos muito. Tentamos pensar em maneiras de sair dali. Não tivemos nenhuma grande ideia, na verdade; é difícil se soltar quando você está sempre acorrentada. Mesmo assim, procurávamos usar a imaginação. Pelo menos ajudava a passar o tempo.

Depois de mais de duas semanas presas naquele porão, o cara finalmente nos levou de volta para cima. Gina e eu continuamos acorrentadas juntas num quarto, e Amanda tinha o seu próprio quarto. Parecia que estávamos de volta à estaca zero, antes de o neto dele ter nos visto. Eu não conseguia acreditar que ninguém tinha vindo nos libertar.

Quero celebrar minha volta para casa, não o meu funeral. Ainda tenho tanta coisa que quero dizer e fazer. A vida é curta demais para não ser vivida direito... deste dia em diante, vou abraçar tudo o que é bom e execrar tudo o que é mau. Já vi mal suficiente para a vida inteira, agora. Quero o bom da vida sem preocupações. Estar com pessoas que gostam de mim, sorrisos quilométricos e amor que dure para sempre, uma casa que seja minha, não uma prisão. Posso ser vencida e espancada, mas vou me reerguer, ficar de pé, de cabeça erguida, com meu orgulho inabalado. Sobreviverei a este pesadelo horrível com meu coração ainda no lugar, minha alma intacta, e sairei dele sem uma só cicatriz.

19

O furgão

Eu amo a vida... Meu filho é a coisa mais preciosa para mim. Abro mão de qualquer coisa para estar com meu filho em casa, onde é o meu lugar... A vida muda de boa para ruim... num piscar de olhos, toda a sua vida pode mudar, por isso você deve viver como se fossem seus últimos dias na Terra, pois nunca sabe quando uma tragédia pode acontecer... Algumas pessoas não têm uma família à qual recorrer na hora da necessidade... Mal posso esperar para que este pesadelo acabe, para que eu possa acordar e ser eu mesma de novo.

Algumas semanas depois, um dia, antes mesmo de o sol raiar, o cara nos arrastou escada abaixo.

— Vou botar vocês no meu furgão, porque minha família vai vir pra cá logo — ele nos disse. A família dele já havia estado na casa, é claro, então imaginei que ele quisesse nos tirar do quarto para poder mostrar-lhes a casa de novo. Provavelmente queria provar para Angie, ou quem quer que estivera na cozinha, que nada de estranho estava acontecendo.

Ele tinha um grande furgão vinho estacionado no quintal, aquele que eu já vira algumas vezes. Ele nos empurrou para o quintal pela porta dos fundos. Olhei ao meu redor, torcendo para que alguém nos visse, mas pelo jeito ninguém estava fora de casa tão cedo. Assim que entramos no furgão, ficou claro que ele planejara aquilo. O interior tinha espaço para umas doze pessoas sentadas. Ele passara correntes nos assentos do meio. Os dois assentos do fundo haviam sido removidos e havia um lugar para deitar. Cheirava muito mal lá dentro. Uma plaquinha escrita “Porto Rico”, o país de sua família, estava pendurada no retrovisor.

Ele me prendeu junto com Gina nos assentos e acorrentou Amanda sozinha atrás. Nossas correntes tinham comprimento suficiente apenas para usar uma privada portátil que ele pusera ali, mas não o bastante para ficarmos de pé e

olharmos pelos vidros cobertos com filme escuro. Antes de fechar a porta, ele disse:

— Se eu ouvir qualquer barulho, venho aqui e mato vocês três.

Fazia um calor infernal dentro do furgão. Eu desmaiei algumas vezes com o calor do verão. A maior parte do tempo, eu só dormia. O cara não nos deu nossos cadernos e lápis, então eu não podia nem desenhar ou escrever para Joey. Minha camiseta estava tão encharcada de suor que ficara transparente. Por outro lado, eu ficava grata por ter uma camiseta para absorver o suor. Pensei em todos aqueles dias que passei suja e nua no chão do porão. Por mais que no furgão fosse ruim, antes era ainda pior.

Ficamos no furgão por cinco dias. No primeiro dia, o cara ficava verificando para ver se não estávamos tentando nos soltar ou pedir ajuda. E ele nos dava um pouco de comida e de água. Fiquei surpresa e aliviada quando não obrigou nenhuma de nós a fazer sexo com ele, nem levou ninguém de volta para a casa. Na casa, normalmente ele me violentava duas vezes por dia, mas durante aquela semana, me deixou em paz.

Na madrugada do quarto dia, eu o ouvi entrar no furgão. Fingi que estava dormindo, torcendo para que ele fosse embora. Ele ficou lá atrás, cochichando algo para Amanda por um tempo. Pude ver um pouco do que aconteceu a seguir, mas então fechei os olhos com força. A única coisa mais horrível do que ser estuprada é ver isso acontecer com outra pessoa.

Não sei se a família do cara chegou a aparecer na casa. Mas ele nos controlava com frequência, e eu sabia que ele estava armado. Pensei em gritar, tentando chamar a atenção de algum vizinho ou transeunte, mas o cara entrava e saía do furgão imprevisivelmente. Ele me convencera de que, se nos ouvisse gritar, nos alcançaria e atiraria em nós antes que qualquer um pudesse nos encontrar. E àquela altura, depois de ter sido acorrentada, estuprada e espancada constantemente por mais de dois anos, eu o achava capaz de qualquer coisa. Acreditava mesmo que ele atiraria em nós três a sangue-frio, mesmo se a ajuda estivesse a caminho.

Às vezes, eu quase achava que morrer daquela maneira seria um alívio, depois de tudo que eu enfrentara. Ao menos aconteceria instantaneamente. E às vezes sentia que Deus havia me abandonado. Mas então eu pensava em Joey, e sabia que existia um motivo para ainda estar viva. E eu não queria fazer nada que pudesse provocar a morte de Gina e Amanda. Por isso suportei aqueles dias escaldantes no furgão sem gritar por ajuda. Eu sabia que ele sairia da casa e entraria no furgão com sua arma em questão de segundos.

Quando o cara finalmente nos soltou, ele nos levou de volta para dentro, para nossos quartos no andar de cima. Ali também era uma prisão, mas pelo menos era uma prisão com cadernos de espiral, lápis e *Everybody Loves Raymond*. E embora os quartos fossem abafados, com as janelas fechadas com tábuas, não chegavam a ser um forno, como o furgão.

Durante os comerciais, Gina e eu fantasiávamos sobre várias maneiras de tentar fugir. Eu lembrei que ele tinha uma guitarra no seu cubículo.

— A gente podia amarrá-lo com uma corda de guitarra enquanto ele dorme — eu disse, ignorando o fato de que isso seria praticamente impossível, pois estávamos acorrentadas na cama. Gina ficou só me olhando. Tudo bem, acho que não foi a melhor ideia do mundo. — E que tal esfaqueá-lo? — continuei. — Se ele pegar no sono, eu posso ir pra cozinha e pegar uma faca.

Gina fez que sim com a cabeça.

— E depois — ela disse —, a gente podia soltar a Amanda e finalmente sumir daqui. — Um minuto depois, quando o programa voltava, continuávamos vendo TV. No fundo, acho que ambas sabíamos que nossos planos não funcionariam. Como podíamos sonhar em fugir, quando ele nos mantinha acorrentadas 99% do tempo? Mas eu precisava continuar pensando em novos planos de fuga. Era uma das poucas maneiras de não ficar louca. É preciso ter alguma esperança.

Espelho, espelho meu, você não vê de verdade quem sou eu. Se visse, saberia que sou a garota mais solitária que já viveu, caminhando sobre brasas enquanto vivo sozinha uma vida espelhada que não é a minha... com o temor tão fundo no peito de jamais poder voltar, enquanto espero que meu mundo pare de desmoronar.

Embora meu coração não seja de vidro, ele ainda se enche de dor e se parte em pedaços, como se fosse feito para se quebrar... sou aquela que está perdida. Eu sei que você vai me quebrar num instante. Meu coração bate forte quando penso no passado distante. Queria poder jogar estas ideias partidas no lixo e nunca mais pensar nelas... Se eu conseguir fazer tudo melhorar, você imagina como minha história vai acabar? Poderei curar minhas asas quebradas para finalmente sentir a doçura da vida, em vez do sabor amargo do pecado rondando, a próxima vítima a abater esperando.

Lá pelo final de 2004, começamos a ter um pouco mais de liberdade para andar pela casa, contanto que o cara estivesse presente. Ele nos levava para baixo para fazer o jantar, sempre carregando sua arma. Algumas vezes, pensei em tentar correr até a porta dos fundos, mas o medo de que ele atirasse em mim pelas costas e matasse todas nós era grande demais. Também lembrei as vezes que ele deixava uma porta destrancada para ver se me flagrava tentando sair. Ele parecia estar sempre nos testando, pronto para pular em cima se apenas olhássemos para a porta.

A cozinha era tão imunda quanto o resto da casa. O fogão era todo manchado de comida derramada que ele nunca limpava. Havia uma pilha de panelas e frigideiras velhas numa cadeira ao lado do fogão. Gina era quem mais cozinhava. Mesmo se quisesse cozinhar, eu não alcançava os armários, por isso ele me fazia ficar de pé num canto. Muitas vezes, enquanto Gina e eu estávamos na cozinha, o cara se sentava à mesa da sala com Amanda e falava baixinho com ela. Eu podia imaginar o tipo de idiotices que dizia.

As refeições eram quase sempre iguais: arroz e feijão. O feijão podia ser de qualquer tipo: preto, mulatinho, roxinho. Todos em lata, da Goya. O arroz branco era péssimo, barato, aquele que vem em caixa. De vez em quando, eu encontrava bichos no arroz. *Que nojo.* Depois que Gina e eu comíamos e lavávamos a louça, Amanda tinha que cozinhar sozinha seu arroz com feijão, enquanto nós ficávamos na cozinha. Não sei por que ele nos fazia comer separadamente, às vezes; só Deus sabe.

Depois que todos terminavam de comer, o cara nos deixava ficar um pouco lá embaixo. Muitas vezes nos dava umas cervejas Corona ou algumas doses de rum. Logo depois que eu entrara na casa, ele havia tentado me oferecer bebida. Eu não aceitava, na época, porque queria manter a mente alerta. Mas quando as outras garotas chegaram, eu já *precisava* beber. Nem gostava do sabor, na verdade, mas pelo menos era *alguma coisa* para aliviar a dor. Era uma das poucas maneiras que eu tinha de esquecer o horror que estava vivendo. Por que tentar se manter sóbria, quando você sente que está morrendo?

Eu sabia que ele não estava nos dando álcool para ser *legal* conosco — de jeito nenhum. Só queria nos deixar bêbadas, para que relaxássemos e fizéssemos todo tipo de safadeza com ele. Gina e eu sempre dizíamos que podíamos esperar até o cara cair de bêbado e fugir enquanto ele estivesse inconsciente no chão. Infelizmente, isso nunca aconteceu. Mesmo depois de beber muito, ele continuava calmamente sentado ali, sempre nos vigiando.

Uma noite, depois que todos tínhamos tomado muita cerveja, ele me entregou a arma.

— Atira em mim — ele disse, sério.

Eu não me mexi. Fiquei pensando se a arma estaria realmente carregada.

— Isso é uma brincadeira retardada — eu disse finalmente. Tinha certeza de que era algum truque doentio. Então ele tirou a arma da minha mão e a encostou na minha cabeça.

— Não faz isso! — gritei. — Por favor, não atira! — Meu corpo todo começou a tremer. Ele ia puxar o gatilho, mas antes que atirasse, eu derrubei a arma de sua mão. Ela voou para o outro lado da cozinha. Quando bateu no chão, saíram algumas balas de dentro. *Meu Deus, estava carregada mesmo!*

Fiquei tão apavorada que desmaiei ali mesmo, no chão da cozinha. Quando acordei do desmaio, me vi de volta ao andar de cima, acorrentada com Gina. Não fiquei surpresa de o cara ter encostado a arma na minha cabeça. Depois que Amanda e Gina chegaram, eu havia me transformado na garota mais odiada da casa. Ele começou a me tratar cada vez pior, se é que isso era possível. Vivia me empurrando escada abaixo, me batendo e socando ou xingando. E toda vez, depois de me fazer sangrar, ele me lembrava:

— Você é uma vaca horrorosa. É você que eu nem suporto olhar. — E então acrescentava: — Pelo menos eu não te matei.

Ele também abusava de Gina e de Amanda. Não sei exatamente o que fazia com Amanda, porque ela não estava no nosso quarto, mas tenho certeza de que a pegava à força também. Às vezes, eu ouvia isso acontecendo. Mas, embora todas nós fôssemos tratadas de forma horrível, era eu que levava mais socos na cabeça. E era estuprada duas, e às vezes até três ou quatro vezes por dia.

Eu me sentia insignificante e suja. À parte Joey e talvez meus irmãos, não conseguia pensar em ninguém que sentisse alguma falta de mim. *Mesmo se eu fugir desse desgraçado*, muitas vezes eu pensava, *que tipo de vida me espera no mundo lá fora? Depois que esta desgraça acabar, quem é que vai me amar de verdade?* As respostas a essas perguntas às vezes me faziam querer me encolher, afundar no chão e desaparecer para sempre.

Você nem se importa se estou morta ou viva, contanto que possa foder minha vida, e não a sua. Machucar alguém não vai ajudar sua situação, nem tirar você do caminho de destruição que seguiu... Minha vida é preciosa demais para você achar que pode me manter prisioneira como se ela não valesse nada, viver destruindo todas as minhas esperanças e

sonhos e depois pegar os pedaços do meu coração que sobraram e jogá-los na lixeira como lixo de ontem, junto com tudo que eu mantinha perto do coração. Tudo se foi, e espero poder recuperar tudo que perdi na vida. Eu tento esconder o ódio que arde dentro de mim... Sei que é errado ter maus pensamentos, mas eu vivo num mundo cheio de gente má e não consigo deixar de me sentir assim. Se você passasse pelo que eu passei, talvez pudesse saber como me sinto... Ser tratada feito lixo, isso nunca vai mudar, e nunca mais serei a mesma.



NAS SEMANAS SEGUINTES, no nosso quarto, Gina e eu passamos muito tempo cochichando sobre uma coisa: o que o cara dizia para Amanda quando estava com ela? Quando a levava para o seu cubículo, às vezes eu o ouvia rindo ao descer a escada, como se estivesse feliz da vida. E quando estávamos todos na cozinha, ele dava um jeito de ficar à parte com ela, mesmo enquanto ficava de olho em mim e Gina. Se estávamos todos sentados à mesa comendo, ele se sentava ao lado dela, na outra ponta. Parecia quase que ele estava tentando ficar numa boa com ela, curtindo sua companhia. Seu comportamento me apavorava e me deixava preocupada com o que ele estaria planejando.

20

Trabalhos forçados

Eu sei que em algum lugar do mundo a vida pode ser linda, e existe alguém que se importa com você. Só precisamos esperar que todas as nuvens negras e cinzentas vão embora, para podermos ver a linda chuva por trás dos palhaços que estão rindo de nós...

Eu precisei provar a amarga doçura da vida e encarar a dor sozinha, depois me levantar e cair. Preciso aproveitar o único momento no tempo para ser livre por toda a eternidade.

No início de 2004, algo estranho aconteceu: o cara começou a dizer que Amanda era sua esposa. Imaginei que, do jeito que era anormal, em sua mente doentia, ele devia achar que isso era verdade. Não fiquei muito tempo pensando no que o cara chamava de "casamento" porque achei aquilo totalmente ridículo. Achei que se simplesmente ignorássemos a coisa, ela desapareceria. Mas eu não pude ignorar o que começou a acontecer em seguida.

Tudo mudou depois que o cara alegou que ele e Amanda eram um casal. Para começar, agora ele passava muito tempo lá embaixo com ela. Muitas vezes, eu ouvia os passos dos dois descendo para o térreo. Gina e eu o ouvíamos vendo TV a cabo em seu quarto. Eu nem fazia ideia se ele ainda a mantinha acorrentada ou não. Naquelas noites, quando estávamos todos na cozinha, ele a fazia se sentar com ele, na outra ponta da mesa ou no sofá da sala, de onde ainda podia ficar de olho em nós.

Nessa época, o cara começou a me levar para fora com muito mais frequência. Ele dizia:

— Você vem pro quintal dos fundos trabalhar comigo. — Ele chamava isso de "trabalhos forçados", coisas como levantar e carregar tijolos, serrar tábuas e trocar o óleo de algum dos carros. Quando chegávamos lá, ele só me fazia executar essas tarefas por algum tempo. Quando eu dava por mim, ele já estava me prensando na lateral do furgão vinho. Um dia, ele arrancou minha roupa e me estuprou ali mesmo, à luz do dia. — Fica parada — ele murmurou, abrindo o

zíper do jeans. — Vou te foder bem gostoso agora mesmo. — Não havia arbustos em volta da casa; qualquer um que passasse podia ver o quintal, se olhasse para lá. E depois que o cara anunciou que ele e Amanda estavam "casados", os estupros ao ar livre aconteciam com muito mais frequência. Isso me fazia pensar se, na mente pervertida dele, o cara não achava que devia tentar esconder dela o quanto ainda fazia sexo comigo. Ele continuou estuprando Gina também, mas parecia que nem de longe fazia tanto isso com ela quanto fazia comigo.

Parecia que, do seu jeito doentio, o cara achava mesmo que ele e Amanda eram um casal. Quando estava comigo, falava muito disso. Uma vez, quando estava no quintal dos fundos comigo, ele me disse, sério:

— Eu liguei pra mãe da Amanda.

O quê? Senti vontade de vomitar. Não que eu tivesse algo no estômago — estava faminta.

— Falei que a filha dela agora é minha esposa, que ela tá bem porque tá comigo. Aí desliguei. — Ele riu, como se aquilo fosse uma brincadeira muito engraçada. — Um dia — ele acrescentou —, vou te fazer minha segunda esposa.

Eu já sabia que o cara era louco, mas quando ele disse isso, tive certeza de que ele devia ser um demônio vindo do inferno. Queria dar um soco na cara dele. Olhei para baixo e o xinguei baixinho. Graças a Deus, ele nunca mais falou disso.

Por volta dessa época, outra coisa mudou na casa: começamos a ter menos privilégios. O cara vinha alimentando Gina e eu duas vezes por dia, mas, de repente, com sorte fazíamos só uma refeição por dia. Ele parou de nos oferecer bebida quando descíamos. Às vezes, Gina e eu ganhávamos só uma fatia de pizza para dividir. Eu fiquei tão magra que conseguia sentir meus ossos; minha barriga estava sempre roncando. O cara precisava apertar minhas correntes, porque elas praticamente caíam. Eu sentia tanta fome que tentava dormir só para esquecer o quanto estava faminta. Então tinha sonhos muito detalhados com comida. Sonhava com o frango frito que eu comia na igreja batista. Imaginava que estava comendo uma fatia grande de bolo de chocolate. Aí acordava com o estômago doendo muito, por estar sempre vazio. Era horrível.

Mas uma mudança foi mais terrível do que todas as outras: ele parou de nos dar cadernos de espiral.

— Vocês não merecem — ele disse para mim e Gina um dia.

Suas palavras foram como um punhal atravessando o meu coração. Eu já havia preenchido cada centímetro dos cadernos que ele me dera; num deles,

desenhei uma caveira de boca aberta, como um morto constantemente gritando por ajuda. Eu sentia que eu *era* aquela caveira. Desesperadas por papel, começamos a escrever nos embrulhos de hambúrguer que cobriam o chão.

De vez em quando, ele ainda nos dava algumas folhas de papel, mas não um caderno inteiro. Muitos dias, eu ficava sem lugar para anotar minhas palavras, meus desenhos — meus sentimentos. Não conseguia escrever cartas para o meu Joey. Não podia desenhar meus lobos, minhas borboletas ou meus ursinhos. Era como ser jogada de volta no porão, onde eu quase fiquei louca com o medo terrível e o tédio. Ainda tínhamos aquela TV detonada, mas se ele ficava furioso conosco por qualquer motivo, levava até isso embora por algum tempo. Na última página vazia de um dos meus cadernos, escrevi isto:

> *Por trás destas paredes de concreto, você me deixa cair com força. Acredito de verdade que ninguém se importa comigo. Sinto que estou morrendo aqui dentro. Às vezes me sinto impotente com a dor e a destruição. Me vejo paralisada. Estou enlouquecendo de pensar se um dia voltarei para casa para ver o meu anjinho. Estou numa prisão sem janelas, esperando que alguém venha me resgatar. Estou jogada aqui com frio, tremendo, mas ainda não totalmente vencida.*

Uma das coisas mais difíceis, nessa época, era ver que o cara parecia tratar as outras melhor do que a mim. Amanda tinha a TV colorida boa no quarto, e às vezes respondia para ele, dizia coisas como: “Não preciso ficar te ouvindo!” Embora nem sempre eu estivesse no mesmo quarto, nunca o vi batendo nela por causa disso. Mas se eu dissesse qualquer coisa, levava um soco na cara ou no estômago. Não que ele fosse *legal* com elas — longe disso! Mas eu sentia que a prisioneira que mais apanhava era eu. E na minha percepção, em certos dias, eu era a única que ele estuprava. Era como estar no corredor da morte.

Eu sabia que isso não era culpa delas. Apenas uma pessoa pode ser culpada por tudo o que acontecia naquela câmara de horrores — o babaca doentio que levou nós três para lá.

Além disso, nos anos seguintes, eu engravidei mais quatro vezes — cinco no total. Toda vez, o maníaco me culpava por isso e me fazia abortar o bebê. Toda vez, eu sentia que estava morrendo, física e mentalmente.

> *A morte parece uma solução mais rápida para o meu problema... espero que não chegue a isso, porque tenho tantos motivos para viver... tantas coisas que eu não disse e não fiz, que preciso realizar antes que o fim*

chegue... Nós obedecemos porque precisamos, não porque queremos. Esta não é a nossa vida, é no mundo de fantasia de outra pessoa que estamos vivendo. Eu me sinto uma prisioneira... no fim, era a sua vida desde o começo, e era você que estava errado, não eu... um dia viverei minha vida como se fosse meu último suspiro.



UMA TARDE, na primavera de 2006, recebemos uma notícia horrível. Na nossa televisãozinha, Gina e eu ouvimos que a mãe de Amanda, Louwana, havia morrido. O repórter disse que Louwana fizera tudo o que podia para encontrar Amanda; em 2004, ela até aparecera no *Montel Williams Show* e perguntara a uma médium se sua filha ainda estava viva. A médium dissera a ela que Amanda já se fora, mas apesar disso, Louwana continuara sua busca. Eu só podia imaginar a dor que ela sentia.

— Ela morreu de insuficiência cardíaca em 2 de março de 2006 — o repórter disse. Eu só conseguia pensar naquele telefonema que o cara dissera ter feito para Louwana. Se ele realmente ligou, ela deve ter morrido de dor no coração.

Mais tarde naquele dia, o cara nos desacorrentou por um breve período. Não sei por que nos deixou andar livremente, mas ficou por perto para nos vigiar. Eu fui até o quarto onde Amanda estava.

— Lamento muito pela sua perda — eu disse.

Ela olhou para mim e disse:

— O quê?

Foi então que me dei conta de que ela não vira a notícia na TV.

— A sua mãe faleceu — eu disse. Ela começou a chorar, e eu me afastei da porta, querendo deixá-la um pouco em paz e sozinha. Quando voltei para o meu colchão, a ouvi soluçar. Eu me senti tão mal por Amanda; e tão furiosa por aquele homem tê-la roubado de sua família.

Algumas semanas depois disso, tive outra surpresa. Toda manhã, por uns dias, comecei a ouvir Amanda vomitando no quarto. Quando estávamos todos na cozinha, ela disse que sentia enjoo e não conseguia segurar a comida no estômago. Mais tarde naquela noite, quando o cara me levou para o seu quarto, comentou o quanto Amanda estava enjoada.

— Ela pode estar grávida — ele disse.

— Imagino que esteja — eu retruquei. — Você precisa começar a cuidar melhor dela. — Se na sua mente doentia eles estavam casados, eu tinha certeza

de que ele não a faria abortar, como fizera comigo.

Ele me encarou.

— Como você sabe?

Não sei como arranjei coragem, naquela noite, mas dei uma resposta irônica.

— Daqui a alguns meses você vai saber, quando o bebê aparecer. — Ele não me bateu, como pensei que faria. Sorriu... como se estivesse feliz com o bebê a caminho.

Eu estava certa. Amanda nunca me contara que estava grávida. Mas nem precisava — o tamanho da barriga dela tornava isso óbvio. No quinto ou sexto mês de gravidez, ela parecia ter engolido uma bola de basquete. Eu queria lhe fazer tantas perguntas: Ela queria o bebê? Estava feliz por estar grávida? Estava nervosa? Com medo? Empolgada? Alguma vez ele ameaçou fazê-la abortar na base da pancada? Mas durante a gravidez toda, Amanda e eu falamos muito pouco uma com a outra — praticamente só dizíamos olá. O cara parecia estar sempre rondando. Eu só podia supor o que estava passando na cabeça dela. Eu só pensava nos meus bebês — aquele para o qual eu estava tentando voltar, e aqueles que o monstro matara.

Para o Meu Filho: Você é minha estrela-guia, é o motivo de eu querer viver mais um dia. Sempre estará no meu coração, e é ali que você sempre vai ficar. Você ilumina o meu caminho, o dia fica difícil e aí eu penso em você, e em como vamos ficar juntos para sempre. Nunca separados, e um dia terei um recomeço com você, porque você é a minha esperança de sobreviver.

21

A luz da casa

Na hora de adormecer, possa Deus me proteger... Se eu morrer antes de acordar, possa Ele me levar, para que então toda a dor e sofrimento da vida desapareçam e eu possa ser livre de novo, para que eu não precise sonhar com lugares distantes que jamais verei, ou com um amor que jamais vou conhecer, ou com a família que eu sempre quis mas nunca tive, ou com um filho que nunca vou poder abraçar e lhe dizer o quanto o amo... Eu rezo e espero manter meu filho a salvo e lhe dar uma vida melhor do que a que eu tive, cheia de amor, felicidade e serenidade. Estou precisando mesmo de uma prece, agora... parece que ontem mesmo você estava em meus braços, e agora todos aqueles dias se foram. Eu preciso seguir em frente, preciso esperar por um dia mais brilhante no fim da estrada.

No meio da noite de Natal, em 2006, senti um tapinha no ombro.

— Levanta — uma voz disse. Esfreguei os olhos e me sentei no colchão. Ao meu lado, Gina ainda dormia. — Amanda passou o dia todo em trabalho de parto — o cara disse enquanto me soltava. — Preciso que você desça comigo pro porão e me ajude a trazer uma coisa pra cima.

Eu estava zonza. O Natal era um dia que eu começara a odiar mais do que amava antes. Todas aquelas lembranças de comemorá-lo com Joey haviam sido substituídas por outras horríveis. Na véspera de Natal, o rádio tocava uma canção natalina após a outra. Eu mal conseguia ficar sem chorar. Decidi que faria o possível para dormir o dia todo — e então o cara me acordou. Nós dois descemos.

No porão havia uma piscina pequena. Não era daquelas infláveis, era de plástico duro.

— Me ajuda a levar isso pra cima — ele disse. — Vou botar ela aqui dentro pra não sujar o colchão.

Eu não queria ajudar. O que eu queria era voltar para a cama e dormir de novo. Mas não tinha escolha.

Nós dois arrastamos a piscina de plástico até o quarto de Amanda. Eu podia ver que ela estava morrendo de dor. Pusemos a piscina sobre o colchão, e ele mandou que Amanda entrasse logo. Dei a ela meu suéter para se cobrir — estava muito frio naquele quarto. Então segurei o braço dela e a ajudei a entrar na piscina. Depois de entrar, ela se deitou. O cara ficou ali me ameaçando.

— Se esse bebê não sair vivo — ele disse —, eu te mato.

Tentei ignorá-lo para me concentrar em tentar ajudar Amanda. O cara não ajudava em nada; nem imaginava o que fazer.

— Faz força, Amanda! — eu disse.

Quando sua linda menininha finalmente chegou, percebi na hora que havia um problema: seu rostinho estava azul. Ela não estava respirando.

— É melhor você fazer ela respirar! — o cara gritou para mim.

Minhas mãos tremiam e minha mente trabalhava furiosamente. *Meu Deus, o que vou fazer? Como é que eu ressuscito esse bebê?* Pus um pano úmido sobre o colchão e deitei a bebezinha nele. Então levantei um pouco sua cabeça e apertei seu peito algumas vezes. Entre as compressões, eu fazia respiração boca a boca.

Mais ou menos um minuto depois, ela começou a gritar.

— Nhéééé! Nhéééé! Nhéééé! — Era o som mais doce que eu já ouvira naquela casa. O cara arrancou a bebê de mim e a levou para baixo, para limpá-la, imagino.

Quando tudo acabou, eu estava exausta, totalmente esgotada. Ajudei Amanda a se lavar e fui para o meu quarto me deitar. Assim que subi no colchão com Gina, o cara entrou.

— Você vai me ajudar a tirar aquela piscina de lá — ele disse. Enquanto Amanda segurava a recém-nascida, ele e eu carregamos a piscina para baixo, para o quintal dos fundos, e jogamos fora o sangue. Então eu me arrastei escada acima e fui para a cama. Deviam ser umas 5h da manhã. Foi assim que meu Natal de 2006 começou.

EU FINALMENTE PUDE pegar a bebê no colo, naquela noite. O cara entrou no meu quarto e a entregou para mim. Amanda descansava em seu quarto.

— Aqui está ela — o cara disse. Ele tinha um sorrisão no rosto. A bebê estava enrolada num cobertor velho e esfarrapado, que ele devia ter puxado do fundo de

seu armário.

Ela bocejou e olhou para mim.

— É tão lindinha! — eu disse. Era o menor bebezinho que eu já vira. Acho que pesava uns 2,3 quilos, talvez menos ainda. Tinha um cheirinho de coisa nova, limpa, exatamente o contrário da casa imunda onde estávamos. Gina também se derreteu toda por ela.

Olhei para seu rostinho redondo e olhos brilhantes. Foi aí que os meus começaram a se encher de lágrimas. Senti tanto a falta do meu Joey, naquele momento. Então ele tirou a bebê de mim e voltou para o quarto de Amanda. A noite toda ouvimos aquela menininha chorando. Eu esperava que alguém ouvisse seus gritos e se perguntasse por que se ouvia um bebê na casa de um homem solteiro. Gina e eu achamos que talvez aquela criança fosse a nossa salvação.

Na semana seguinte, o cara deixou Gina e eu irmos até o quarto de Amanda para ver a bebê algumas vezes. Amanda parecia exausta. Ela e a bebê, em geral, ficavam abraçadas no colchão, porque não havia um berço.

— Que nome você vai dar pra ela? — Gina perguntou.

— Não sei — Amanda disse. Ela olhou para a bebê em seus braços. Todas começamos a sugerir nomes.

— Eu gosto de Jocelyn — Amanda disse finalmente. Assim, ficou decidido: seu novo anjinho se chamaria Jocelyn. Seu segundo nome era Jade. O cara foi até uma loja e trouxe um travesseiro cor-de-rosa, com o desenho de uma espécie de pato ou galinha. Ele fez Amanda escrever “Jocelyn Castro” na etiqueta do travesseiro. Só de ver o sobrenome dele ali, fiquei com vontade de vomitar. Ouvi Amanda dizer ao cara que queria que a bebê tivesse o sobrenome dela.

— Ela pode se chamar Jocelyn Jade Berry — ela disse.

Eu tinha razão, pensei. Amanda jamais seria a “esposa” daquele idiota. Só estava tentando enrolá-lo.

— Bom, ela pode ser “Berry” aqui em casa — o cara disse a Amanda. — Mas não quero que ninguém fique pensando de onde veio esse “Berry”. Então, lá fora, ela vai ser “Castro”.

Fora da casa? Essa foi a primeira pista que tive de que ele planejava sair com a filha para o mundo lá fora. Será que ele não pensava que a família dele poderia descobrir sua vida dupla? Por outro lado, pensar não era o forte do cara.

Depois que Jocelyn nasceu, ele pôs as duas no nosso quarto, o branco, porque era maior.

— Ela precisa de mais espaço pra bebê — ele disse.

Ele mudou Gina e eu para o quarto cor-de-rosa, que ficava ao lado do branco. O mesmo quarto cor-de-rosa onde ele me pendurara naquelas duas barras no dia em que me sequestrara. Eu podia abrir a porta entre os dois quartos e ouvir muito melhor o que acontecia com Amanda e Jocelyn. Aliás, nosso quarto era tão pequeno que eu podia esticar o braço e abrir a porta que dava para o branco, mesmo do colchão e acorrentada.

Eu estava cagando e andando para onde ele me mudasse. Todos os quartos eram um lixo. Mas no quarto cor-de-rosa, as coisas melhoraram um pouco. Ele voltou a nos alimentar mais de uma vez por dia, e finalmente me deu outro caderno de espiral. E pelo menos por algumas semanas depois que Jocelyn chegou, me deixou em paz. Acho que a bebê o distraía. Mesmo antes que Jocelyn tivesse idade suficiente para saber onde estava, ela já trazia um pouco de luz para nossas vidas.

Pouco depois do nascimento de Jocelyn, o cara tirou as correntes de Amanda.

— Não quero que a menina te veja com isso — eu o ouvi dizendo a ela. Amanda ainda não podia sair do quarto: ele trancava a porta dela e a nossa. Mas pelo menos ela não precisava ficar em cima daquele colchão esfarrapado o dia todo. Podia andar com Jocelyn ou brincar com ela em qualquer parte do quarto.

Eu amei Jocelyn desde o primeiro momento em que a vi; ela era uma joia. Mas não tive muitas oportunidades de pegá-la no colo. Para o cara, eu era menos que nada. Ele me chamava de inútil na frente de Amanda e de Gina. Cuspia na minha cara. E toda hora lembrava às três que ninguém da minha família estava me procurando. E depois de tudo isso, gritava comigo, dizendo:

— Qual o teu problema? Você devia estar feliz!

Eu sabia que ele queria me obrigar a *não* ser eu. Mas eu não acreditava nas coisas que ele dizia a meu respeito, porque significaria deixar as trevas triunfarem.

No entanto, isso não me impedia de adorar Jocelyn. Quando ficávamos na cozinha, à noite, era minha função segurá-la no colo e mantê-la quieta enquanto Gina cozinhava e o cara falava com Amanda. Eu a ninava e cantava as mesmas canções que cantava para Joey. Punha-a de cavalinho no meu joelho. Ela era uma criança tão boa. Se não estivesse com a fralda molhada ou faminta, não chorava muito.

No meu quarto, comecei a fazer roupas para Jocelyn. Ela tinha algumas mudas, mas estavam sujas e desbotadas. Por isso, Gina e eu rasgamos algumas camisetas velhas nossas e usamos a agulha e linha que o cara nos deu para fazer umas roupinhas de bebê. Costuramos algumas calças, uns sapatinhos de pano e

uma camiseta de manga comprida. Amanda parecia adorar tudo, mas quando o cara viu, disse:

— Isso aí tá feio.

— Bom, mas tá frio lá fora! — eu disse. — A menina precisa de mais roupa!

— Então eu compro mais roupa — ele disse. — Para de fazer esse lixo pra ela.

O desgraçado era tão egoísta. Por um lado, eu adorava ter Jocelyn na casa. Era algo mais para pensar, além da minha agonia. Ela trouxe alegria para uma escuridão que eu achava que jamais iria acabar. Mas por outro lado, eu ficava muito triste por ela. Quando você nasce escrava, que tipo de vida pode ter, afinal? Então aquilo era uma grande bênção para nós, mas uma enorme maldição para ela, tudo ao mesmo tempo. Eu sonhava que um dia aquela menininha inocente seria livre.

Eu sonhava a mesma coisa para nós quatro. Sempre via o rosto de Joey na minha mente, e era isso que me mantinha viva. Eu não podia deixá-lo sozinho neste mundo, sem me conhecer. Ficava ouvindo sua vozinha em minha mente dizendo: “Mamãe, preciso de você.” Isso me ajudou a ter forças para seguir em frente quando eu sentia vontade de desistir.

Quase toda noite, eu adormecia rezando.

Deus amado... não vou deixar que esta tragédia me ponha de joelhos ou me defina por toda a vida. Consigo enxergar o caminho certo. Não quero viver para sempre sentindo esta dor se repetir. Só quero que ela vá embora e não volte nunca mais.

O que não me mata só pode fortalecer meu coração. A morte pode parecer uma solução fácil, mas acho que sobreviver de cabeça erguida é melhor do que baixar a cabeça. Estou olhando pela janela da dor, esperando meu final perfeito... muitos dias parecem quilômetros de tortura no meu coração partido. Você sente a minha dor...

22

Juju & Chelsea

Por que preciso enfrentar tanta dor só para voltar para você? Meu coração se enche de tanto ódio que isso me despedaça... Só espero voltar a ser eu mesma, viver bem livre.

Isto é para todas as mulheres que ouviram que não eram nada... não deixem que derrubem vocês, nem que destruam seu coração. Vocês são alguém, não deixem ninguém dizer nada diferente disso... eu realmente mereço sorrir, embora a dor seja insuportável demais.

Quando você está trancada, o tempo faz algo estranho — ele parece parar. Uma maneira que eu tinha de saber que os dias ainda estavam passando era olhar Jocelyn. Quase da noite para o dia, ela cresceu de um bebezinho para uma menininha fofinha. O cara nunca a acorrentou. Era por isso que às vezes ela ia e vinha com seus passinhos incertos entre o quarto cor-de-rosa e o branco.

— Ei, docinho! — eu dizia quando a via passando pela porta entre os dois quartos. Ela sorria muito. Usava sempre uma fralda de pano. Às vezes estava meio pesada, porque ela fizera xixi. — Como é que você tá hoje? — Eu dizia, pegando-a no colo. Depois que Gina e eu fomos transferidas para o quarto cor-de-rosa, eu podia segurá-la no colo muito mais, especialmente quando Amanda estava lá embaixo, no quarto do cara, ou tomando banho. A essa altura, como eu já disse, ele nos deixava tomar banho uma vez por semana. Parecia um luxo, depois de tomar um único banho durante todo o meu primeiro ano na casa.

Jocelyn tinha mais ou menos 1 ano quando começou a fazer sons como se estivesse tentando falar. Com 1 ano e meio, ela dizia palavras curtas, como “Mama!”. Por isso, o cara entrou no nosso quarto um dia e nos disse:

— Vou dar nomes diferentes pra vocês. Não quero que ela saiba seus nomes verdadeiros. — Gina e eu nos entreolhamos.

— Bom, eu não vou usar nome nenhum que você me der — falei. — Eu mesma vou escolher: vou me chamar Lee. — Esse era o segundo nome de Joey.

— Escolhe outro, porque esse aí tem a ver com os meus filhos — ele disse. Acho que um dos filhos dele tinha “Lee” no nome.

— Que tal Angel? — sugeri.

Ele me olhou com maldade.

— Você parece tudo, menos um anjo — ele respondeu.

— Bom, então vou me chamar Juju — eu disse. Escolhi esse nome porque sempre adorei jujubas.

— Tudo bem — ele disse. Então se dirigiu a Gina. — E o teu nome, qual vai ser?

Ela deu de ombros, e eu propus algumas sugestões.

— Que tal Hazel? — falei. — Ou Chelsea?

— Eu gosto de Chelsea — Gina respondeu. Então, daquele dia em diante, sempre que Jocelyn estava por perto, só podíamos usar nossos nomes falsos: Juju e Chelsea.

Em 2009, quando Jocelyn tinha uns 2 anos, um milagre aconteceu: o cara desacorrentou Gina e eu. Não fez isso por causa do seu bom coração. Foi porque Jocelyn estava ficando crescida o suficiente para entender o que acontecia ao seu redor. Ela ia para o lado da nossa cama e apontava para nossas correntes. Às vezes até as puxava.

— Juju plesa? — ela tentava dizer.

— Tira ela daqui! — o cara gritava, quando a via tocando nossas correntes. — Não é bom ela ver isso. — Ele se incomodava mais da sua menininha ver as correntes do que em nos manter presas com elas.

Nessa época, ele começou a nos levar para baixo com mais frequência. Nos fins de semana, às vezes nos deixava ficar na cozinha ou na sala por algumas horas.

— Já posso confiar mais em vocês — ele dizia. Eu voltei a pensar em alguma maneira de tentar fugir.

Falei com Gina a respeito.

— A gente podia sair pela porta dos fundos enquanto ele tá conversando com a Amanda no sofá — eu disse.

Ela olhou para mim, mas não respondeu. Porque ambas sabíamos a verdade: ele tinha uma arma, e se tentássemos fugir, não hesitaria em usá-la. E mesmo se conseguíssemos sair, ele mataria Amanda e Jocelyn. A única maneira do nosso plano dar certo seria se todas participássemos.

Às vezes o cara deixava as portas dos nossos quartos destrancadas, mas era só mais um de seus testes. Nem um minuto depois de sair, ele subia a escada de

mansinho e enfiava a cabeça na porta. Em geral, não dizia nada; só verificava se alguma de nós havia se mexido um centímetro. De vez em quando, fazia mais uma de suas ameaças:

— Se eu perceber que não posso confiar em vocês, vocês me pagam.

Ele andava com a arma na cintura a maior parte do tempo, mas, para ser sincera, nem precisaria, na verdade. Em 2008, já estávamos treinadas. Depois de anos na prisão, uma coisa louca começa a acontecer: as correntes saem dos seus pulsos e tornozelos e vão para o seu cérebro. Se eu ainda queria sumir daquele calabouço para rever meu Joey? Não passava um dia sem que eu pensasse nisso. Na época, eu já estava lá havia mais de seis anos. Mas depois de ser estuprada, humilhada, espancada e acorrentada por tanto tempo, você cria o hábito de obedecer. Sua força de vontade começa a desmoronar. Você começa a ficar incapaz de imaginar algo diferente daquilo. E parece que seu carcereiro é onipresente e onisciente.

Com minhas asas bem abertas, estou pronta para voar... quando fecho os olhos, só quero ver você... Quando nossos sonhos vão se realizar, para que possamos viver em voz alta, em vez de viver no escuro, que não é o nosso lugar?

— OOOH, EU ADORO essa bundona dela — o cara disse, com um sorriso nojento.

Todas nós, inclusive a menina, estávamos na sala com ele. O cara nos fazia ver um de seus programas favoritos, *Keeping Up with the Kardashians*. Kim Kardashian estava na tela. — Eu queria poder botar essa garota de quatro e mandar ver nela agora — ele dizia.

Eu já estava tão acostumada a ouvir as porcarias que ele dizia que nem ergui os olhos. Jocelyn, que já tinha quase 3 anos, corria pela sala, rindo.

Depois que o programa acabou, o cara me fez massagear suas costas.

— Tô dolorido — ele me disse. Nessa época, ele começara a pedir que eu lhe fizesse massagens com frequência, à noite. *Eca.* Enquanto eu afundava as mãos nas costas dele, o celular tocou. O cara atendeu e falou alguma coisa em espanhol. Então desligou bem rápido. — Era aquela mulher de novo — ele disse, como se alguma de nós se importasse.

A semana toda, o cara comentara conosco que havia conhecido uma mulher numa boate. Ele a achara gostosa, imagino.

— Não sei por que ela fica me ligando — ele acrescentou.

O telefone tocou de novo. O cara atendeu e falou mais alguma coisa em espanhol. Parecia fulo da vida. Então entregou o telefone para Amanda.

— Diz pra ela parar de ligar aqui. — Ele a encarou ameaçadoramente. Amanda ficou olhando para ele por um momento, e então obedeceu. Ele arrancou o telefone da mão dela e desligou.

Minha mente estava agitada. *Eu teria coragem de implorar pra mulher ligar pra polícia com o cara bem na minha frente?* Não tinha certeza. Desabei no sofá, e uma lágrima escorreu pela minha bochecha.

— Juju bava? — Jocelyn perguntou, quando me viu chorando. Eu não estava brava, só horrivelmente frustrada por estarmos tão encurraladas.

Um momento depois, o cara me obrigou a ficar atrás dele de novo e continuar a massagem. Eu pressionava as pontas dos dedos em sua pele, mas o que eu queria mesmo era apertar o seu pescoço até esganá-lo.

Mais tarde, no quarto, Gina e eu cochichamos sobre o que acontecera. Uma coisa havia ficado bem clara para mim: se um dia eu quisesse fugir daquela prisão, ia ter que fazer isso sozinha.

Borboleta vibrante, cheia de vida, cada vez que vejo uma, me lembro de como a vida realmente pode ser preciosa, poder voar tão livre... onde ela quiser, sem nenhuma preocupação. Espero aquele momento especial em que também poderei viver livremente. Nada mais de preocupações, dor ou lágrimas, só felicidade e riso... Um dia especial, vou poder viver minha vida como aquela borboleta, e não me sentir mais tão triste.

23

Mostarda

Deus ainda não está pronto para mim. O que devo fazer quando meu mundo está desmoronando, e tudo ao meu redor desaparece, junto com o amor que se transforma em ódio... tudo que um dia eu fiz, não posso fazer mais, porque minhas entranhas foram arrancadas do meu corpo.

Quando Jocelyn tinha entre 2 anos e meio e 3 anos, o cara começou a sair com ela. Também começou a ir à igreja todo domingo. Acho que ele era católico — isso ou então pentecostal, que eram as duas igrejas que eu já o ouvira mencionar.

— Preciso pôr um pouco de religião na vida da minha filha — ele me disse uma tarde. — Ela precisa conhecer Deus. — Pouco antes disso, o hipócrita estava metendo em mim. *Tanto faz, babaca.*

Domingo era o único dia da semana em que ele tomava banho — era quando eu ouvia os canos fazendo barulho no banheiro. O cara gostava de exibir Jocelyn. Parecia feliz em ter mais uma criança em casa e na sua vida.

— Minha família foi tirada de mim — ele me dizia com frequência —, e agora eu tenho uma nova. — Na sua mente enlouquecida, ele devia se achar um bom pai. Esse era um dos motivos para levar Jocelyn à igreja. Acho que ele pensava que não tinha problema que as pessoas a vissem, porque ninguém a estava procurando. Ela não tinha nenhum registro de nascimento; o mundo não sabia que ela existia.

O cara também teve a ousadia de apresentar Jocelyn à sua banda. Na minha opinião, isso foi outra estupidez — como quando ele trouxe seu netinho para cima.

— Vou levar Jocelyn lá pra baixo pra conhecer o pessoal — eu o ouvi dizer a Amanda, num sábado. Na época, eu não sabia como ele explicava de onde Jocelyn surgira. Anos depois, numa matéria jornalística, li que ele contava às pessoas que Jocelyn era filha de sua namorada. Talvez essas pessoas acreditassem nele. Talvez não. Mesmo se suspeitaram de alguma coisa, ninguém nunca chamou a polícia para que averiguasse.

Como nós, Jocelyn ficava dentro de casa a maior parte do tempo. A única diferença era que ela era livre para correr pela escada sozinha, quando o cara estava em casa. Quando ele voltava do trabalho, destrancava a porta do quarto de Amanda.

— Vou levar a menina lá pra baixo um pouco — ele dizia. Não sei o que eles faziam lá... às vezes parecia que ele via desenhos animados com ela. Meu maior medo era que, quando ela ficasse mais velha, o cara começasse a abusar dela como abusava de todas nós.

À medida que Jocelyn crescia, eu me sentia cada vez mais protetora em relação a ela. Perder Joey foi uma das coisas mais difíceis que já enfrentei — e ficar com Jocelyn aliviava um pouco a minha dor. Nós nos divertíamos muito. O cara lhe comprava todo tipo de jogo e brinquedo. Ela tinha até um Xbox e um aparelho de DVD, para ver filmes infantis.

Eu podia vê-la cerca de uma hora por dia, em geral enquanto o cara estava trabalhando. Quando podia entrar, Jocelyn vinha para o meu quarto e coloria.

— Olha, Juju! — ela dizia, apontando para uma figura no seu livro de colorir. Ela coloria como Joey, fazendo riscos de giz de cera por toda a página.

— Que lindo! — eu elogiava. Uma vez, eu a ajudei a desenhar uma Hello Kitty. Desenhei primeiro e depois ela tentou copiar. — Ficou muito bom! — eu disse. Ela abriu um sorrisão. — Você já tá ficando uma mocinha!

Usando fita adesiva, eu pendurava seus desenhos na parede do meu quarto, ao lado da fileira de cartões que eu desenhava para comemorar os aniversários de Joey. Uma das paredes estava cheia de desenhos. Às vezes, quando o cara estava de mau humor, entrava e arrancava tudo. Eu sempre recomeçava e pendurava tudo de novo.

A maior parte do tempo, o cara tentava esconder da filha o modo como abusava de nós. Acho que não queria que ela percebesse o quanto ele era mau. Mas houve vezes em que ele me bateu na frente dela. Uma noite, estávamos todos na cozinha. Amanda e Gina preparavam nosso costumeiro arroz com feijão, e Amanda estava amassando um pouco para dar a Jocelyn.

— Sua vaca do caralho! — ele gritou comigo e me deu um tabefe na bochecha com as costas de sua mão enorme. Gina e Amanda ficaram paralisadas. Não lembro o que eu fizera para irritá-lo; não era preciso muita coisa para tirá-lo do sério.

Jocelyn, que brincava sozinha num canto da cozinha, olhou para nós. Ela nem se mexeu. Devia estar tentando entender por que seu pai fora tão malvado com a tia Juju.

Uma vez, Jocelyn acordou gritando no meio da noite. Ela tivera um pesadelo horrível. Gritava alto o suficiente para acordar o bairro todo. O cara subiu a escada correndo e entrou no quarto; a porta entre os quartos estava aberta, naquela noite, então pude ver tudo o que aconteceu.

— Faz ela calar a boca! — ele gritou com Amanda. Amanda tentou acalmá-la ninando-a nos braços e esfregando suas costas, mas Jocelyn continuava a soluçar. Então o cara pôs a mão inteira sobre a boca e o nariz dela. — Quieta! — ele disse.

Ele vai machucá-la?, pensei. Eu queria enchê-lo de porrada. Podia ver que Amanda também estava nervosa, só pela sua expressão de raiva. Jocelyn acabou se acalmando, pelo menos até o pesadelo seguinte. Às vezes, quando ela acordava berrando, eu tentava ajudar Amanda, cantando para Jocelyn; nenhuma de nós queria que o cara subisse e encostasse na criança de novo.

Depois de um dos pesadelos, Jocelyn me contou:

— O homem mau tava tentando machucar as pessoas.

— Tá tudo bem — eu disse a ela. — Vai dar tudo certo. — O cara podia não bater na filha, mas, mesmo assim, as feridas que causava nela pareciam ser bem profundas.



No verão de 2012, Gina começou a sentir coceira. Muita. Ela ficou com um monte de marquinhas vermelhas pelo corpo.

— O que você acha que é isso? — ela me perguntou, coçando uma das marcas no braço.

— Pode ser catapora — eu disse. Fosse o que fosse, ela estava ficando em carne viva. O cara pareceu não se importar, mas no dia seguinte comprou para ela um creme que supostamente pararia o prurido. Não funcionou.

Durante os dias seguintes, ela foi ficando com cada vez mais marcas vermelhas, mas notei que não pareciam catapora. Pareciam mais picadas de mosquito. Uma tarde, entendi o que era aquilo.

— Não é catapora — eu disse para Gina e o cara. — São percevejos. — Eu havia acabado de ver um dos desgraçadinhos andando no nosso colchão. Eu o peguei e o segurei bem debaixo do nariz dele.

— Puta merda! — ele disse. — Tem razão. Melhor fechar a porta, pra eles não entrarem no quarto da Amanda e da Jocelyn.

É isso que acontece quando você é um nojento; você traz percevejos pra dentro de casa. O cara não comprou nosso colchão numa loja. Uma vez, ele me contou que o havia pegado num beco.

— Um colchão é só um lugar pra se deitar — ele dissera. — E daí que tem umas manchas?

Mas quando 2012 chegou, aquela cama não tinha só "umas manchas". Estava impregnada de tudo, desde poeira e esperma até cuspe e sangue. Os colchões estavam tão imundos que fico surpresa de os percevejos não terem aparecido muitos anos antes. E quando o cara fechava as portas do nosso quarto, fazia uns 38 graus lá fora — quente como o inferno, sem nenhuma ventilação. Gina e eu suávamos feito umas porcas. Mas mesmo depois que eu lhe mostrei aquele bicho, ele não jogou fora a cama. Em vez disso, entrou no quarto com um plástico grande.

— Levantem — ele disse e jogou o plástico por cima do colchão. — Bom — o cara nos disse —, tomara que os bichos morram.

Tomara que você morra também!, pensei. Alguns dias depois, comecei a ser picada. Eu sabia que isso ia acontecer; é impossível dormir num colchão cheio de bichos e não ser devorada viva. Acabamos ficando as duas cheias de marcas, dos pés à cabeça. Às vezes, parecia que as marcas diminuíam. Mas sempre que começavam a desaparecer, surgia mais um monte. Era exatamente como a nossa experiência na casa: quando achávamos que as coisas iam melhorar um pouco, na verdade pioravam. Uma nova catástrofe sempre estava prestes a acontecer.

Passamos a droga do verão todo alternando entre coçar picadas de percevejos e tentar nos refrescar. Só uma coisa boa aconteceu naquele verão. Enquanto estávamos na cozinha, o cara deixou Gina folhear um jornal. Num dos anúncios, ela viu um vestido que achou que ia me agradar. Mais tarde, quando eu não estava por perto, ela implorou que o cara comprasse o vestido usando o dinheiro que ela "ganhara" — aquele monte de notas que ele sempre jogava em nós, como se fôssemos suas prostitutas. Eu nem podia acreditar que ele tinha saído e comprado o vestido, mas foi o que ele fez. Mais tarde, ela me contou a história toda. Foi a única vez que ele nos deixou "comprar" alguma coisa com o "nosso dinheiro".

Quando Gina me deu o presente de surpresa, fiquei muito empolgada.

— É lindo! — eu disse a ela. — Adorei!

Era um vestidinho de alcinha com várias cores bonitas — rosa, verde e azul. Era tão comprido que ia quase até meus pés. Usei muito aquele vestido, por cima das terríveis picadas de percevejo.

Os dias longos e quentes aos poucos foram ficando mais frescos e curtos, mas os estupros diários não diminuíam. Às vezes eu tentava abstrair imaginando alguma forma de escapar. E eu disse a Gina:

— A gente precisa começar a fazer exercícios pra ficar mais forte e dar porrada nesse cara.

Ela riu. Mas alguns dias depois que eu disse isso, começamos um programa de exercícios. Toda manhã, deitávamos no chão e fazíamos um monte de abdominais e flexões de braço, embora eu me sentisse muito fraca.

— A gente precisa ter músculos suficientes pra fugir daqui — eu disse, no meio das abdominais. Gina fez que sim e continuou se exercitando. — É isso aí — incentivei. — A gente vai fugir deste lugar. — Ficamos um pouco mais fortes, mas continuávamos acorrentadas na Seymour Avenue.

Por volta do final de setembro, não pude mais me exercitar. Estava enjoada e com os peitos cheios de leite, grávida novamente, pela quinta vez desde que fora capturada.



NAQUELE OUTONO, QUANDO Jocelyn tinha 5 anos, o cara a levou para alguma espécie de parque de diversões ou feira. Eles voltaram trazendo comida.

— Jocelyn quis comprar um cachorro-quente pra cada uma de vocês — ele disse. O único problema era que o cachorro-quente estava cheio de mostarda... e eu sou extremamente alérgica a mostarda.

Quando eu tinha 8 anos, comi uns ovos recheados. Quinze minutos depois, meu rosto ficou todo inchado e vermelho. Eu não conseguia respirar. Minha mãe correu comigo para o pronto-socorro. Os médicos fizeram exames e descobriram que a mostarda tinha sido a causa.

— Ela poderia ter morrido — o médico disse à minha mãe.

Eu nunca mais comi mostarda. Assim, quando o cara apareceu em casa com um cachorro-quente lambuzado nela, eu sabia o perigo que aquilo representava para mim. Ele também sabia: sempre que comprava sanduíches no McDonald’s, se ele se esquecesse de pedir sem mostarda, eu não comia. Mas naquele dia, sabendo que eu era alérgica, o cara insistiu para que eu comesse assim mesmo. Ele deixou o cachorro-quente sobre o colchão.

— Se você não comer isso — ele me disse —, não vai comer mais nada.

Alguns dias antes, ele basicamente havia começado a me desnutrir de novo.

— Vou te ensinar a me obedecer — ele disse. Parou de me levar para baixo para jantar. Nessa época, ele também percebeu que eu estava grávida, porque eu começara a vomitar... então isso lhe dava um bom motivo para me deixar com fome. — Se depender de mim — ele me dizia —, você nunca vai ter um bebê nesta casa.

Além de tudo isso, eu sentia que tinha pegado alguma virose ou resfriado. Tossia e espirrava sem parar. E meu estômago doía de tanto ficar em jejum. Então, mesmo sabendo que a mostarda poderia me fazer muito mal, eu estava tentada a comer o cachorro-quente. De início, nada parava no meu estômago por causa do enjoo, mas à medida que a gravidez fora avançando, meu apetite voltara. Àquela altura, eu estava tão faminta que pensei: *Talvez, se limpar a mostarda, eu possa comer.* Acredite, você pensa em fazer muitas loucuras quando está morrendo de inanição, especialmente se não faz ideia de quando vai poder comer de novo.

— Come isso, ou te dou um tiro! — ele mandou. Já que eu ia morrer mesmo, pensei que valia a pena morrer de barriga cheia. Por isso peguei o cachorro-quente e usei a ponta da minha camiseta para tirar aquele monte de mostarda amarela. Pus o cachorro-quente na boca, dei uma mordida... e prendi a respiração.

Em poucos minutos, meu rosto inchou. Minha garganta fechou. Minha barriga parecia que estava sendo rasgada.

— Você tá com uma cara péssima — Gina disse.

Ele não estava nem aí. Jamais iria me levar para o hospital. Só deu de ombros.

— Vai passar — o cara disse e saiu do quarto.

Naquela noite, fiquei deitada no colchão, rezando para que o efeito da intoxicação por mostarda passasse.

— Se você tá me escutando, Deus — murmurei —, preciso da Tua ajuda agora. — Mas eu piorei. Muito. Na manhã seguinte, meu rosto estava duas vezes mais inchado do que no dia anterior. Meu corpo todo ficou da cor de um tomate maduro. Eu não sentia a garganta nem a língua. Quando Gina acordou e olhou para mim, pude ver o medo em seus olhos.

— Meu Deus, o que é que a gente faz? — ela perguntou. Eu não tinha forças nem para responder.

No segundo dia, minha aparência e os barulhos que eu fazia finalmente apavoraram o cara. Não só meu rosto estava imenso, mas eu também tossia e expelia um monte de muco. Ele trouxe um vidro grande de xarope.

— Toma um pouco disto — ele disse, jogando o vidro na cama.

Durante os dias seguintes, tomei o vidro todo. Aquilo ajudou um pouco com a tosse, mas não melhorou em nada os outros sintomas. O cara trouxe feijão-preto em lata e água. Gina amassou o feijão e me alimentou. Eu não conseguia abrir a boca o suficiente para beber num copo, então ela usava um canudo para me dar um pouco d'água.

No quinto dia, eu não conseguia mexer meu corpo, muito menos abrir a boca. Nunca havia sentido tanta dor na minha vida.

— Não aguento mais isso — eu disse baixinho para Gina. Estava perdendo a vontade de lutar.

Ela se aproximou do meu lado do colchão e pôs minha cabeça no seu colo.

— Michelle, você precisa ser forte pelo Joey — ela sussurrou. — Teu filho te ama. Ele precisa de você. Você não pode morrer assim. Por favor.

Parte de mim queria seguir em frente, mas uma parte ainda maior só queria morrer de uma vez. Como posso continuar vivendo assim? Se eu sobreviver a isto, será que um dia vou voltar pro meu Joey? Será que morrer pelo menos não vai acabar com este sofrimento? Foi a última coisa que me lembro de ter pensado antes de tudo ficar preto.

O que aconteceu em seguida ainda me faz tremer quando falo a respeito. Logo depois daquela escuridão total, eu abri os olhos e vi uma luz branca. Brilhava mais do que qualquer luz que eu já vira aqui na Terra. Então, de repente, ouvi uma voz grave.

— Sua hora não chegou, Michelle — a voz disse. — Ainda não é a sua hora. Ainda não é a sua hora. — Meu corpo todo ficou mais leve que uma pluma. Em seguida, ouvi outra voz. Dessa vez, era a de Gina.

— Fica comigo — Gina disse. — Você vai conseguir. Eu sei que você consegue. Joey te ama. Eu te amo também.

Abri os olhos e vi que eu ainda estava naquela casa. Ainda em cima daquele colchão sujo. Ainda presa àquela vida que me levara às portas da morte. Eu havia passado para o outro lado — sei disso. O que vi e ouvi não é algo que dá para simplesmente imaginar.

Mil vezes na minha vida eu pedira que Deus aparecesse para mim. Como quando aquele meu parente começou a abusar de mim. Quando eu estava tremendo debaixo da ponte. Quando o cara me pendurou no quarto cor-de-rosa. Nunca tive certeza absoluta de que Deus pudesse me ouvir ou até se importasse comigo. Mas a voz que ouvi naquela noite me convenceu de uma coisa: Deus existe. Com certeza. Não sei por que Ele permitiu que tantas coisas terríveis

acontecessem na minha vida. Talvez eu nunca tenha a resposta a essa pergunta, e ainda sinto raiva, às vezes, pensando nisso. Mas só existe uma maneira de explicar por que eu não bati as botas de vez naquela noite: Deus me trouxe de volta. Eu vi. Eu ouvi. Eu senti. E pelo resto da vida, nunca vou duvidar disso.

Levou mais cinco dias para o inchaço passar completamente. O tempo todo, Gina ficou ao meu lado. Ela me deu mais comida. Enxugava o suor da minha testa com a palma de sua mão. Ela me encorajava a continuar viva. Às vezes Deus se manifesta como uma voz grave e uma luz brilhante. Outras vezes, se manifesta como uma amiga chamada Gina. Numa noite escura de 2012, Deus apareceu das duas maneiras.

24

Espancada

Você fez minha cabeça se encher de agonia e dor com todas as coisas que martelou no meu cérebro. Eu tenho uma história que precisa ser contada. Vejo claramente você e tudo o que você roubou... o diabo ceifa a sua alma.

O despertador do cara tocava toda manhã como de costume, mas por volta de novembro de 2012, eu parei de ouvi-lo sair da cama. Ele continuava subindo, trazendo restos de comida estragada, mas aparecia algumas horas mais tarde do que antes. E não estava usando seu uniforme de motorista de ônibus. Foi assim que percebi que ele não estava trabalhando. Já tinha ficado em casa o dia inteiro por uma semana quando o ouvi contar para Amanda.

— Você perdeu o emprego? — ela lhe perguntou, uma tarde.

— É — ele respondeu. — Fui demitido.

Agora que ficava em casa o dia inteiro, ele me atacava a qualquer hora do dia ou da noite. Enquanto os locutores de rádio começavam a falar das festas e a tocar músicas natalinas, eu me sentia caindo em depressão. O Natal estava a caminho. Seria meu décimo primeiro Natal naquela prisão. O ano todo eu pensava em Joey, mas no Natal, ele tomava conta do meu cérebro. Eu tinha perdido tantos anos da sua vida. Se o visse de novo, talvez nem o reconhecesse. No final de 2012, ele tinha 13 anos — já era um adolescente. Eu me perguntava se ele teria ficado alto como o pai. E se ainda era louco por esportes. Se ainda lembrava que eu era sua mãe. Ele devia ser completamente diferente do menininho que tive nos braços na última vez. Eu chorava pelos meus dois filhos — aquele que eu não via havia mais de uma década, e aquele que estava crescendo na minha barriga. Àquela altura, eu já estava no terceiro mês de gravidez. O cara não havia conseguido me fazer abortar por desnutrição.

A única coisa boa no Natal era o aniversário de Jocelyn. Em dezembro de 2012, ela fez 6 anos. Sei que pode parecer loucura, mas todo ano o cara dava uma festa para ela. Não era uma festa de aniversário normal, com outras crianças; era só para nós quatro, presas naquela casa. Amanda e Gina

penduravam fitas na sala e uma grande faixa que dizia: “Feliz Aniversário”. Elas enchiam balões coloridos, e o cara comprava um bolo. Mas nós comíamos a mesma droga de arroz e feijão. E, claro, ele punha sua salsa ridícula para tocar no último volume.

Por alguma razão, o cara não me deixou descer e ajudar com a decoração; só me deixou ir para a festa no final. Eu adorava Jocelyn e queria que ela se sentisse especial, mas também estava tão faminta e exausta que mal conseguia descer a escada. Ele finalmente subiu e me pegou.

— Na verdade, você não faz parte disso — ele me falou. *Então por que diabos você me obrigou a descer?*, pensei. Tenho certeza de que era só para me atormentar, para me fazer lembrar todos os aniversários que eu não pude comemorar com Joey. — Senta na escada e fica olhando daí. — Eu desabei no último degrau.

O cara gravou um vídeo da festa, mas ele só permitia que Jocelyn e Amanda aparecessem. Não sei por que ele foi retardado a ponto de deixar que Amanda aparecesse no vídeo. Durante anos, o rosto de Amanda estivera no noticiário local, e no vídeo ela podia ser reconhecida como a garota que fora capturada ao sair do Burger King.

— Parabéns pra você — todas cantamos —, nesta data querida, muitas felicidades, muitos anos de vida!

Jocelyn olhou para a mãe com um sorrisão no rosto. Nós batemos palmas. Por mais que eu me sentisse péssima, mental e fisicamente, era bom vê-la feliz.

Quando a festa acabou, Amanda, Jocelyn e Gina voltaram para cima.

— Você fica — o cara me disse.

Achei que ele fosse me levar para seu cubículo ou para o quintal dos fundos; tenho certeza de que fazer sua festinha o deixara com tesão. Mas ele apontou para a escada do porão.

— Vai na frente — ele disse. Eu dei um passo e ele me seguiu. Os pelos da minha nuca ficaram de pé. *O que vai acontecer?*

Quando cheguei ao terceiro degrau, ele me empurrou por trás. Rolei para a frente até o último degrau da escada. Quando caí no chão, minha barriga bateu na borda de uma estante.

— É hora de dar um jeito nisso! — ele gritou. — Vou fazer você nunca mais ter filhos! — Curvada com o rosto no chão, eu ouvia as botas dele no último degrau. Então ele me deu um pontapé na barriga.

— Para! — gritei a plenos pulmões. — Por favor, não mata meu bebê de novo!

Mas ele não parava. Sua bota pesada atingia em cheio o meu tronco mais e mais vezes.

— Antes de você sair deste porão — ele gritou —, é melhor esse bebê sair! — Ele me deu um tabefe na têmpora com a mão aberta.

Enquanto ele subia a escada, fiquei deitada ali, soluçando.

— Meu Deus, me ajuda! — eu gritava. — Por favor, me ajuda! — Eu cruzava os braços sobre a barriga, tentando fazê-la parar de latejar. Lá em cima, ele pôs a salsa para tocar. Meus gritos histéricos se misturavam à letra da canção. Enquanto gritava sem parar, tentei ficar de pé, mas antes que eu pudesse me levantar, ele voltou.

— Cala essa boca, caralho! — ele urrou. — Se não parar de gritar, vou te matar de verdade! — Então ele me agarrou pelas costas da camiseta, me arrastou escada acima e me jogou no meu quarto.

Quatro dias depois, comecei a sangrar. O cara entrou no quarto e me arrastou para baixo, para o banheiro.

— É melhor você torcer pra esse bebê ter morrido — ele disse. Bateu a porta do banheiro e foi embora.

Eu me arrastei até a privada e baixei minha calça de moletom. Sentei na privada e afundei o rosto nas mãos. Um rio vermelho escorria para o vaso. Eu não conseguia respirar nem falar, me sentia como se um elefante estivesse sentado no meu peito. Já tinha chorado tanto que meu rosto estava dormente.

— Anda logo aí! — ele gritou. Alguns minutos depois, algo caiu na água. Eu me levantei e olhei para a privada. Enfiei a mão e tirei o meu bebê da água. Fiquei parada ali, soluçando. *Por que Deus e Gina não me deixaram morrer?*, pensei. *A morte seria melhor do que ver meu filho destruído.* Eu olhei para o feto em minhas mãos.

— Lamento tanto o que aconteceu com você — eu uivava. — Lamento tanto. Você merecia coisa melhor!

O cara irrompeu no banheiro.

— Eu falei pra andar logo, porra! — ele gritou. Ele olhou para minhas mãos ensanguentadas e me deu um tapa tão forte no rosto que me fez derrubar o feto. — É culpa sua — ele disse. — Você abortou o meu bebê. Eu devia pegar minha arma e meter um tiro na sua cabeça agora mesmo. — Depois saiu e voltou com um saco de lixo. Ele pegou o feto e o jogou no saco. Alguns segundos depois, ouvi a porta dos fundos se abrindo.

Ele não me deixou tomar banho. Assim, quando voltei para cima e vi Gina, eu ainda estava toda ensanguentada e encharcada de choro. O cara jogou uns

guardanapos brancos de papel no colchão e disse, ríspido:

— Se limpa com isso. — Depois saiu rapidamente e trancou a porta. Até hoje, ver guardanapos brancos de papel me dá náuseas... eles me fazem lembrar o que passei.

— Meu Deus, o que aconteceu? — Gina disse, vindo para o meu lado do colchão.

Comecei a chorar de novo.

— Ele me fez perder o bebê — eu disse finalmente, em meio aos soluços. — Acabou, Gina.

Ela ficou bem quieta.

— Eu sei que você queria ter o bebê — ela disse finalmente, me abraçando —, mas às vezes não dá pra ser assim.

Naquela noite, nós duas ficamos deitadas ali, lado a lado no colchão, que ainda estava coberto com o plástico. Ficamos olhando para o forro em total silêncio. Eu podia ouvir a respiração dela. Tenho certeza de que ela também ouvia a minha respiração. Algumas experiências são dolorosas demais para se falar a respeito. Aquela era uma delas.



A PRIMAVERA DE 2013 pareceu mais fria do que as anteriores. Nas tardes de março, quando o cara me levava para o quintal para me prensar contra o furgão, eu sentia uma brisa gelada no ar. Um dia, depois que ele terminou, eu ia voltando para a porta.

— Peraí — ele disse. Foi até outra parte do quintal e pegou uma pá e luvas. — Você vai me ajudar a trabalhar aqui hoje. Vou fazer um jardim.

Um jardim? Desde quando você se interessa por jardinagem?, pensei. Mas eu não era nem louca de perguntar. Só fiquei olhando para ele.

— A gente vai cavar um buraco grande — ele disse.

Por que precisa de um buraco grande pra fazer um jardim?

— Vamos começar cavando ali — ele disse. Apontou para um lugar com grama nos fundos. Eu vesti as luvas e enfiei a ponta da pá no chão gelado. A pá era bem maior do que eu, mal aguentava erguê-la, mas de alguma forma consegui enfiá-la no chão. *Cava. Cava. Cava.* Um pouquinho de cada vez, eu tirava a terra e jogava para o lado.

Depois de alguns minutos me olhando trabalhar, ele pegou outra pá e começou a cavar ao meu lado.

— Mais fundo — ele gritou para mim. E eu cavei. E cavei. E cavei. Depois de mais de uma hora, o suor escorria das minhas axilas. Minha garganta estava seca. Meus punhos doíam. O buraco estava ficando cada vez mais fundo, apesar de a terra estar tão dura.

Foi então que caiu a ficha — aquilo não era um jardim. Era uma cova. Esse cara planejava enterrar alguém no quintal! Por que mais iria precisar de um buraco tão grande? Com certeza era grande o suficiente para um corpo.

— Continua cavando, sua piranha! — ele me dizia. — Ainda não tá fundo o suficiente.

A cada vez que eu tirava uma pá de terra, meu coração batia mais forte. *Este pode mesmo ser o fim*, pensei. O psicopata já tinha assassinado meus filhos. Agora ia me assassinar.

Depois de três horas, o cara largou a pá e me mandou parar de cavar. Eu tirei as luvas e enxuguei o suor da testa.

— Por hoje é só — ele disse, ofegante. — Acho que a gente pode terminar amanhã. — *Amanhã*; um dia que eu temia não viver para ver. Mas embora ele dissesse várias vezes que iria me fazer cavar mais depois, para meu alívio, isso nunca se concretizou. Talvez fosse mais um de seus joguinhos mentais malucos, ou talvez ele só estivesse dando um tempo até o solo ficar menos congelado.

Dizem que o tempo cura a dor, mas acho que as regras não se aplicam a este caso... acho que nunca vou me recuperar deste pesadelo.

25

Encontradas

Você sempre vai estar no meu coração. Eu sempre estarei ao seu lado quando você cair, para levantar e fortalecer você de novo. Sempre estarei ao seu lado para ajudá-lo na jornada chamada vida. Por isso, quando sentir que sua vida acabou, me chame e eu estarei ao seu lado para ajudá-la na alegria e na tristeza, para que você possa juntar os pedaços da sua vida.

Em 6 de maio de 2013, eu abri os olhos por volta das 10h. Gina já estava acordada e desenhando no seu caderno. Não estávamos acorrentadas nesse dia; como já falei, o cara havia nos ameaçado tantas vezes com sua arma e espancado quando fazíamos qualquer coisa de que ele não gostasse, que tínhamos medo demais para tentar fugir. Sabíamos que a qualquer hora ele poderia estar escondido no corredor ou lá embaixo, só esperando para ver o que fizéramos e transformar nossas vidas num inferno ainda maior. No meu caso, particularmente, eu sentia que ele usava qualquer desculpa para me esmurrar no rosto ou me esganar.

— Bom dia — eu disse para Gina, bocejando. Cobri a boca com as costas da mão.

— Ei — Gina respondeu. Ela estava tão concentrada no que estava desenhando no caderno que nem olhou para mim. Peguei meu caderno de espiral azul e o folheei até encontrar as páginas vazias. Só restavam mais algumas. *O que vou desenhar hoje?*, pensei. *Flores*; *vou desenhar umas flores pro meu Joey.* Apontei meu lápis e comecei a esboçar um buquê de rosas. Imaginei que eram vermelhas. Enquanto desenhava as pétalas de uma rosa, eu disse:

— Não sei por que, mas tô com uma sensação estranha na barriga.

Gina largou o lápis e olhou para mim.

— Por quê? — ela disse. — Você acha que tá grávida de novo, alguma coisa assim?

— Não, não tô falando disso — respondi. — Não sei por que, mas é como se eu tivesse um buraco no estômago. Deve ser o calor. — Estava quente, embora só estivéssemos usando regatas e shortinhos. Ambas voltamos a desenhar.

Cerca de uma hora depois, ouvi Jocelyn rindo.

— Papai, papai! — ela gritava, subindo e descendo a escada. Parecia que ela e o cara estavam brincando. Alguns minutos depois, ouvimos Jocelyn entrando no quarto de sua mãe.

— Oi, mamãe! — ela disse. Parecia tão cheia de alegria. Um momento depois, ouvi a porta do quarto de Amanda se abrindo. Devia estar destrancada, porque não ouvi nenhum barulho de chave na fechadura. A princípio, achei que o cara tivesse subido, mas ouvi Jocelyn descer novamente a escada sozinha, rindo e cantando o tempo todo.

Gina olhou para mim.

— Você se incomoda se eu ligar o rádio? — ela perguntou. Concordei com a cabeça; não estava a fim de ficar ouvindo o cara se divertindo.

— A seguir — anunciou o locutor —, um sucesso do cantor de R&B Ne-Yo! — Um segundo depois, uma das minhas canções favoritas, “Let Me Love You”, encheu nosso quarto. Comecei a bater o pé no chão e cantarolar baixinho a letra da canção. Gina começou a mover os ombros no ritmo da música. Pedi que ela baixasse um pouco o volume do rádio, porque não queria que o cara nos flagrasse ouvindo um cantor negro. Ambas continuamos desenhando e curtindo a música.

Jocelyn voltou correndo escada acima. Ela estava falando tão alto que a ouvíamos por cima da voz de Ne-Yo.

— Mãe — ela disse —, o papai foi pra casa da Mamaw! — Mamaw era como Jocelyn chamava a mãe do cara. Ela encontrara a mãe dele algumas vezes.

Pode ser a nossa chance, pensei. *Ou pode ser só mais um teste.* Algumas vezes, anteriormente, o cara dissera a Jocelyn que ficaria fora o dia todo, sabendo que ela provavelmente repetiria isso para nós. Alguns minutos depois, ele destrancava a nossa porta e enfiava a cabeça, com um sorriso sinistro.

— Só queria ver se posso confiar em vocês — dizia. Percebi que o aviso de Jocelyn devia ser mais uma armadilha. Além disso, não ouvimos o furgão saindo do quintal. Então ficamos na cama.

Por isso eu tive aquela sensação esquisita, pensei. *Era um teste que podia significar a nossa morte.* Amanda e Jocelyn começaram a brincar no outro quarto, e Gina e eu ficamos ali, cuidando da nossa vida. Jocelyn subiu e desceu a escada correndo mais algumas vezes, brincando, cantando, tagarelando feito uma

matraquinha. Depois que terminei o buquê de rosas vermelhas para o meu ursinho, larguei meu lápis e meu caderno.

— Tô meio entediada — eu disse a Gina.

Ela começou a procurar estações no rádio. Encontrou uma canção de que ela gostava, e eu me levantei e comecei a dançar pelo quarto, descalça. Não me sentia tão bem, mas ao mesmo tempo nunca me sentira tão bem.

Naquele momento, ouvimos Jocelyn voltar correndo para o quarto da mãe. Um minuto depois, ouvi a porta de Amanda se abrindo. Dois pares de pés desceram a escada. *O cara deve estar em seu cubículo*, pensei. Os três costumavam ficar lá embaixo, e às vezes ele mandava Jocelyn subir e chamar Amanda. Eu continuei dançando.

Uns 15 minutos depois, repentinamente percebi algo: não ouvia voz nenhuma vindo lá de baixo. Só para ter certeza, pedi que Gina desligasse o rádio. Ela desligou. O térreo parecia completamente silencioso. *Será que o cara levou Amanda e Jocelyn pra algum lugar?*

Em seguida, ouvimos um barulho muito alto. *Pum! Pum! Pum!* Vinha da porta da casa. Parecia que alguém estava tentando arrombar a porta! Quase me caguei. *Este é um bairro violento*, pensei. *Acho que vamos ser assaltadas.*

As pancadas pararam, e eu fui na ponta dos pés até a porta e segurei a maçaneta. Gina ficou me olhando. *Tá trancada?*, pensei, girando lentamente a maçaneta. Não estava. A porta se abriu um pouquinho. Então, de repente, ouvimos um *BUM!*

— Se esconde! — cochichei para Gina.

O mais rápido que pude, corri até o aquecedor e tentei me agachar atrás dele. Eu estava totalmente apavorada, imaginando algum traficante ou ladrão arrombando a casa, nos encontrando ali e nos matando. Depois de tudo o que passáramos, não queria morrer daquele jeito. Não consegui me enfiar atrás do aquecedor, então corri para me esconder atrás do gaveteiro e apaguei a luz. Gina ofegava do outro lado do gaveteiro.

— Shhh — murmurei. A casa ficou em silêncio novamente.

Ouvimos passos pesados — dois pares de pés. *É agora*, pensei. Meu corpo todo tremia. *Eles vão achar a gente e matar as duas.* Eu tinha ficado tão apavorada ao ouvir o barulho que deixei a porta entreaberta.

Minha garganta se fechou. Eu cerrei os punhos. *O que foi isso? Quem tá aqui?*

— Polícia! — Uma voz de mulher gritou. — Polícia!

Gina e eu não conseguíamos ver uma à outra no escuro.

— Não sei se é a polícia mesmo — cochichei. — Qualquer um pode dizer isso.

Não sei o que Gina estava pensando, mas eu não pretendia me mexer um centímetro até descobrir o que estava acontecendo.

Quando os passos se aproximaram, ouvi o ruído de um walkie-talkie. Na escuridão total, rastejei até a porta e espiei. Pensei ter visto uma manga de camisa azul-marinho. *Será que é a polícia mesmo?* Eu não tinha certeza. Não conseguia ver quem era e não queria me arriscar, caso fosse alguém *fingindo* ser da polícia para nos enganar e nos fazer sair. Havíamos sido torturadas e mantidas prisioneiras por tanto tempo que naquele momento era difícil imaginar um resgate.

Ainda aterrorizada, fechei a porta.

— Vou entrar lá — cochichei para Gina, mas não sei se ela me ouviu. Então rastejei pela porta entre os quartos até o de Amanda. Eu me escondi atrás do móvel da TV dela. O tempo todo, meu coração parecia que ia sair do peito e rasgar minha camiseta.

Alguns segundos depois, a porta do quarto de Amanda se abriu rangendo. Dois pares de botas pretas entraram.

— Tem alguém aqui? — disse a mesma voz que eu ouvira antes. Eu não disse uma palavra. Ergui os olhos e vi um homem e uma mulher usando uniforme completo da polícia. Os dois tinham armas na cintura. Assim que vi seus distintivos prateados brilhando na escuridão, eu saí do meu esconderijo — e pulei no colo da mulher! Abracei o pescoço daquela policial com tanta força que quase a estrangulei.

Gina estava chorando quando saiu. Ela olhou para mim, depois para a polícia, como se não conseguisse acreditar no que estava vendo. Um rio de lágrimas escorria dos olhos dela.

— Tem mais alguém aqui em cima com vocês? — o policial perguntou.

— Acho que não — eu disse, com os lábios tremendo. Eu não sabia ao certo onde Amanda e Jocelyn estavam. Só sabia que elas não estavam no andar de cima.

A policial tentou me pôr no chão, mas eu me agarrei ao pescoço dela. Precisava ter certeza de que sairia de lá viva, especialmente porque não fazia ideia de onde o cara estava, nem se eu estava realmente a salvo dele.

— Tem armas na casa? — o policial perguntou.

— Tem uma pistola em algum lugar — eu disse a ele. — Mas não sei onde tá.

— Vamos vasculhar o resto da casa — a policial me disse.

Foi então que finalmente deixei que ela me pusesse no chão. Outro policial, de camisa azul de mangas curtas, subiu a escada.

— Tá tudo bem agora — ele nos disse. Com certeza percebia o quanto ainda estávamos apavoradas. — Peguem suas roupas. Vou esperar vocês aqui, no alto da escada.

Voltamos para o nosso quarto e tiramos as camisetas e os shorts; eu vesti um moletom, um suéter cor-de-rosa, meias e sapatos. Minhas mãos tremiam o tempo todo, e parecia que um furacão atravessara a minha mente. Eu estava delirando.

— Gina, você tá acreditando nisso? — falei. — A gente tá livre!

Ela tirou o moletom e vestiu uma regata branca e uma calça felpuda com estampa de leopardo. Chorando e rindo ao mesmo tempo, começamos a recolher nossos cadernos. Mas quando os policiais voltaram, mandaram que deixássemos os diários ali.

— A gente leva pra vocês depois — disse o cara de mangas curtas. — Vamos descer.

Ele nem precisou repetir! Nós praticamente corremos para a escada. A cada passo que eu dava, pensava em todos os anos que haviam se passado desde que o cara me convencera a subir aquela escada, me prometendo um filhote. Pensei nas centenas de dias em que eu ouvira o som de suas botas sujas subindo para me estuprar. Pensei nas vezes que ele me jogara do alto daqueles degraus, tentando matar o meu bebê. Alguns dos momentos mais horríveis da minha vida aconteceram naqueles degraus. E agora, aos 32 anos, eu os estava descendo pela última vez.

Quando cheguei ao último degrau, não olhei para trás. Eu queria sumir daquele lugar para sempre. Precisava voltar para o meu Joey. Procurei Amanda e Jocelyn com o olhar, mas como elas não estavam no térreo, concluí que já estavam com a polícia.

Um policial abriu a porta da casa. Eu saí por ela. Era a primeira vez que eu saía no quintal da frente. O sol parecia brilhante demais. Depois que meus olhos se acostumaram com a luminosidade, olhei para os meus braços. Estavam brancos como os de um fantasma. Olhei para a rua. Uma ambulância estava parada na frente da casa.

— Vem comigo — o policial disse.

As portas traseiras da ambulância estavam abertas. Dentro dela, eu via Amanda e Jocelyn. *Foi ela que chamou a polícia?*, pensei. *Ela ligou pro 911? Como é que as duas saíram? E onde tava o cara?* Eu ainda estava tão confusa

com o que acontecera. Amanda estava abraçada com Jocelyn, debulhada em lágrimas. O policial nos ajudou a entrar no furgão.

— Juju, você tá bem? — Jocelyn perguntou. Eu balancei a cabeça e comecei a soluçar. Amanda estendeu o braço e segurou a minha mão. Ela a apertou.

— A gente tá livre agora! — ela exclamou. — A gente vai pra casa!

Depois que Gina entrou, todas nos abraçamos e choramos feito bebês. Nossos anos no inferno finalmente haviam terminado.

Um sujeito careca parecido com o Kojak perguntou meu nome.

— Eu sou Michelle — murmurei. — Michelle Knight.

Então ele pôs uma máscara de oxigênio em mim, e isso pareceu fazer meu coração afundar de repente. Os paramédicos me deitaram numa maca e puseram soro no meu braço.

— Ela parece muito doente — ouvi um deles dizendo. — Está muito pálida. — Só eu estava usando máscara e soro. Alguém fechou as portas traseiras e a ambulância saiu chispando ao som da sirene: *Ueee-ooo! Ueee-ooo! Ueee-ooo!* Chegamos ao hospital em menos de dois minutos. Os paramédicos ajudaram as outras garotas a sair.

Uma equipe médica empurrou minha maca para um quarto à parte, e médicos e enfermeiras começaram a vir de todos os lados!

— Vou examinar você — uma delas disse. Ela estendeu a mão e tocou a minha perna, e eu a encolhi. Estava com vergonha, porque os pelos das minhas pernas pareciam um matagal. Não pude me depilar durante anos, era nojento. Quando a enfermeira viu que me encolhi, ela disse: — Tá tudo bem, meu anjo. — E acariciou o meu braço.

Dentro do hospital, eu não pude ver Gina e Amanda, embora quisesse. Alguém me disse que elas foram para casa no dia seguinte. Pelo que me diziam, eu estava doente demais para deixar o hospital tão cedo. Eu não estava me sentindo bem naquela manhã na casa, mas já me acostumara a me sentir péssima. Não fazia ideia de que estava praticamente à beira da morte.

Durante os dias seguintes, fiz todos os exames que se possa imaginar. Chorei durante a maioria deles. Devem ter espetado uma dúzia de agulhas nos meus braços. E eu não queria que nenhum médico ou enfermeiro chegasse perto de mim. Só me sentia à vontade com mulheres. A uma certa altura, uma enfermeira pediu que eu subisse numa balança. Ao entrar na casa, eu pesava uns 59 quilos. Naquele dia, a balança marcou 38.

Eu tinha uma lista enorme de problemas de saúde. Meu maxilar estava seriamente prejudicado pelas inúmeras vezes que o cara me socara no rosto.

Uma vez, ele bateu no meu queixo com um haltere — por isso minha pronúncia de certas palavras é esquisita. Também sofri danos graves nos nervos dos braços; eles tremem o tempo todo. Mas a pior sequela de todas foi uma infecção bacteriana que estava literalmente corroendo o meu estômago. Era um milagre eu estar viva naquele hospital.

Descobri que muita gente devia ter acompanhado minha história, porque dezenas de buquês de flores, balões e presentes começaram a se amontoar. Todas as superfícies do meu quarto estavam transbordando de coisas! Depois de me sentir invisível a maior parte da minha vida, era avassalador ter tanta atenção de repente. Mas eu me sentia muito grata. Pessoas que nem me conheciam estavam me demonstrando mais amor do que jamais senti em toda minha vida.

Assim que me deram permissão para ingerir alimentos sólidos, minha primeira refeição foi um cheesebúrger (sem mostarda!) do Steak ’n Shake e um milkshake do Dairy Queen. Ao menos uma vez, eu queria saborear um hambúrguer que não estivesse estragado. Um dos policiais saiu e comprou meu lanche pessoalmente. Quando mordi aquele hamburgão suculento, foi como ir pro paraíso! Um pouco do molho escorreu pelo meu queixo. O milkshake estava igualmente bom. Eu não tomava um havia anos — era tão geladinho descendo pela minha garganta.

Então me explicaram que eu precisaria de um advogado, e algumas pessoas rapidamente me ajudaram a encontrar um. Minha advogada disse que um pessoal do FBI me entrevistaria e gravaria tudo em vídeo. No dia seguinte, quando ela me levou para a reunião com o FBI, eu estava tão nervosa! *O que vou dizer? Como vou explicar tudo? As outras meninas vão estar lá?* Mas éramos só eu e eles. Duas mulheres me entrevistaram, enquanto mais algumas pessoas ouviam tudo atrás de uma parede. Eu não podia vê-las, mas elas me viam. Foi muito perturbador; odeio conversar quando tem mais gente ouvindo.

As duas mulheres fizeram um monte de perguntas sobre cada detalhe do que acontecera na casa e tudo o que eu passara, ano após ano. Elas tinham todos os meus cadernos, por isso presumi que a polícia os tivesse recolhido na casa. Às vezes eu dizia:

— Não lembro exatamente quando isto ou aquilo aconteceu; algumas datas se misturam na minha memória. Mas lembro o que aquele canalha fez comigo.

A primeira conversa durou horas, e precisei voltar para falar por mais uns dias, para dar mais informações a elas. Quando acabou, eu estava esgotada.

Meus dois irmãos, Eddie e Freddie, vieram me visitar no hospital. Eddie não pôde entrar no quarto, acho que por causa de alguma regra quanto ao número de

visitantes. Assim que Freddie e eu nos vimos, nós dois começamos a chorar. Da última vez que o vira, ele era adolescente — e agora tinha virado um adulto.

— Senti sua falta, mana! — ele disse.

— Eu também! — respondi. Nós nos abraçamos forte.

Eu estava emocionada demais para falar muito com ele. Além disso, não estava pronta para conversar sobre nossos pais. As lembranças do que eu enfrentara quando menina ainda eram dolorosas demais. Vê-los me faria lembrar tudo aquilo. Só havia uma pessoa que eu não via a hora de reencontrar — Joey.

— Vou precisar que todo mundo me dê espaço por algum tempo — eu disse a Freddie. — Preciso pensar no que vou fazer da minha vida quando sair daqui.

Freddie disse que entendia. Depois de alguns minutos, me abraçou de novo e foi embora. Quando estava saindo, me deu o número do seu celular.

— Quando você estiver pronta — ele disse —, me liga. — Eu balancei a cabeça.

Naquela mesma noite, eu disse aos funcionários do hospital que não queria receber mais nenhuma visita — nem de familiares. Meu coração não aguentaria. Eu queria ter privacidade e um tempo para começar a me recuperar.

— Não quer ver o resto da sua família? — minha advogada me perguntou várias vezes.

— Não quero falar disso agora — eu dizia.

Mais tarde, minha advogada contou que o FBI encontrara uma moradia assistida para mim.

— Você vai poder ficar lá em segurança até decidir o que quer fazer. — Ela disse que seria o melhor para mim, mas fiquei triste por não ter uma casa de verdade, minha, para onde voltar.

Eu saí do hospital em 10 de maio de 2013 — quatro dias depois da nossa fuga. Saí de lá discretamente, sobretudo porque não estava preparada para falar com a imprensa, nem com ninguém. Era assustador demais. Um motorista me levou para o meu novo lar, a moradia assistida. Rodamos pelo menos uma hora. Enquanto eu olhava a cidade pela janela, fiquei chocada em ver o quanto ela mudara. Havia prédios altos que eu jamais vira. A região do centro tinha novas casas e prédios de apartamentos. Até os ônibus urbanos pareciam diferentes; agora os motoristas ficavam atrás de divisórias de plástico. Do banco de trás, eu olhava aquela paisagem tão pouco familiar. Por 11 anos, a minha vida ficara parada, mas Cleveland e o resto do mundo seguiram em frente. Eu só podia lamentar.

26

Recomeçando

A MORADIA ASSISTIDA era um sobrado administrado por um casal. Os dois moravam numa área à parte, no andar de cima. No de baixo havia três quartos de casal, cada um ocupado por duas pessoas. Eram umas sete ou oito ao todo. Graças a Deus, eu tinha um quarto só para mim. E depois de 11 anos trancada no andar de cima, finalmente eu podia morar no térreo. Um dos moradores tinha 70 anos, outro, 85, e havia até um de 90 anos. Alguns meses depois, chegou um de 18 anos, e eu tive alguém mais próximo da minha idade para conversar.

Mas depois de passar 11 anos aprisionada, a última coisa que você quer é "assistência" num lar coletivo. O que você quer é liberdade. Quer controlar cada mínima decisão que outra pessoa ditava antes — como cozinhar suas próprias refeições. Eu não gostava da comida que eles faziam (quase tudo culinária polonesa), mas não havia muito o que fazer. E quando cheguei, as pessoas que tomavam conta do lugar ficavam tentando arrumar o meu quarto. Eu sei que elas só queriam ajudar, mas na verdade eu preferia fazer tudo sozinha.

Não me entenda mal: eu estava superfeliz e agradecida por estar a salvo, longe daquele maníaco. Você faz ideia do que é acordar e se dar conta de que ninguém vai te estuprar naquele dia? Como é maravilhoso ver a luz do sol entrando pela janela? Como é bom andar por aí sem uma corrente pesada presa ao punho ou ao tornozelo? É incrível. E quando você tem essa sensação, você quer sua independência total. Em outras palavras, você quer ter de volta sua vida toda.

Alguns dias depois de sair da casa, finalmente liguei a TV um pouco. MEU. DEUS. DO CÉU. Eu sabia que nossa fuga virara notícia — minha advogada me contara algumas partes da história —, mas até ver o noticiário, eu não tinha me dado conta de que o *mundo todo* estava falando de nós. Ouvi que Amanda contara à polícia como tinha percebido que o cara havia saído, quando ela desceu; ela notou que ele havia deixado a porta interna da frente destrancada. A porta de vidro tinha uma corrente, por isso só abria um pouco. Mas aquela fresta foi suficiente para que ela passasse o braço para fora. Um repórter contou que

Amanda começou a gritar por socorro e acenar. Eu não ouvi esses gritos do quarto, então imaginei que ela havia gritado enquanto Gina e eu estávamos ouvindo rádio.

Um morador negro do bairro, Charles Ramsey, contou aos policiais que ouviu os gritos enquanto estava em casa, comendo um sanduíche do McDonald's.

— Eu saí — ele disse numa entrevista — e vi uma garota enlouquecida, tentando sair de uma casa. Fui até lá e ela disse: "Me ajuda, eu tô aqui há muito tempo." Achei que fosse um caso de violência doméstica.

Ele e outro vizinho, um latino chamado Angel Cadero, arrombaram a porta de vidro a pontapés. Devem ter sido essas batidas que Gina e eu ouvimos, quando achamos que alguém estava tentando nos assaltar. Charles, Angel e todo o pessoal da polícia e do resgate, os médicos e as enfermeiras e todos os outros que nos ajudaram naquele dia, vão ser meus heróis para sempre.

Aqui está o que mais eu soube pelo noticiário: depois que Amanda saiu pela parte de baixo da porta de vidro, ela abraçou Jocelyn bem forte e atravessou a rua correndo até a casa de uma vizinha. De lá, ela ligou para o 911. Todos os telejornais e rádios de Cleveland repetiam a gravação do telefonema. Esta é uma parte da transcrição:

AMANDA: Me ajuda, eu sou Amanda Berry.

OPERADOR: Precisa de polícia, bombeiros ou ambulância?

AMANDA: Preciso da polícia.

OPERADOR: Certo, o que está acontecendo?

AMANDA: Eu fui sequestrada e tô desaparecida há dez anos, e eu, e agora tô aqui, tô livre agora.

OPERADOR: Certo, e qual é o seu endereço?

AMANDA: Seymour Avenue, 2207.

OPERADOR: Seymour, 2207. Parece que está ligando do número 2210.

AMANDA: Eu atravessei a rua, tô usando o telefone.

OPERADOR: Certo, fique aí com os vizinhos. Fale com os policiais quando eles chegarem.

Quando os policiais chegaram à casa do cara, Amanda disse que Gina e eu ainda estávamos presas lá dentro. De acordo com alguns relatos que ouvi, ela também disse que eles provavelmente encontrariam o cara na vizinhança, dirigindo um Mazda Miata azul conversível. Eu nunca vira esse carro, mas ele o usava quando levava Jocelyn para passear.

Acho que nunca vou conhecer cada detalhe do que aconteceu no dia da nossa fuga, porque fiquei no meu quarto até que a polícia subiu a escada. E não tive muita oportunidade de falar com Amanda depois que nos levaram na ambulância em 6 de maio. Meses depois, eu a vi por alguns minutos quando nós três gravamos um vídeo para a imprensa. Mas havia tanta gente em volta de nós que não pudemos conversar de verdade.

Pelo que minha advogada me contou, a polícia encontrou Ariel Castro no estacionamento de um McDonald's, sentado no seu Mazda, com um de seus irmãos, Onil. A polícia prendeu os dois, e mais tarde outro irmão, Pedro. Os irmãos foram soltos três dias depois, em 9 de maio, porque, segundo a polícia, não tinham nada a ver com o sequestro. Ambos disseram que visitaram a casa na Seymour, mas o cara os mantivera na cozinha. Eles disseram que o irmão sempre fora muito reservado, e que trancava muitas das portas com cadeado. Também disseram que não faziam ideia de que estávamos na casa e que, se soubessem, com certeza teriam avisado a polícia.

O comportamento que os irmãos descreveram bate com o que eu sabia sobre o cara. Ninguém era mais sorrateiro ou manipulador do que aquele monstro. Seu próprio filho, Anthony, disse que não fazia ideia do que o pai havia feito. Ele contou à imprensa que, algumas semanas antes da nossa fuga, seu pai lhe perguntara se ele achava que Amanda Berry ainda estava viva. Quando Anthony disse ao pai que achava que Amanda já morrera, o cara disse: "É mesmo? Você acha?" Na hora, Anthony achou aquilo esquisito, mas não fazia ideia de que seu pai mantinha Amanda em cativeiro.

Em retrospecto, acho que talvez o cara *quisesse* ser apanhado. Seu mundo todo estava desmoronando: ele perdera o emprego. Eu percebia que ele estava farto de sua vida. Perto do fim, andava dizendo coisas como: "Um dia vão descobrir o que eu fiz e me jogar no xadrez." Ele sabia que não conseguiria sustentar sua mentira por muito mais tempo, à medida que Jocelyn crescia. Provavelmente foi por isso que ele mencionou Amanda para o filho. Algo dentro dele talvez quisesse que alguém o prendesse, para que a loucura tivesse fim.

Durante o verão de 2013, eu acompanhei as notícias. A polícia indiciou o cara por quatro sequestros e três estupros. Eu pensei: *Só isso? Só três?* Mas em 26 de

julho, ele se declarou culpado para a acusação de 937 crimes, incluindo estupro, agressão e assassinato. *Isso tá mais perto da verdade*, pensei.

Como parte do acordo com a promotoria, ele seria sentenciado à prisão perpétua sem direito à condicional — e sua casa nojenta seria demolida. Algumas coisas que ele disse no tribunal me deixaram furiosa. Ele falou de seu vício em pornografia e de como sofrera abusos quando criança. Eu já tinha ouvido tudo aquilo antes. Muitas pessoas sofrem abusos, e nem por isso saem e sequestram três mulheres. Eu não sentia pena dele; ainda estava com raiva.



ANTES DA AUDIÊNCIA EM QUE O CARA foi condenado, no dia 1º de agosto, eu decidira que queria depor. Meus advogados não acharam boa ideia. Acho que queriam me proteger de vê-lo novamente.

— Preciso encarar o meu demônio — eu disse a eles. — Quero falar no tribunal. Não vejo problema em fazer isso.

Algumas semanas antes da audiência, Gina e eu conversamos por telefone.

— Você vai depor? — perguntei a ela.

Ela suspirou.

— Acho que não tô pronta — ela me contou. — Você vai?

— Com certeza — eu disse a ela. — Não quero me lembrar disso depois e me arrepender de não ter ido.

Gina não depôs, e para ela, essa foi a escolha certa. Sua prima, Sylvia Colon, deu um depoimento em nome dela e da família. Minha advogada me contou que Amanda tampouco pretendia aparecer no tribunal; sua irmã, Beth Serrano, falaria em nome dela. Cada uma de nós precisou escolher o próprio caminho. Eu decidi escrever um pronunciamento e falar, sobretudo porque senti que seria uma maneira de começar a me curar. Todo dia, naquela casa, aquele homem fazia as coisas mais horríveis comigo. Eu queria provar a ele e ao mundo que ele podia ter me machucado muito, mas não me vencera. No final, eu ainda estava viva. Continuava forte.

No dia da leitura da sentença, não pensei muito no que iria vestir. Só pus um vestido que eu tinha. Não estava preocupada com o que os outros pensariam de mim, ou em como soaria o meu depoimento. Entrei no tribunal e me sentei ao lado dos meus advogados. Quando vi o cara pela primeira vez, foi um pouco assustador. O tempo todo, sentado a uma mesa, algemado, ele ficou me

encarando. Parecia querer dizer com os olhos: “Por favor, fala pra eles que eu não fiz nada errado.”

Eu senti nojo. Ele parecia mais magro do que quando eu estava na casa. Acho que não estava gostando muito da comida que lhe davam na prisão. *Agora você sabe como eu me sentia*, pensei. Ele estava um pouco mais asseado, mas continuava feio como sempre. Especialmente usando aquele uniforme laranja.

As parentes de Gina e Amanda falaram antes de mim. Quando eu finalmente subi ao banco para ler meu pronunciamento, minhas mãos estavam tremendo, como de costume. Mas à parte isso, eu me sentia muito calma:

Boa tarde. Meu nome é Michelle Knight. E eu gostaria de contar a vocês como isso foi, para mim. Eu sentia falta do meu filho todo dia. Me perguntava se um dia voltaria a vê-lo. Ele tinha só 2 anos e meio quando eu fui capturada. Eu olho dentro do meu coração e vejo o meu filho. Eu chorava toda noite. Estava tão sozinha. Todo dia me perguntava o que aconteceria comigo e com as outras garotas. Os dias nunca encurtavam. O dia virava noite. A noite virava dia. Os anos viravam uma eternidade.

Eu sabia que ninguém se importava comigo. Ele me dizia que minha família não se importava até nas festas de fim de ano. O Natal era o dia mais traumatizante, porque eu nunca podia passá-lo com meu filho. Ninguém deveria sofrer o que eu sofri, ninguém mesmo, nem o pior inimigo.

Gina era a minha parceira. Ela nunca me deixava fraquejar. Eu nunca a deixava fraquejar. Ela me fez recuperar a saúde quando eu estava morrendo por causa dos abusos dele. Minha amizade com ela foi a única coisa boa que resultou dessa situação. Nós dizíamos que um dia sairíamos de lá vivas, e conseguimos.

Ariel Castro, eu me lembro de todas as vezes que você chegou em casa falando das coisas erradas que os outros faziam, como se você não estivesse fazendo o mesmo. Você dizia: pelo menos eu não te matei. Mas você roubou 11 anos da minha vida, e agora eu a recuperei. Eu passei 11 anos no inferno, e agora o seu inferno está apenas começando.

Eu vou superar tudo o que aconteceu, mas você vai enfrentar o inferno por toda a eternidade. Deste momento em diante, não deixarei que você me

defina, nem que afete quem sou. Eu vou viver. Você vai morrer um pouco a cada dia.

Enquanto você pensa nos 11 anos e nas atrocidades que infligiu a nós, o que será que Deus acha de você indo hipocritamente à igreja aos domingos, e nos torturando ao voltar para casa? A pena de morte teria sido tão mais fácil. Você não a merece. Merece passar o resto da vida na prisão. Posso te perdoar, mas jamais vou esquecer. Guiada por Deus, vou superar e ajudar outros que sofreram nas mãos de alguém.

Escrever este pronunciamento me deu o poder de ser uma mulher mais forte, e de saber que o bem existe. Existe mais bem do que mal. Eu sei que muitas pessoas estão passando por momentos difíceis, mas nós precisamos estender a mão, abraçá-las e fazer com que saibam que estão sendo ouvidas. Depois de 11 anos, eu finalmente estou sendo ouvida, e isso é libertador. Obrigada a todos vocês. Amo vocês. Deus os abençoe.

Depois que terminei de ler, eu me sentia tão livre, mas era uma liberdade diferente daquela que conquistei em 6 de maio. Sair da casa foi a liberdade para o meu corpo; comparecer no tribunal foi a liberdade para as minhas emoções e o meu espírito. Quando voltei para o meu lugar, minha advogada e algumas outras pessoas me abraçaram, e eu chorei. Não chorei porque estava triste. Foram lágrimas de felicidade e de alívio.

Permitiram que o cara falasse durante a audiência da sentença.

— As pessoas estão tentando me retratar como um monstro, e eu não sou um monstro — ele disse. — Eu sou doente.

Essa última parte foi a única verdade que saiu de sua boca naquele dia. Ele alegou não ser violento. Teve até a audácia de dizer que o sexo entre nós era "consensual" e que havia "harmonia" na casa. Quando aquilo terminou, senti que foi feita justiça. O juiz lhe deu a mais pesada pena possível: prisão perpétua sem direito à liberdade condicional, mais mil anos.

Cerca de um mês depois que saiu a sentença, a mulher que administrava a moradia assistida veio ao meu quarto falar comigo.

— Você viu o noticiário hoje? — ela perguntou. Eu não tinha visto. — Então preciso te contar uma coisa — ela disse. — Ariel Castro se matou hoje.

Eu disse a ela que queria ficar sozinha. Mais tarde, liguei a TV para saber dos detalhes: o cara havia se enforcado com um lençol. Eu fiquei sentada ali,

chorando. *Que canalha!* Eu queria que ele ficasse apodrecendo em sua cela aos poucos pelo resto da vida, como me forçara a fazer.

Na manhã seguinte, liguei para Gina. Ela soubera da notícia, e disse que também chorara. Estava com tanta raiva quanto eu em ver que ele usara a saída dos covardes.

— Ele não conseguiu aguentar nem um mês da tortura que fazia a gente passar — eu disse a ela.

Algumas semanas depois, quando veio a notícia de que ele havia se matado tentando uma coisa chamada "autoasfixia erótica" (basicamente, usou o lençol para se sufocar, para tornar seu orgasmo mais intenso), não fiquei surpresa. Imaginei que ele tirara a ideia daquele programa que via, sobre fetiches esquisitos.



GINA E EU conversamos por telefone algumas vezes, depois daquele dia. Ela foi minha melhor amiga naquela casa, a pessoa à qual eu estava literalmente acorrentada. Eu queria falar com ela todos os dias. Mas com o passar dos meses, os telefonemas foram escasseando. Como eu, ela precisava organizar seus sentimentos e tomar as próprias decisões. Eu precisava respeitar sua escolha de seguir em frente. Se não fosse pela ajuda de Gina naquela casa, eu não estaria aqui. Serei grata pelo resto da vida por sua amizade.

Pouco depois de ir para a moradia assistida, comecei a me tratar com uma psicoterapeuta. Para ser sincera, achei difícil me abrir com ela sobre o que eu sentia. Não é fácil falar com alguém que você não conhece. Embora ela fosse uma mulher muito gentil, não poderia tomar o lugar de Gina. Só mais duas pessoas neste mundo fazem ideia do que eu passei — Gina e Amanda.

As pessoas se aproximam de mim na rua o tempo todo e perguntam: "Como você está?" Eu sei que elas são bem-intencionadas. Mas, na verdade, não dá para explicar a alguém como é passar do convívio com uma amiga num colchão sujo a se sentir de repente sozinha no mundo. É impossível, para alguém que não passou por isso, entender como é, mesmo quando a pessoa quer realmente o seu bem. Por isso fico escrevendo no meu diário e desenhando muito. Isso preserva a minha sanidade.

O FBI levou vários meses para devolver meus cadernos de espiral. Eu li todos eles, todas as lembranças dolorosas. Às vezes eu precisava parar de ler, porque aquilo era demais. Mas, de certa forma, era por isso que eu precisava lê-los. Para

superar algo terrível, às vezes você precisa caminhar através da dor, não em volta dela. Pode ser difícil. Pode fazer você soluçar. Mas se você se deixar chorar por tempo suficiente, finalmente chegará ao fundo de suas lágrimas. Eu ainda não cheguei ao fundo, mas sei que um dia vou chegar.



As pessoas me perguntam o tempo todo de onde tirei forças durante aqueles 11 anos no inferno. A resposta se resume a uma só palavra: *Joey*. Gina me ajudou a manter a esperança nos meus momentos mais tenebrosos, mas a esperança em si era o meu filho. Meu ursinho. Meu motivo para acordar toda manhã. Desde o momento em que tive que dizer adeus a ele, sempre o tive no meu coração. O desejo de tê-lo de volta é o que me tem mantido respirando. Estou aqui hoje por causa dele. Às vezes, as pessoas se mantêm vivas umas pelas outras. Eu me mantive viva por Joey.

Enquanto eu ainda estava no hospital, tinha uma pergunta importante para a minha advogada:

— Como Joey está?

Ela limpou a garganta, me olhou nos olhos e falou baixinho.

— Bem — ela disse —, ele foi adotado por uma família maravilhosa quando tinha 4 anos.

Eu olhei para baixo e tentei conter as lágrimas. Fiquei feliz por ele estar em boas mãos, mas queria tanto vê-lo.

— Eu vou poder vê-lo de novo? — perguntei.

Ela fez uma pausa.

— Não sei — ela disse finalmente. — Vamos ter que estudar isso.

Não consegui mais conter o rio de lágrimas. Afundei o rosto nas mãos e chorei por uma hora.

De início, essa notícia partiu meu coração, mas agora já consigo entender. Minha advogada me explicou que a família adotiva do meu filho não quer que eu entre em contato direto com ele. Eles temem que isso seja perturbador demais para ele, e por mais que eu queira abraçá-lo tão apertado e compartilhar tantas coisas com ele, também tenho esse medo. Joey deve ter visto a notícia da minha fuga no noticiário, mas não sei se ele faz ideia de que sou sua mãe. Aliás, não sei nem se sua nova família o chama de Joey. Podem ter mudado seu nome ao adotá-lo. Se eu aparecesse do nada, isso poderia virar seu mundo do avesso. Eu o amo demais para fazer isso.

Eu disse à minha advogada que queria escrever para os pais adotivos de Joey. Ela respondeu que poderia entregar uma carta a eles por intermédio do FBI. Então, uma noite, eu me sentei e escrevi minha carta. Aqui está uma parte do que ela dizia:

A Quem Possa Interessar:

Obrigada por cuidarem do meu filho na minha ausência. Sinto paz de espírito em saber que meu filho esteve em boas mãos durante os 11 anos em que fui refém. Eu pensava nele com frequência e sonhava em como ele seria quando pequeno, seus primeiros passos, suas primeiras palavras, seu primeiro dia de aula, as coisas de que ele gosta e não gosta, e como sua personalidade estaria se desenvolvendo. Me perguntava se ele gosta de cantar como eu, se é tímido ou falante, e do que ele gosta de brincar. Com o passar dos anos, ficava pensando se ele gosta mais de beisebol ou de futebol. Eu queria ter uma foto dele. Ficaria tão grata se vocês fizessem a bondade de me mandar uma fotografia do meu filho quando bebê e já maiorzinho. Sei que vocês serão sempre os pais dele, e isso não vai mudar. Não vou tentar tirá-lo de vocês. Só espero que possam me ajudar a preencher o buraco que tenho no coração com quaisquer fotos ou histórias que estejam dispostos a compartilhar comigo.

A família do meu filho fez a gentileza de responder. Por isso eu pude me sentar no escritório da minha advogada, naquele dia, e ver as fotos de Joey. Essas fotos são um tesouro, para mim. Toda manhã, eu as tiro do lugar seguro onde as guardo e as espalho sobre a mesa. Olho para elas e fico pensando em como meu filho está. O que o fez rir no dia anterior. Quem são seus amigos agora. Nunca vou me cansar de olhar essas fotos. Também nunca vou desistir de esperar por um milagre — que eu possa abraçar meu filho só mais uma vez.

Não sei se vou rever Joey um dia. Sinto mais falta dele do que você possa imaginar. Ao mesmo tempo, eu o amo tanto que não quero perturbar sua vida. Ele tem uma nova família, agora. Está num ambiente bom. Eu jamais o arrancaria de seu mundo só para que ele pudesse estar no meu. Às vezes você precisa gostar das pessoas do jeito que elas precisam que você goste. Eu preciso amar Joey o suficiente para abrir mão dele. E foi o que fiz.

Sem Joey, eu fiquei só comigo mesma. Uma garota que já morou debaixo da ponte. Uma jovem mãe que precisou abandonar a escola. Uma mulher que ficou trancafiada por 11 longos anos. Ainda estou tentando descobrir que direção seguir; em muitos dias, sinceramente, me sinto perdida. Eu passo muito tempo

me perguntando: posso mesmo ser feliz sem meu filho? Quem eu era antes de tê-lo? E por que tantas coisas terríveis aconteceram comigo, afinal? Não tenho todas as respostas. Provavelmente nunca terei. Mas percebi que a minha vida não vai melhorar se eu ficar remoendo tudo o que passei. Preciso olhar para a frente.

Os horrores aos quais sobrevivi não precisam me definir — e, com a ajuda de Deus, não permitirei isso. Um dia de cada vez, um passo de cada vez, estou decidindo seguir em frente. Depois de rastejar para fora de um quarto escuro rumo a uma nova vida, esse é o melhor presente que posso dar a mim mesma.

Posfácio

Uma vida recuperada

ENQUANTO EU AINDA estava naquela moradia assistida, a “casa dos horrores” de Ariel Castro foi demolida em 7 de agosto de 2013. Àquela altura, a polícia já havia terminado as buscas. Graças a Deus, não encontraram nenhum cadáver no imóvel do cara. Mas encontraram 22 mil dólares em dinheiro que ele amontoara na secadora de roupa. Os investigadores ofereceram esse dinheiro para mim, Gina e Amanda. Nós três recusamos porque queríamos que ele fosse usado para fazer melhorias no bairro. A meu ver, aquele era dinheiro sujo, e a única maneira de limpá-lo era usá-lo para fazer algum bem.

Decidi estar lá de manhã cedo no dia da demolição.

— Tem certeza que você quer ir? — minha advogada perguntou.

— E como — respondi. — Eu quero, sim.

Eu quis ir pelo mesmo motivo que me levou a falar no tribunal. Era mais uma maneira de me curar. A demolição estava marcada para as 7h30, mas eu cheguei ao local mais cedo para distribuir balões amarelos entre as dezenas de pessoas presentes ao longo de toda a Seymour Avenue.

— Tome — eu disse a uma mulher ao lhe entregar um balão. — Isto simboliza uma das centenas de pessoas que ainda estão desaparecidas.

Por que eu quis distribuir os balões? Porque queria que cada uma daquelas mães fosse forte e mantivesse a esperança. Eu queria que todas as vítimas que gritam por ajuda soubessem que não as esquecemos. Estamos ouvindo suas vozes — e jamais vamos parar de procurá-las. Naquela manhã, eu e muitos outros deixamos nossos balões flutuarem para o céu. Foi uma visão linda.

Pouco antes que o guindaste derrubasse o quarto cor-de-rosa no andar de cima da casa, eu fui embora. Queria muito ficar, mas minha advogada quis me proteger de ser massacrada por entrevistas demais para a mídia. Na volta, fiquei pensando em todos os anos desperdiçados naquela casa. Em todas as vezes que sofri abusos. Em todos os dias que chorei de tanto sentir falta de Joey. Às vezes, para passar a algo melhor, primeiro você precisa eliminar algo ruim. Era por isso

que aquela casa precisava ser demolida. Também é por isso que estou tentando me libertar das lembranças das muitas coisas pavorosas a que sobrevivi ali.

Minha casa da esperança — é como chamo o lugar para onde finalmente me mudei, por volta do feriado de Ação de Graças de 2013. Isso mesmo: agora tenho um apartamento só meu, pela primeira vez! Que eu adoro. É sério. As paredes são de um verde-claro viçoso. É tão calmante. Faz com que eu me sinta ao ar livre, uma sensação ótima, depois de passar tantos anos trancada num ambiente fechado. A sala de estar tem duas janelas enormes, e a luz a invade toda manhã. Muitas vezes por dia, fico na janela só para absorver a luz do sol. E à noite, também fico olhando o céu, a lua e as estrelas. Acho que nunca vou me cansar de olhar pela janela. É a vista mais incrível do mundo.

As coisas mais banais me deixam feliz, nesse apartamento. Por exemplo, eu acordo e faço meu café toda manhã. Depois posso ler um livro ou pintar — *eu decido* o que quero fazer. Ultimamente, comecei a me interessar muito por aquarelas, e pinto muitas flores e céus azuis. Às vezes, à tarde ou à noite, vejo TV. E me deixe dizer uma coisa: posso ver o canal que eu quiser. Às vezes, quando estou passando pelos canais e vejo algum negro na tela, fico vendo aquele canal um tempão — só porque posso! É meu jeito singelo de exorcizar o cara, que nunca me deixava ver nenhum programa com afro-americanos. Alguns dos meus programas favoritos são *The Vampire Diaries*, qualquer um dos seriados *CSI* e *Dancing with the Stars*. E, como Joey, adoro todos os esportes, especialmente beisebol e basquete. Vai, Cleveland Cavs!

À noite, antes de me deitar, às vezes escrevo no meu diário. Meu novo diário é cor-de-rosa e tem a palavra “Amor” na capa. Nas festas de fim de ano, me diverti muito com ótimos novos amigos, que conheci depois que saí da casa. Foi isto que escrevi sobre meu primeiro Natal no novo apartamento: “Hoje, que os corações de todos nós fiquem leves e cheios da alegria do Natal. Eu vou curtir meus amigos. Vou agradecer por Joey e rezar para que ele esteja bem. Agradecerei a Deus pelas Suas bênçãos. E sempre vou lembrar que o verdadeiro significado do Natal vem do coração.” Troquei alguns presentes com meus amigos, mas já tinha o maior presente de todos — minha liberdade. Eu tenho minha vida de volta.

Algumas pessoas me perguntam se quero ter outro filho. Adoro crianças, mas por causa dos danos físicos causados pelo cara, não vou poder engravidar de novo. Mas quero, sim, ter filhos na minha vida. Você não tem que ser mãe biológica para compartilhar seu amor com uma criança que precisa de você. Existem tantas crianças sofrendo e desesperadas no nosso mundo. Portanto, nos

próximos anos, vou procurar maneiras de oferecer amor a elas, o tipo de amor que eu sempre quis ter mais na minha vida.

Até lá, eu tenho outro pequenino para cuidar — finalmente ganhei um filhote! É um chihuahua, e é a coisa mais linda. Às vezes, vê-lo me faz pensar no meu doce Lobo, e aí fico um pouco triste. Mas ele é tão cheio de energia e alegria que é difícil ficar deprimida quando está por perto.



ASSIM QUE ESCAPEI da casa, percebi na hora o quanto Cleveland havia mudado, só de andar de carro pela cidade. Mas desde então, também vi quantas outras coisas mudaram no país todo! Para começar, eu nunca tinha usado um smartphone. Alguém me deu um iPhone de presente, e eu não sabia nem ligar aquele treco. Por sorte, alguém na moradia assistida me ensinou a usar. Isso sem falar do Facebook, Twitter, e-mail, SMS e todas as outras maneiras de manter contato com as pessoas. Por um lado, é tudo ótimo. Mas eu acho que pode ser avassalador. Quando sinto isso, simplesmente desligo tudo e fico escrevendo no meu diário, cantando (adoro qualquer música da Mariah Carey) ou pintando (vermelho é a minha cor favorita para flores, e azul é a cor que sempre me faz lembrar meu filho).

Perdi muita coisa enquanto estava naquele calabouço: o furacão Katrina, o tsunami na Ásia, o terremoto no Haiti e o furacão Sandy. Michael Jackson e Whitney Houston morreram enquanto eu estava aprisionada. A economia toda ficou de ponta-cabeça e muita gente perdeu a moradia e o emprego. Elegemos nosso primeiro presidente afro-americano. Saddam Hussein foi morto. Eu ouvira algumas dessas coisas no rádio enquanto estava na casa, mas nunca pudera falar sobre elas com pessoas do mundo lá fora. Assim, quando cheguei à moradia assistida, eu precisava muito me atualizar. As pessoas daquela casa podiam ser idosas, mas tive conversas muito boas com várias delas.

Nos sábados à noite, adoro sair para dançar. Algumas amigas vão comigo. Hip-hop é o que eu mais gosto. Quando estou na pista de dança, me sinto tão relaxada. Depois de ficar acorrentada por 11 anos e obrigada a fazer xixi num balde, sair para dançar não parece algo corriqueiro. É tão maravilhoso poder se mover livremente. E eu adoro cantar: canto junto quando ouço Katy Perry, Rihanna e muitos outros.

Aos domingos, comecei a ir à igreja. Visitei algumas, e encontrei uma que tem músicas legais pra caramba — talvez eu até entre para o coral. Mas posso ir

a mais algumas antes de escolher. Também espero encontrar aquela igreja aonde eu ia quando estava sem teto. Queria saber se Arsenio continua lá. Adoraria vê-lo e lhe agradecer por ser tão legal comigo, quando eu estava morrendo de fome e de frio.

Perto do final de 2013, um grande sonho meu se realizou: eu visitei a Disney. Quando meu filho era pequeno, eu queria muito levá-lo para ver o Ursinho Puff, Mickey e Flor, a gambazinha de *Bambi*. Depois que eu dei uma entrevista para o *Dr. Phil Show*, o dr. Phil e seus produtores foram uns doces e organizaram a viagem toda para mim (muito obrigada, dr. Phil!). Peggy, minha advogada, foi para Los Angeles comigo. Eu sei que você pode achar loucura, mas aquela foi a primeira vez que entrei num avião.

Fiquei tão empolgada que exagerei na bagagem.

— Senhorita, pode chegar aqui para o lado um momento? — uma das agentes de segurança me pediu, quando chegamos ao portão. Eu tinha acabado de pôr minha mala no aparelho de raios X, e tinha uma garrafa enorme de água dentro. Além disso, eu levava um tubo grande de creme dental e um frasco de enxaguante bucal bem por cima.

— Não pode levar esses líquidos para o compartimento de passageiros do avião — a agente me disse. — Só volumes abaixo de 100 ml. A senhorita precisa voltar e despachar essa mala no check-in, ou então vou ter que jogar os líquidos fora.

Eu olhei para ela, intrigada.

— Mas eu não sabia que não podia levar líquidos.

Ela me encarou.

— Essa é a norma há pelo menos uns dez anos — a mulher disse.

Foi então que Peggy interrompeu:

— Bem, você nem faz ideia de onde ela estava nos últimos dez anos!

Ambas rimos um pouco, e a agente deve ter achado que éramos duas malucas, ou algo assim. Acabei tendo que voltar lá para o balcão de check-in e despachar a mala. De agora em diante, eu conheço as regras!

Quando decolamos, eu não conseguia parar de olhar pela janelinha.

— Me sinto perto do paraíso! — eu disse a Peggy. Ela só balançou a cabeça e sorriu. Tenho certeza de que era só mais uma viagem para muitos dos passageiros, naquele dia. Mas para mim era todo um mundo novo, cheio de céus azuis e das nuvens mais fofinhas que eu já vira (fiquei tão assombrada quando passamos bem no meio delas!). Depois que pousamos, indo de carro para o hotel, fiquei tão surpresa com o tamanho de Los Angeles. E havia milhares de

carros nas estradas, talvez até milhões! Não gostei tanto do trânsito, mas o clima de lá é imbatível. Fez 23 graus o tempo todo que passei lá. Perfeito.

Agora que já vi o Mickey (muito legal!), tenho tantos outros sonhos. Quando as pessoas me veem na rua, muitas me param e me perguntam: “O que você vai fazer agora?” Bem, eu já voltei a estudar. Em janeiro, comecei um curso de culinária. Durante no mínimo dois anos, vou preparar todo tipo de pratos — espanhóis, franceses, italianos e, claro, americanos. Até agora, estou adorando.

Um dia, quero abrir um restaurante. Quando você oferece a alguém uma bela refeição, é como dar um pedacinho do seu coração. Espero que pessoas do mundo todo venham comer o que vou cozinhar.

Quero abençoar outras pessoas, tanto quanto fui abençoada. Sempre que digo isso, algumas pessoas parecem surpresas por eu ver minha vida como uma bênção, depois de todas as coisas terríveis por que passei. Mas a bênção é que eu saí viva de tudo aquilo. Ainda estou aqui. Ainda respirando todo dia. E ainda capaz de fazer alguma coisa pelos outros. Não existe bênção maior do que essa.

FALAR DA MINHA FAMÍLIA tem sido uma das coisas mais difíceis, desde que escapei daquela casa. Para começar, não tive notícia nenhuma do meu pai desde que saí. Não sei onde ele está, nem mesmo se ainda está vivo. Quanto à minha mãe, muita gente não entende por que não quero revê-la. Bem, quando saí do hospital, comecei a acompanhar o noticiário. Vi em matérias minha mãe dizendo que eu, quando pequena, a ajudava a trabalhar numa horta, e que eu dava maçãs para o pônei de estimação de um vizinho. Eu só pensava: *Como é que é? Ela tá falando de quem?* Isso nunca aconteceu!

Por meio do seu advogado, minha mãe deu a seguinte declaração: “Michelle, minha filha, foi vítima de uma tortura prolongada, profunda e indescritível. Seu ponto de vista foi alterado por aquele monstro e pelo que ele fez com ela. O que eu soube que ela disse a meu respeito parte o meu coração. Porque aquilo que ela agora acredita, embora não seja verdade, aumenta a sua dor. Eu amo a minha filha. Sempre amei e sempre amarei. Rezo para que um dia ela se recupere o suficiente para voltar a saber disso.”

O que eu posso dizer é isto: havia muita dor na minha infância. Mas não estou aqui para culpar minha mãe ou fazê-la sentir remorso. Agora que estou mais velha, entendo que quando você enfrenta muita dor, simplesmente faz o melhor que pode para suportá-la. Talvez seja isso que tenha acontecido com minha mãe.

Como todos, sei que ela teve alguns momentos difíceis na vida, e espero que tudo dê certo para ela. Mas quanto a voltar a entrar em contato com ela, essa não é a melhor decisão para mim, no momento. Eu preciso de espaço para seguir com minha vida numa nova direção.

Sinto falta de verdade de alguns outros parentes, como meus irmãos e minhas primas Lisa, Deanna e April. Mas temo que, se eu entrar em contato com uma pessoa da família, isso acabe me levando a ter contato com a minha mãe, e não estou pronta para isso. Espero sinceramente que um dia ela entenda meu ponto de vista. Mas mesmo se ela não entender, preciso pensar no futuro e tentar encontrar um pouco de felicidade.

E também tem o cara. Eu acho que o mundo espera que eu o odeie pelo resto da vida, e não vou mentir: em muitos dias, ainda fico muito furiosa com as coisas que ele fez comigo. Mas, aos poucos, estou aprendendo a me libertar do ódio. Não estou dizendo que ele merece ser desculpado pelo que fez. O que estou dizendo é que *eu* mereço ser livre. E não vou conseguir ter liberdade se ficar carregando todo dia ressentimento e amargura. O perdão é a única maneira de recuperar realmente a minha vida. Se eu não o perdoar, será como se ele tivesse me aprisionado duas vezes: primeiro enquanto me prendeu em sua casa, e agora, mesmo depois de ir embora. Estou me libertando do ódio que sinto por ele para ter minha vida de volta de verdade.

Eu não sei por que minha vida foi do jeito que foi. Às vezes me pergunto: qual a finalidade de toda essa dor que eu vivi? Por que Deus não pode tornar possível que nunca passemos por dificuldades? Um dia, no céu, vou ter que perguntar isso a Ele. Mas por enquanto, o único sentido que posso dar a tudo o que aconteceu é este: todos nós enfrentamos dificuldades. Podemos não querer isso, mas enfrentamos. Mesmo não entendendo minha dor, preciso transformá-la em algum tipo de propósito.

Quando eu estava à beira da morte naquela casa, Deus me manteve viva por um motivo. Acredito que o motivo foi para que eu pudesse ajudar outros que estiveram numa situação como a minha. Quando me sinto perdida, é a esse propósito que me agarro. Ser uma voz para os que não podem falar, compartilhar o amor com as pessoas ao meu redor — somente dessa forma serei capaz de me encontrar de novo.

Agradecimentos

Nada disso teria acontecido sem o dr. Phil. Ele falou em meu nome e ajudou as pessoas a se identificarem com a minha história, para que eu pudesse começar uma nova vida. Serei sempre grata a ele.

Gostaria de agradecer aos meus agentes literários, Jan Miller e Lacy Lynch, por seu empenho, ajuda e orientação neste livro. Obrigada também à equipe da Dupree/Miller: a presidente Shannon Marven, Nena Madonia, Ivonne Ortega e Nicki Miser por seu esforço e apoio.

Também quero agradecer a Harvey Weinstein; ao presidente do Perseus Books Group, David Steinberger; à diretora editorial Amanda Murray; à diretora de publicação Georgina Levitt; e à diretora de publicidade Kathleen Schmidt. Muito obrigada a Leslie Wells por sua edição cuidadosa.

Fico grata a Michelle Burford por me ajudar a escrever este livro; a Christine Marra pelo trabalho de produção; a Deborah Feingold pela foto da capa; e a Laura Hanifin pela pesquisa fotográfica.

Agradecimentos imensos ao meu amigo, o pastor Angel Arroyo Jr., bem como a Charles Ramsey e Angel Cordero. Obrigada ao comandante Keith Sulzer e ao departamento de polícia de Cleveland, a Anna Faraglia e à promotoria do condado de Cuyahoga; à equipe do Metrohealth Hospital; aos contribuintes do Cleveland Courage Fund; a Tim Kolonick, Jennifer Meyers e Lisa Miriello, do FBI; à sucursal dos Guardian Angels de Cleveland e a Bob Friedrick. Obrigada também aos meus amigos do Lar de Idosos Happy Days. E um grande agradecimento à produtora executiva do programa *Dr. Phil*, Carla Pennington, e às produtoras jornalísticas Erin Parker e Sarah Carden por toda a ajuda, e por serem minhas amigas.

Gina e Amanda, obrigada por serem minhas companheiras e melhores amigas durante os 11 anos que passamos juntas. Que Deus abençoe todos os anos de sua liberdade.

Finalmente, obrigada a Abdoul Rahim AbdoulKarim, e a todos da Giffen & Kaminski, LLC; e especialmente à minha advogada, Peggy Foley Jones, pelos seus sábios conselhos, e por sempre estar ao meu lado.

Caderno de fotos



Classe de alfabetização



Primeiro ano



Quinto ano



Ensino fundamental



Nono ano



Uma das casas onde morei com minha família. (*cortesia de Robert Friedrick*)



A ponte debaixo da qual morei quando fiquei sem teto. (*cortesia de Robert Friedrick*)



A casa de Castro. (© *AP Images/Tony Dejak*)



O pesado capacete de motociclista que o cara punha na minha cabeça. (© *AP Images/Tony Dejak*)

A peruca que ele me fazia usar quando me levava para o quintal dos fundos. (© *AP Images/Tony Dejak*



O porão nojento onde eu ficava acorrentada a um mastro. (© *AP Images/Tony Dejak*)



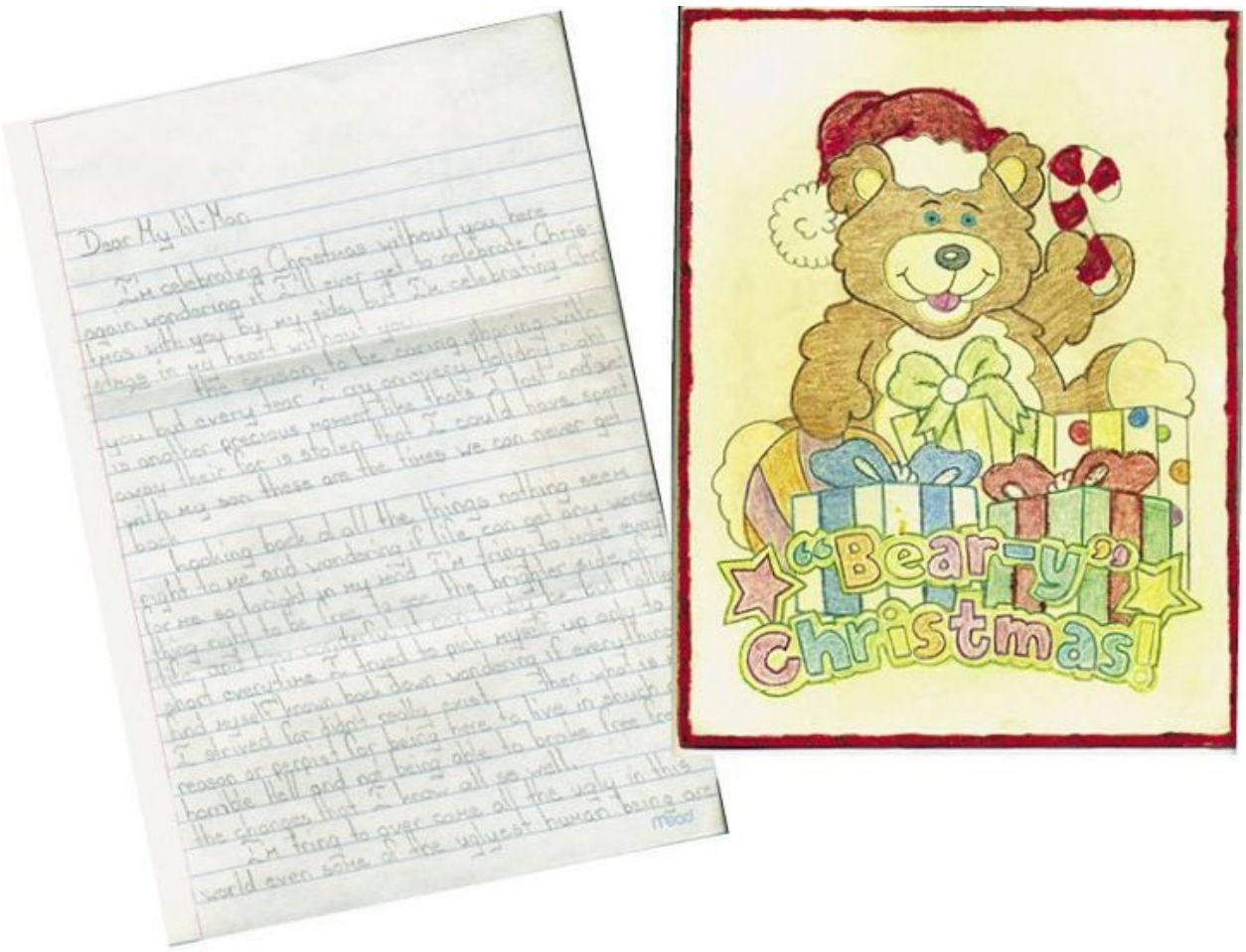
O colchão no quarto cor-de-rosa, onde fui torturada por anos. (© *AP Images/Tony Dejak*)



Corrente presa à parede do quarto cor-de-rosa. (© *AP Images/Tony Dejak*)



Correntes e cadeados. (© *AP Images/Tony Dejak*)



Uma de minhas muitas cartas e desenhos de Natal para Joey. (*Cortesia de Michelle Knight*)



O quarto branco contíguo ao cor-de-rosa. (© *AP Images/Tony Dejak*)


D

O banheiro imundo do cara. (© *AP Images/Tony Dejak*)



A porta com a pesada cortina na escada que descia para o térreo. (© *AP Images/Tony Dejak*)



Alarmes que o cara instalou na porta da casa. (© *AP Images/Tony Dejak*)



Depondo contra o cara no tribunal. (© *AP Images/Tony Dejak*)



Um dos meus bons amigos, o pastor Angel Arroyo, Jr. (*Cortesia de Luis Gonzalez, Sr.*)



Com um dos meus heróis, o dr. Phil. (*Cortesia do* Dr. Phil Show/*Jared Manders*)



Com minha advogada, Peggy, e minha amiga Tricia. (*Cortesia de Deborah Feingold*)



No primeiro espetáculo da Broadway que eu vi, *Kinky Boots*, com o ator Billy Porter, que interpreta Lola. (*Cortesia de Lacy Lalene Lynch*)



Aqui estou eu no curso de culinária. (*Cortesia de Linda Fazio*)



Estou tão feliz de começar minha nova vida. (*Cortesia de Lacy Lalene Lynch*)